



.....

BRASILEIRAS CÉLEBRES

*Joaquim Norberto
de Sousa e Silva*

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 228



Código Filipino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal. As Ordenações Filipinas são um conjunto de leis tanto de direito material quanto de direito processual mandadas recopilar por el-Rei Filipe I. Passou a vigor em 1603, quando Portugal encontrava-se sob o domínio da Coroa Espanhola (1580 a 1640). Sucedeu às Ordenações Afonsinas e às Ordenações Manuelinas. A presente edição, fac-similada da 14a edição, de 1870, traz a introdução e comentários do jurista Cândido Mendes de Almeida, que constituíam originalmente o livro que o autor denominou de Auxiliar Jurídico, com o fito de facilitar o entendimento do Código Filipino. Esta edição conta, igualmente, com erudita introdução do Ministro José Carlos Moreira Alves, situando o autor e a obra.

A Casa de Cunhaú traça a genealogia da família Albuquerque Maranhão e sua importância na formação do Rio Grande do Norte. A história da família no estado centra-se na casa-grande do engenho Cunhaú, localizado no atual município de Canguaretama. Há informação de que o engenho já estava em funcionamento no ano de 1614. Foi fundado pelo pernambucano Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque Maranhão. Filho de Jerônimo de Albuquerque, primeiro senhor de engenho de Pernambuco, e sobrinho do donatário Duarte Coelho, Jerônimo adotou o sobrenome Maranhão depois de vencer e expulsar os franceses daquela capitania do Norte do Brasil. Ele foi, também, um dos heróis da guerra contra os caetés, pacificou os potiguares e fundou o Forte dos Reis Magos, em Natal.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O Abolicionismo, obra fundamental do notável abolicionista Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*, que se transformou num libelo humanista, tem no autor pernambucano uma análise sempre atual. Nela, ele estuda as causas, o caráter jurídico e o aspecto humanista, os fundamentos econômicos que sustentaram a escravidão, a necessidade de aboli-la, e apresenta as conseqüências do fim da servidão que adviriam de seu término. Livro escrito e publicado em Londres, onde o autor amargou um “desterro forçado”, *O abolicionismo* é obra necessária em qualquer biblioteca de ciências humanas e serve para o entendimento aprofundado da nossa História e compreensão do nosso processo civilizatório.

ABC das Alagoas – Dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas, em 2ª edição revista e aumentada. São três volumes de consulta permanente para aqueles que desejam conhecer o Estado de Alagoas, seus homens e sua história. Aqui o leitor também encontrará uma abrangência de verbetes referentes aos aspectos geográficos, incluindo a topografia, a fisionomia física dos municípios, seus dados históricos e suas vinculações com o homem que vive nos seus limites. Francisco Reinaldo Amorim de Barros se preocupou em deixar registro de fontes assemelhadas que contribuíram para respaldar e engrandecer seu projeto enciclopédico.



A Dama da República – tela/tinta de Décio Vilares,
0,72/0,80cm, 1919

.....

BRASILEIRAS CÉLEBRES



Mesa Diretora

Biênio 2015/2016

Senador Renan Calheiros

Presidente

Senador Jorge Viana

1º Vice-Presidente

Senador Romero Jucá

2º Vice-Presidente

Senador Vicentinho Alves

1º Secretário

Senador Zezé Perrella

2º Secretário

Senador Gladson Cameli

3º Secretário

Senadora Angela Portela

4º Secretária

Suplentes de Secretário

Senador Sérgio Petecão

Senador Elmano Férrer

Senador João Alberto Souza

Senador Douglas Cintra

Conselho Editorial

Senador Edison Lobão

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Wilson Roberto Theodoro

Ewandro de Carvalho Sobrinho

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 228

BRASILEIRAS CÉLEBRES

Joaquim Norberto de Sousa Silva



Brasília – 2016

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 228

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2016

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-747-5

.....

Silva, Joaquim Norberto de Sousa.

Brasileiras célebres / Joaquim Norberto de Sousa Silva. –
Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial 2016.

168 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 228)

1. Mulher, biografia, Brasil. 2. Mulher, história, Brasil.
I. Título. II. Série.

CDD 920.72

.....

.....

Sumário

PREFÁCIO

pág. 9

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

pág. 11

BRASILEIRAS CÉLEBRES

pág. 13

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

A colônia – O reino – O império

pág. 19

I

AMOR E FÉ

Paraguaçu ou Catarina Alves – Maria Bárbara –
Damiana da Cunha e os caiapós

pág. 47

II

ARMAS E VIRTUDES

A guerra brasílica – As senhoras pernambucanas em Tejucupapo –
Dona Clara Camarão – Dona Maria de Sousa – Dona Rosa de
Siqueira – Dona Maria Úrsula

pág. 66

III

RELIGIÃO E VOCAÇÃO

Josefa de São José – A beata Joana de Gusmão
– A irmã Germana

pág. 76

IV

GÊNIO E GLÓRIA

Dona Rita Joana de Sousa – Dona Ângela do Amaval, a musa cega –
Dona Grata Hermelinda, a filosofinha – Dona Delfina da
Cunha, a poetisa
pág. 105

V

POESIA E AMOR

A Conjuração mineira – Os poetas de Vila Rica –
Dona Maria Doroteia ou a Marília de Dirceu –
Dona Bárbara Heliadora
pág. 124

VI

PÁTRIA E INDEPENDÊNCIA

As senhoras baianas durante a guerra – Joana Angélica,
a freira mártir – Dona Maria de Medeiros, a guerreira –
As senhoras paulistanas
pág. 138

EPÍLOGO

LOUVOR E CRÍTICA

As senhoras brasileiras, e os viajantes estrangeiros – Doutor Valdez y
Palacios – Max Radiguet – Eugène Delessert – Arsène Isabel
pág. 155

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 159

.....

Prefácio

HÁ MUITAS e fundadas justificativas para a reedição de *Brasileiras Célebres*, de Joaquim Norberto de Sousa Silva, neste início do século XXI. Publicado em princípios da segunda metade do século XIX, no momento em que o Império brasileiro se consolidava e, a partir de arranjos entre as facções de suas elites políticas, ganhava a estabilidade que não conhecera com D. Pedro I e com o período regencial, este livro tem relevância especial.

Em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo desde o nascedouro, cujo espaço público no qual se desenrola a cena histórica sempre foi dominado pelos homens, o autor inova ao fazer da mulher protagonista do processo de construção da nacionalidade. Não há como fugir de uma evidência: vivia-se uma época em que o principal objetivo do Estado recém-fundado era fixar os contornos do que se pretendia ser o Brasil. Nessa perspectiva, o apelo a algo de grandioso que o passado pudesse oferecer, bem como a celebração de personalidades que pudessem ser identificadas como modelo a ser

seguido pelo conjunto da população, serviria ao propósito de dar consistência ao projeto nacional em marcha.

Ao analisar épocas passadas, o primeiro cuidado que se deve ter é o de não transpor para períodos históricos distintos conceitos e valores com os quais se trabalha no presente. Essa advertência torna-se ainda mais necessária quando se trata da leitura, nos dias de hoje, de uma obra como Brasileiras Célebres. Sob vários aspectos, ela é o século XIX em plenitude. Assim, em sua primeira parte, apresenta-se uma síntese da História do Brasil que segue todos os parâmetros da historiografia que se produzia então. À maneira das velhas crônicas, vão desfilando nomes e datas, ambos considerados importantes, com ênfase absoluta nos temas políticos. Vale, acima de tudo, como registro de uma forma de se produzir conhecimento histórico, hoje em franco desuso.

É na segunda parte, contudo, que o livro inova. De modo rigorosamente incomum, abre espaço à mulher, dando-lhe voz e vez no difícil processo de edificação do Brasil. Bastaria isso para identificar o significado da obra, sobretudo quando se leva na devida conta o contexto histórico em que foi escrita e publicada. Nessa abordagem praticamente inédita, surgem as brasileiras que, nas cidades ou nos sertões, nos campos de batalha ou na assistência social, na vida doméstica ou atuando resolutamente no espaço público, foram decisivas para a configuração do Brasil que somos hoje.

Neste princípio de século XXI, brasileiras célebres são as milhões de mulheres que, nos mais diversos campos de atuação, esforçam-se por fazer do Brasil uma nação mais justa, mais fraterna e menos desigual.

Mulheres que, nas múltiplas funções nas quais se desdobram, ajudam a fazer uma história da qual possamos nos orgulhar.

.....

Advertência do editor

ALGUMAS das presentes biografias foram avulsamente publicadas na Revista Popular.

Não obstante, porém, a sua circulação, o público mostrou o desejo de vê-las colecionadas, e impressas em livro, a fim de melhor podê-las apreciar.

Anuiu a isso o seu distinto autor, um dos literatos brasileiros mais versados na história de seu país, e a quem se devem tantas pesquisas importantes, e satisfazendo hoje essa vontade, apresentamos-lhes um livro ou antes galeria das senhoras brasileiras dignas da celebridade, não só pelos seus talentos e virtudes como até pelos seus feitos guerreiros, e cujos vultos esboçados poeticamente tornam-se dignos de tanta honra.

A presente edição é destinada ao povo e adaptada às escolas, aos mimos e aos prêmios que se oferecem às senhoras ou se distribuem nas aulas, caso mereça a aprovação das respectivas autoridades.

Os brasileiros célebres, devidos à pena não menos ilustre do senhor cônego doutor J. B. Fernandes Pinheiro, digno primeiro-secretário do Instituto Histórico Brasileiro, formaram a segunda parte deste trabalho e completaram a galeria dos homens e mulheres célebres do Brasil.

B. L. GARNIER.

Rio de Janeiro, outubro de 1861.

.....

Brasileiras célebres

NAÇÃO de ontem, o Brasil já escreve a sua história, já tem os seus heróis, que enumeram gloriosas batalhas, que apontam os lugares de suas vitórias; já possui a sua literatura, ao princípio pálida cópia, depois elegante imitação, e por fim donosa originalidade; já conta seus artistas, de não pequena nomeada, já mostra seus homens científicos com sua reputação europeia; já apresenta uma tríplice plêiade de oradores que honram o púlpito, que enobrecem a tribuna parlamentar, abrilhantam a cadeira judiciária; já se honra de seus estadistas, já se gloria de ver as suas princesas adornando o sólio das cortes da velha Europa; já aponta para seus edificios monumentais, dignos dos primeiros capitães de reinos seculares, e em breve terá seus monumentos históricos como as estátuas equestres de seus imperadores, como a coluna gigantesca de sua independência, como a cruz colossal de seu descobrimento, como os bustos marmóreos de suas celebridades, pois não serão menos condignas de memória as brasileiras que se têm distinguido ou se têm tornado célebres.

Pede a justiça, dizia assim o exímio cônego Januário da Cunha Barbosa, quando me incitava a escrever estas rápidas biografias, pede a justiça que tiremos à luz ações gloriosas, que levem ao conhecimento do mundo as senhoras que as praticaram. Elas devem ocupar o mesmo distinto lugar que ocupavam os varões afamados por letras, armas e virtudes.

Já outro incansável escritor brasileiro, monsenhor Pizarro, havia falado com louvor do sexo amável e encantador que tanta honra dá ao país em que vira pela primeira vez o dia.

“O valor militar”; escrevia assim o autor das Memórias históricas, “não se tem cortado nas pessoas do sexo masculino mas estendido também às do sexo feminino. Entre elas se descobre que se fizeram assaz recomendáveis por suas ações, sem lembrar as que se distinguiram por virtudes cristãs e por outras qualidades dignas de memória.”

É insignificante por enquanto o seu número, mas também poucos são os anos de nossa existência nacional, quando as nações do Velho Mundo a computam por dezenas de séculos, e entretanto quantas senhoras tão dignas de serem lembradas por tantos títulos gloriosos não baixariam ao túmulo com seus nomes? Por muito tempo contribuiu também uma acanhada e mesquinha educação para que morressem em esquecimento muitas senhoras brasileiras, e mal entendida modéstia obstou que vissem a luz da publicidade algumas composições e traduções que talvez emparelhassem com a de nossos melhores literatos. E ainda hoje quantos homens ignorantes não têm por incompatível com o melindre do sexo feminino a mais inocente das obras inspiradas pela mais nobre das paixões, e não veem na sua publicação um como comprometimento? Resultou o que se devia esperar: — a perda de numerosas composições e daí não serem senão conhecidas pelo seu nome as poetisas mineiras, dona Bárbara Heliódora

Guilhermina da Silveira, esposa do célebre poeta Alvarenga Peixoto, que finou-se no exílio, dona Maria, dita, por antonomásia, das Contendas, por causa de sua beleza, e outras muitas.

Era por demais sentida a falta de um livro apropriado a vossa leitura e que apresentasse em relevo as vossas patrícias merecedoras das páginas da História. Daqui em diante podereis falar com orgulho de vossas mais célebres compatriotas das quais muitas se tornaram exceção de seu sexo; podereis citar seus nomes por tanto tempo perdidos; podereis comemorar seus atos quase que ignorados; podereis indicar os lugares, fixar as datas em que se distinguiram e que ali estavam como que em esquecimento; tão grande tem sido a nossa incúria.

Lancei pois sobre o papel estes fracos esboços, que melhor sairiam da pena manejada por alguma senhora, o que espero em Deus ainda se realize para que mais realce ganhe o seu assunto, apresentado em quadro desenvolvido com mais talento e critério, sobre melhor tela e de mais vasta proporções e por meio de mais vivas cores.

Pálidos como são, encontrareis, contudo, nestes esboços muitos fatos memoráveis da história nacional e não poucas ações magnânimas, feitos de valor, provas de amor da pátria, rasgos de desinteresse, exemplos de virtudes, atos de piedades e mostras de ilustração devidas ao sexo feminino, lidas nas crônicas da pátria ou ouvidas nas tradições nacionais e enfim

Cousas que juntas se acham raramente!

Camões.

Apresentando estas leituras, a nenhuma de vós quero seduzir com exemplo de mulheres guerreiras ou puramente literatas; mero historiador não curo de fazer prosélitos. Ninguém ignora que

os séculos que ali jazem com suas gerações extintas prescreveram a missão da mulher. A ciência mais apreciável nas pessoas de nosso século, disse-o uma lacedemoniana, é o governo da casa, e nem outra é a lei dos povos japoneses ainda que semibárbaros. Nestas poucas mas sublimes palavras cifra-se a missão do ente que o Criador destinou ao homem para sua companheira, da mulher que na sacra família será Ana, tendo sobre os joelhos o livro por onde ensine a Maria, aquela que tem de ser a esposa de Deus, aquela em cujas entranhas tem de encarnar o verbo do Senhor para viver entre nós.

E que exemplo tão grandioso não é esse que nos oferece o cristianismo! Deus em toda a sua onipotência, no seio de sua imensidade, entre as eternidades do passado e do futuro, ante a pompa de seus astros, e a maravilha de seus mundos que narram a sua glória, que pateiam a sua grandeza, rodeado de seus anjos, ladeado de seus profetas com suas harpas de ouro, tendo os demônios curvados a seus pés, como submissos escravos, baixa seus olhos à Terra, penetra na cabana da inocência, elege para sua esposa ou sua mãe (mistério que nos abisma!) a mais humilde das mulheres da Terra, mas que reunia em seu seio angélico todas as virtudes, Maria, o símbolo do amor puro e da castidade, que vitoriosa esmaga a serpente e salva a humanidade! Entretanto quantas mulheres, verdadeiras heroínas, que enchem de suas ações as páginas da própria Bíblia, esse livro dos livros, e que brilham como astros de glória, não ficarão deslumbradas ante a rosa de Jericó!

Nestas mesmas páginas que vos ofereço que exemplos edificantes! Quanto mais humilde é a missão da mulher, tanto maior é a sua glória. É que a mulher, segundo as expressões de um autor sul-americano, está destinada a realizar o tipo da perfeição indefinida da espécie humana; a ser o ardente apóstolo do Evangelho, que será o código único que regerá os povos sem necessidade de

constituições, quando essa criatura sublime do Eterno haja recobrado a dignidade de seu ser por uma instrução esmerada.

Para que este livro não ficasse incompleto, juntei-lhe uma rápida e concisa introdução relativa à História do Brasil e fechei-o com o juízo que sobre as senhoras brasileiras formam os viajantes estrangeiros. É um epílogo que, como brilhante coroa, resplandece sobre estas pálidas páginas, dando-lhe o brilho que lhes falta.

Na confecção deste livro só tive em vista apresentar-vos este ramalhete de flores colhidas em nosso jardimoso país. Estão entrançadas sem arte, sem gosto; não é isso defeito das flores que são belas senão magníficas e sim de minhas mãos que não souberam dispô-las tirando partido da variedade de seus matizes, mas dir-vos-ei que escrevi-o sentindo arder-me no puro amor da pátria, tendo por culto a verdade e por único livro o Brasil.

.....

Introdução histórica

A COLÔNIA – O REINO – O IMPÉRIO

COUBE por herança aos brasileiros a melhor porção do Novo Mundo; país sem igual, chamado por invocação Terra de Santa Cruz, por tradição Brasil, por excelência império diamantino, e que parece destinado a ser ainda um dia uma das primeiras nações do Universo.

Situado na parte mais oriental da América meridional, ocupa o Brasil quase metade desta região do novo hemisfério, confinando ao norte com as Guianas, Colômbia e Atlântico; ao sul com as repúblicas Oriental e Argentina; ao oriente, com o mesmo oceano, e ao ocidente com os estados republicanos da Colômbia, Peru, Bolívia e Paraguai.

Banhado pelo oceano oferece o Brasil uma costa extensa, que se estende por centenas de léguas, ora se abrindo em seguros portos, em perfeitos ancoradouros, em belas enseadas, em profundas e magníficas baías, capazes de conter as esquadras de todas as nações; ora se alargando em cabos, que se prolongam pelo mar, ora acompanhada de ilhas tão vastas como alguns reinos da Europa. Plana e andáimosa à beira-mar, a terra se empola para o interior e apresenta majestosas ramificações de montanhas, cujos cumes se ostentam prodigiosamente altos, escalvados e arrepiados

de rochedos, ou revestidos de verdura e coroados de palmeiras e soberbas árvores; aqui interceptada de lagoas pitorescas e piscosas, nas quais a mão da natureza quebra a monotonia das águas, variando-se em ilhas, como esses fragmentos de florestas, que o Amazonas arranca das suas margens e leva baloiçando sobre as suas vagas, e ali retalhada majestosamente de assombrosos rios, maravilha da criação divina, que rolam fartíssimas torrentes, recebidas de seus tributários, outros rios não menos caudalosos e de primeira grandeza entre os impérios do mundo.

Que magníficas florestas revestem este solo privilegiado! Nem na Europa, nem nas outras partes do globo há cousa, que iguale a pompa da sua vegetação! Ainda a maior luz do dia impera sob essas abóbadas de verdura, sustentadas por troncos seculares, a sombra que precede a noite; enormes trepadeiras se abraçando às árvores, se elevam às suas grimpas alterosas, e vão misturar suas flores com as flores dos troncos, que as sustentam, e confundir seus perfumes; entrelaça-as ainda mimosa variedade de parasitas com suas galas e primores; o canto das aves de variegada plumagem e as vozes humanas, que desprendem muitas dentre elas, adoça o mistério da solidão; miríades de insetos, como alados diamantes e safiras, enchem os ares, ou brilham por entre as trevas da noite, como fogos diamantinos, enquanto o sibilo das serpentes e o bramido das feras quebram o encanto destas cenas e enchem de espanto e de terror o ente pensador, que mudo e silencioso, recolhido em si mesmo, contempla o reino de tantas maravilhas!

A essas florestas, que infelizmente desaparecem entregues às chamas devastadoras, sucedem-se campos, vastas planícies contornadas de alegres colinas, recamadas de verdura, mal povoadas algumas e desertas imensas outras, que pedem população, e que ainda um dia serão transformadas em ricas e amenas povoações agrícolas.

À fertilidade do solo junta-se a riqueza mineral, que é imensa, espantosa, e ainda não conhecida de todo. Às arriscadas e célebres pesquisas para a descoberta do ouro e dos diamantes, seguem-se agora as tentativas das explorações do ferro e do carvão de pedra, de que espera o império tantos progressos na senda da civilização e dos melhoramentos materiais.

À fertilidade e riqueza do solo reúne-se ainda a benignidade do clima, que varia pela extensão do país, segundo a situação de suas vastas

províncias; a temperatura elevada à beira-mar é modificada pelas brisas, que sopram pela manhã da parte de terra, ou pela viração, que as sucede pela tarde adiante, vinda da parte do mar. Além de tanta prodigalidade da natureza deve ainda o Brasil conhecer o benefício, com que aprouve à Providência divina excluí-lo dos vulcões, dos terremotos, das tempestades tão horríveis em outros lugares da América Meridional, sem falar das epidemias, que assolam o Velho Mundo e despovoam as suas antigas cidades.

Todo esse vasto país era habitado por tribos bárbaras e tão selvagens como as florestas de sua solidão; ainda não tinham ouvido a palavra de Deus, e apenas reconheciam a sua existência no relâmpago do raio. Andavam nuas ou pediam emprestadas às aves as suas penas de vários matizes, para se adornarem nos dias de suas festividades; pintavam também cuidadosamente o corpo com o sumo de ervas ou frutos, talvez para se preservarem das picadas dos insetos, e se banhavam desde os primeiros cantos das aves até à noute. Algumas dentre elas possuíam suas choupanas, extensas e largas; outras viviam pelos matos, dormiam pelo chão sobre folhas ou encostadas às árvores, amparadas por ligeiros tetos de folhagem; e ainda outras tinham abrigo nos antros subterrâneos e por leito as peles dos animais ferozes, mortos na caça, e cuja carne lhes servia de alimento.

Pela tradição transmitida por seus anciãos ou cantada pelos seus bardos, que achavam no seu estro a voz do passado, e que pela sua idade ou talento mereciam a sua veneração ou captavam a sua estima, conservavam fracas ideias do Dilúvio e tenuíssimas lembranças de sua primitiva origem; diziam pertencer a uma grande nação, que se dividiu em muitas tribos a pretexto de domésticas contendas, que tomaram corpo.

Povos guerreiros, tudo entre eles respirava guerra. A tradição dos feitos belicosos passava de velhos a moços, educados mais para as batalhas do que para os pacíficos trabalhos de suas aldeias. Suportando a fome e a sede por dias, marchavam a sitiarem os contrários, uns após outros, como um só homem, pisando sobre as mesmas pegadas, certos de que os prisioneiros lhes serviriam de alimento. Traziam gargantilhas dos dentes dos adversários mortos por eles; fabricavam de seus ossos os instrumentos guerreiros, e nos banquetes de carne humana bebiam pelos crânios dos inimigos. Com o arco e as setas nas mãos; com a aljava pendente das espáduas ou empu-

nhando somente a clava pesada; com as cabeças coroadas por penachos de variadas cores, tendo o corpo desfigurado por figuras caprichosas e grotescas, que lhes imprimiam com vernizes, eram medonhos no campo dos combates, eram horríveis nas suas caçadas. Como antropófagos, inspiravam aos filhos ódio contra os contrários, fatal herança de heroicidade, incitando-os nos festins, após os sacrifícios de sangue, com os cantos de vingança, e animando-os com danças guerreiras em torno ao fogo sagrado. Prezando a liberdade mais do que a vida, afeitos à guerra, não podiam ser submetidos facilmente ao cativo, por isso na incerteza do triunfo preferiam a morte, que lhes ofereciam os conquistadores, à sorte dos escravos, que lhes destinavam, que para eles era o pior de todas as afrontas. Os prisioneiros saudavam com júbilo o sacrifício; ouviam com alegria o som do *troceno*, o grande tambor, cujo convocar de guerra chamava homens e mulheres, velhos e moços, e ainda as criancinhas. As velhas com os fatais alguidares, e todos eles vestidos como para solene festa, armados como para o combate, se lhes aproximavam. Revestidos os prisioneiros de toda a coragem, absorberam a morte; ligados à *muçurana*, corda dos sacrifícios, tendo na cabeça a *cangatará*, essa carocha de plumas, e vendo as fogueiras, encaravam os inimigos com desprezo e recebiam tranquilos o golpe da *tangapema*, essa maça rude e pesada, que os prostrava sem vida.

Amavam a dança, dedicavam-se à música, e a poesia era cultivada a seu modo por algumas tribos mais favorecidas da natureza e, sobretudo, pelos tamoios, que habitavam o Rio de Janeiro, e pensavam ter nas águas do Carioca a inspiração, e pois como as do Hipocrene as águas de tão afamada fonte ganharam celebridade por todo o Brasil; a sua língua poética e harmoniosa mereceu ser cultivada pelos jesuítas, que nela compuseram cantos místicos, que arrastavam inteiras tribos à civilização.

Sem religião, tinham apenas ideia da Divindade pelo conhecimento, que lhes inspirava essa potência excelente, grande, maravilhosa, que era Tupã, mas sem templo e sem culto. Ela se lhes revelava no relâmpago com *tupaberaba*, e lhes bradava pela voz do trovão como *tupaçununga*. Tinham ideias de espíritos maus pelo horror de Anhangá ou Jurupari, que afugentavam com fogueiras acesas em suas tabas ou com fachos quando caminhavam nas trevas da noite, como se fossem vampiros. Maraguigana, Macaxera e Curupira eram outros demônios, cuja aparição terminam bus-

cando apaziguar-lhes a cólera com presentes e ofertas, que enterravam no lugar da fatal aparição. Tinham apreensões vagas, que os jesuítas procuravam destruir, afrontando-as, e eles atribuíam a sua vã realização à santidade e pureza dos padres. Acreditavam na imortalidade da alma, que não sabiam separar da matéria, já vendo-se, segundo a metempsicose, metamorfoseados no saci, já depositando sobre a sepultura dos seus mortos os necessários aprestos para a sua viagem de além-túmulo, talvez remotas reminiscências de sacrifícios, cujos vestígios lhes conservou a tradição. Nos *Campos Alegres*, como no paraíso momentâneo, esperavam delícias em recompensa dos feitos de bravura, obrados na guerra, e de intrepidez, assinalados na caça das feras, que enchiam as florestas.

Acreditavam nos seus profetas, esses sacerdotes e curandeiros, que tudo isso eram os seus pajés e caraíbas. Eles lhes pressagiavam dias de ventura, prometendo-lhes o cultivo das roças sem trabalho, e que suas enxadas por si sós iriam cavar a terra, e as setas ao mato para lhes obter a caça ou destruir os inimigos. Serviam-lhes também de médicos pelo conhecimento, que tinham, de certas ervas, adquirido no tremendo noviciado. Habitavam sós, em choupanas, que à primeira vista se conheciam pelo maracá, pendente do limiar, símbolo de dignidade, reverenciado por toda uma tribo. Não havia entre eles templos a derrubar, aras a destruir, ídolos a despedaçar, crenças arraigadas a combater. O cristianismo não teve que lutar com as dificuldades, que encontrou no Velho Mundo, acabando por fazer erguer no Capitólio e monumentos da guerreira Roma, o estandarte da civilização e da liberdade, consagrando as aras do gentilismo a seus heróis. Assim pois, ante a sabedoria dos padres jesuítas, caiu a máscara dos embustes, desvanecendo-se a falsidade de seus sacerdotes, os únicos prejudicados, e a palavra sublime, que seus lábios pronunciavam com espanto, servia para invocar o Deus da eternidade e bastou para lhes dar a conhecer o que mal poderiam compreender num vocábulo estranho.

Tais eram, falando relativamente a todas as tribos, apresentando os caracteres mais salientes, apontando os costumes e usos mais geralmente seguidos, traçando a fisionomia mais característica, os brasis, que deviam ser chamados para o aumento da população dos estabelecimentos agrícolas, fundados pelos portugueses para a civilização e povoação do grande império. Com tão favoráveis disposições da parte dos indígenas, não era

por certo difícil chamá-los ao grêmio do cristianismo, tornando-os de rudes e selvagens homens civilizados e laboriosos, e pois nos campanários celestes soou a hora de sua redenção!

“Não era possível”, diz um autor nacional, “que o mesmo Deus, que havia criado o homem para as harmonias da vida social, fosse por mais tempo indiferente à sorte de milhões de seres, que barafustavam na escuridão do erro, sem nem uma ideia do que era o homem, do que era Deus e do que eram as relações, que prendem o Criador à criatura.”

Além dos mares crescia e prosperava o reino português; sobre o seu trono sentava-se o príncipe, cujo cetro estendia-se pelo universo; suas esquadras sulcavam os mares nas mais remotas paragens, e a cruz, símbolo da redenção, era arvorada nos mais longínquos países, assinalando a conquista da fé, mostrando a civilização cristã. Cristóvão Colombo tinha patenteado à Espanha a existência do Novo Mundo, e Vasco da Gama, não menos atrevido, tinha descoberto o caminho da Índia, dobrando o cabo da Boa Esperança, franqueando as portas dos mares do Oriente, cujas chaves foram roubadas e para sempre ao gênio das tormentas, que Camões personalizou na figura de Adamastor. Estas empresas haviam excedido a expectativa do Velho Mundo; Lisboa tornara-se o empório do comércio do Oriente; o Tejo roubara o tridente ao mar Adriático, e o entusiasmo pela navegação redobrava no coração de uma nação, que se engrandecia com os seus descobrimentos.

As desinteligências em que ficaram muitos reis orientais para com os portugueses deviam ser harmonizadas por meio da guerra, e pois nova armada e mais poderosa, porquanto a terra devia estar em armas, e que manifestasse por não duvidosa toda a força do reino lusitano, a fim de poder prosseguir em suas empresas, achou-se em breve sobre as águas do Tejo, prestes a levantar o ferro. Pedro Álvares Cabral, senhor de Azurara e alcaide-mor de Belmonte, foi o escolhido para seu capitão-mor. Segundo os historiadores, tinha ele o cunho, que caracteriza os homens empreendedores, e por isso não desmentiu o conceito, que de suas qualidades se fazia, entregando-lhe uma das mais importantes armadas, que saiu do Tejo, cuja missão gloriosa devia eternizá-lo nas páginas da história de um reino e também nas de um império, que ainda um dia serviria de abrigo à monarquia bragantina!

A partida de Cabral foi honrada com todo o esplendor e pompa de uma festa. “Era”, diz um escritor nacional, “um belo dia de domingo”. O sino da catedral batia grave e solene; em suas modulações festivas parecia anunciar de antemão as cenas altamente dramáticas, que dentro em breve se deviam passar além do Atlântico, nas férteis regiões do Novo Mundo. Invocando o auxílio dos céus, reuniu o rei D. Manuel no começado mosteiro de Belém, todos os grandes de sua corte. Admitiu em sua tribuna o ilustre capitão-mor e o conservou ao pé de si por todo o tempo da missa, que solenemente se disse, achando-se pendente do altar o estandarte real da ordem de Cristo. Pregou o bispo de Ceuta, que depois foi de Viseu, D. Diego Ortiz, castelhano de nação, que acendeu nos ânimos os desejos de partilhar dos grandes perigos, a que se iam expor esses atrevidos navegantes e louvando e agradecendo a quem tomara o comando da esquadra em tão importante missão.

Acabada a cerimônia religiosa, bento o chapéu, que mandara o papa, e que o rei colocara por suas mãos na cabeça de Cabral, e entregue a bandeira da cruz da Ordem de Cristo ao ilustre capitão, dirigiram-se todos para as margens do Tejo. Lisboa então apresentou um desses espetáculos faustosos, que raras vezes oferecem os povos, em que as lágrimas e soluços da saudade se misturavam com os risos e vivas, que retumbavam nos ares em aclamações.

Soprava fresca e amiga aragem, e enfunando as velas da vistosa esquadra, levou-a mar em fora, e em breve achou-se engolfada no imenso Oceano.

No dia 21 de abril de 1500 topara a esquadra sinais de terra em mares desconhecidos, e no dia 22, ao cair da noite, o grito de – terra – que retumba a bordo das naus!... Era a serra dos aimorés, que erguia uma das suas cem cabeças além do grêmio do trovão, para receber esse nome de monte Pascoal, que em respeito ao oitavário, lhes pôs o capitão-mor da famosa esquadra; era essa terra, que tão bela e majestosa surgia como por encanto do sepulcro do sol, e que mereceu ser chamada Terra da Vera Cruz; era esse porto, onde as naus ancoravam e onde pagava Cabral no nome que lhe dava, a segurança, que ele lhe oferecia.

Neste século tão transcendente pelos seus descobrimentos geográficos, imprimia a religião o seu cunho em todos os acontecimentos

extraordinários; assim Cabral, tomando posse da nova terra para a coroa portuguesa, contentou-se com hastear uma cruz, apoiada no escudo das quinas, simbolizando em seus abertos braços a conquista pacífica da terra, que descobria. O incruento sacrifício da missa santificou as praias, manchadas pelo sangue da antropofagia, como outrora o sacrifício do homem Deus remiu a Terra do pecado da desobediência do primeiro ente, e a voz divina do Evangelho troou das praias de Porto Seguro às extremidades de um império, que repousava nas entranhas fecundas de três séculos.

Despachando Gaspar de Lemos em uma de suas naus, enviou Cabral a seu rei a nova do descobrimento, e, saudando pela última vez a terra que descobrira, aproa para o Oriente, e abre as suas velas às brisas do Oceano.

A notícia do descobrimento encheu o reino português de alegria, e sucessivas esquadras foram enviadas para o reconhecimento de suas costas e magníficas baías.

Nessa época o povo português não se media pelo seu número; pequeno em quantidade, era grande e heroico nas armas, e empreendedor e ousado nas conquistas. Com desmarcada ambição desejava possuir mais do que podia conservar; queria avassalar a Ásia, conquistar a África, apossar-se da América meridional, devassar todos os mares, revistar todas as ilhas, que lhe apareciam todos os dias, como que surgindo do seio das ondas, quais a ilha dos Amores, e sem gente para conservar-lhe a posse, se contentava com plantar o marco das quinas vencedoras, coroadas com o estandarte do cristianismo, símbolo da fé.

Entretanto as esplêndidas vitórias, obtidas no Oriente, a conquista de tantas cidades asiáticas, importantes pelo seu tráfico, afamadas pelas suas riquezas, e célebres pelos seus nomes, a extensão, que ganhava o comércio naqueles ricos empórios, absorvia-lhe toda a atenção. O Brasil, apenas conhecido por suas vastas florestas e seus povos bárbaros e errantes, não mereceu para logo a atenção desses guerreiros, ávidos de glória, que nenhuma fama viam nessas vitórias, alcançadas na luta com tribos selvagens, que só podiam opor à resistência das armas de fogo e à tática militar as suas setas; que só tinham por trincheiras os troncos de seus bosques, e que por todo o comércio com os naturais só tinham a permuta das insignificantes produções da indústria ligeira pelo pau-brasil e alguns animais;

e pois o Brasil ficou por mais de trinta anos como que esquecido, servindo apenas de interposto a navegação da Índia.

O reinado de Dom João III marcou nova era ao Brasil; mais sagaz do que seu pai, compreendeu a importância da possessão americana; viu a cobiça das nações estrangeiras tentando estabelecer-se nas suas férteis plagas, e tratou de assegurar o seu domínio à Coroa portuguesa. Dividiu-a em capitanias hereditárias e como recompensa de serviços feitos na Índia, procurou cercá-las de um não sei quê de prestígio.

Então se formaram úteis estabelecimentos, a que correspondeu e animou a fertilidade da terra; fundaram-se aldeias, que passaram a ser cidades e depois capitais de ricas províncias, e chamaram-se as tribos bravias e errantes à civilização. A imprudência de alguns donatários despertou em muitas nações o amor da independência, e o grito da liberdade foi o brado de guerra; muitas dentre elas desapareceram à espada do europeu trocando de bom grado a escravidão pela morte, outras menos belicosas se submeteram, fundindo-se na raça dos conquistadores e perdendo com o seu tipo fisionômico a sua própria nacionalidade.

Inteirado o governo português da felicidade da colônia e dos réditos que auferiam os seus donatários, procurou fazê-los reverter em benefício da Coroa e restringir o poder discricionário, que delegara a seus capitães-mores, e uma brilhante expedição confiada a Tomé de Sousa, nomeado governador-geral do Brasil, tocou as praias baianas, trazendo o gérmen de uma nova povoação, capital da colônia. A necessidade da conversão dos indígenas não ficou ainda adiada, e missionários jesuítas cheios de zelo e piedade, compenetrados de sua missão, ardentes de fé, vieram trazer às brenhas do Novo Mundo a luz do Evangelho.

A pompa do desembarque chamou a atenção, despertou a curiosidade dos indianos, que viviam nas imediações das ruínas da cidade de Coutinho, fundada sobre os crânios ensanguentados de seus irmãos. A expedição desembarcou com magnificência, precedida do glorioso símbolo da religião e do triunfante estandarte das quinas, saudada pelas salvas da artilharia, e os arcos e as setas dos indígenas caíram a seus pés em sinal de paz e amizade. Ao som do órgão sagrado, que eles ouviam pela primeira vez, aos cânticos místicos cujas vozes subiam envoltas em nuvens de incenso, e que escutavam como que encantados, assistiram à missa do Espírito

Santo na capela de secas palmas, que ajudaram a levantar. Tomé de Sousa, aproveitando tão felizes manifestações, tentou, abraçando o conselho do velho Caramuru, que ainda vivia entre eles, ao lado da sua Paraguaçu, abrir os alicerces da nova cidade de S. Salvador, e, enquanto assim procedia, começaram também os jesuítas a edificação de seu colégio e magnífica igreja e com ela a pregação evangélica.

Os jesuítas tinham por vice-provincial a Manuel da Nóbrega, um dos padres mais instruídos da Companhia, descendente de família ilustre, e que desgostoso das honras e pompas da sociedade passara aos desertos da América, e buscava a solidão das feras e dos rudes selvagens. Pouco depois figuraram outros e entre eles Anchieta, e para adiante Vieira, o apóstolo de liberdade americana, e todos eles dignos discípulos de santo Inácio.

Como apóstolos do Novo Mundo, eles abandonaram a comodidade de seus conventos e vieram experimentar as privações amargas sem excetuar o próprio martírio... Que luta renhida, prolongada e sempre gloriosa com os primeiros colonos, para manterem ileso a liberdade dos filhos das florestas! Que de obstáculos para chamarem nações inteiras ao grêmio do cristianismo! E que trabalhos para implantarem a civilização no Novo Mundo, fundando pobres aldeias, que são hoje florescentes cidades.

Antes dos jesuítas intentaram os religiosos franciscanos a conversão dos indígenas, mas seu trabalho foi empregado com mais constância, do que feliz sucesso. Os jesuítas não tiveram somente que lutar com os indígenas, mas ainda com os primeiros cristãos, que vivendo em contato com os indígenas não só não lhes transmitiram seus costumes, usos e crenças como até adotaram os desvãos de sua existência errante; não só não estigmatizaram a antropofagia, como que animavam as suas guerras, acendendo ódios e soprando discórdias entre as tribos com o fito de lhes comprarem os prisioneiros. Em vão o papa Paulo III declarou por uma bula, que havendo os índios nascidos para a fé como verdadeiros homens, e não estando privados nem devendo sê-lo de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, não deviam ser reduzidos à escravidão. Que importava, porém, que o templo se erguesse levantado pelas mãos dos fiéis, que o sino bradasse do alto da torre, e majestosos sons rolando no espaço com seu convocar de paz chamassem ao grêmio do cristianismo as almas nodoadas

do pecado? Que importava, que a voz do Evangelho soasse eloquentemente com o acento da verdade e da inspiração, se a irreligiosidade se levantava como um gigante, alardeando de suas forças!

Sublime, contudo, foi a missão dos jesuítas pela mesma dificuldade de seu triunfo; mas preclara a sua vitória nascida de seus renhidos e reiterados combates. A cruz selada com o sangue do divino mártir, era o seu lábaro; a voz eloquente do Evangelho eram as suas armas, e a roupeta sobreposta muitas vezes aos cilícios, que lhes maceravam as carnes, era o seu uniforme. Compreendiam e faziam-se compreender dos indígenas; por isso que estudavam a linguagem do Brasil, que chamavam grego, admirando-a por sua delicadeza, cópia e docilidade, por suave e elegante, e os ensinaram a ler. Desde então as florestas retumbaram com prédica do Evangelho, narrando estrondosos e maravilhosos sucessos da religião, e os brasis, acostumados a ouvirem em sua língua os cantos da guerra e da vingança ou as endeixas do amor, entusiasmaram-se com as hosanas e hinos, que nela entoavam tão eloquentemente os novos apóstolos ao Deus da Eternidade, e seus joelhos se dobraram reverentes, e o Senhor ouviu as suas orações.

Fundaram numerosos colégios, cujos edifícios ainda hoje atestam os seus esforços e constância, atentas as dificuldades da época; chamaram para eles os moços, que mostravam aptidão para o estudo, e principalmente os que mais queda tinham para a língua geral; por toda a parte levantaram igrejas, e como verdadeiros obreiros da vinha do Senhor as fabricavam por suas próprias mãos; por toda a parte ofereceram exemplos das maiores abnegações das grandezas do mundo e, não buscando mais do que encher a sua missão de paz e regeneração, derramaram a água do batismo por cima de milhares de cabeças, e superando as mais árduas dificuldades com a perseverança dos mártires, deram-se por bem pagos com a conversão dos índios à fé, com iniciá-los no conhecimento de Deus, com conduzi-los à prática das virtudes. Bem alto falaram por eles os exemplos do desprezo dos bens terrestres, os atos de caridade praticados à cabeceira dos moribundos, consolando-os com palavras cheias de unção, prometendo-lhes nova existência, anunciando-lhes dias de eterna salvação.

Com eles foi a luz do Evangelho mais poderosa que a do astro majestoso, que se ostenta nos trópicos fulgores; rasgou o véu das ínvias florestas, escurecidas pelas sombras dos séculos, ensopadas do sangue ain-

da quente e fumante dos festins da antropofagia; penetrou nas cavernosas brenhas cheias de supersticiosas recordações, em que ainda ecoavam os sons surdos, roufenhos, confusos dos maracás de seus adivinhos; desceu ao som da música suave, celeste, divina da harpa e do anafil, do pandeiro e da flauta pelas torrentes caudalosas de seus rios e atraiu às suas margens as hordas devastadoras, realizando no Novo Mundo o que a fábula fantasiara no velho hemisfério, mais bela em sua harmonia, do que a voz dos membros de seus bardos, mais poderosa que os sons do boré de seus guerreiros e mais misteriosa, que o sussurro do maracá de seus pajés.

Reinavam em suas aldeias os dias de paz, as festas da alegria, a satisfação do bem-estar e bonança da idade de ouro.

Levavam pelos desertos os índios convertidos, para que atraíssem os que viviam na rudeza da ignorância. Por meio de presentes e mimos de pouco valor, mas que para os índios eram de apreço, os acariciavam, principiando por ganhar a amizade de seus chefes. Formavam depois aldeias, que deixavam sob a guarda e vigilância de missionários, que os preparassem para a vida civil e religiosa, impedindo-lhes a comunicação com os colonos, para que evitassem os abusos e vícios de que estava afetada a sociedade.

Se a guerra se ateava entre os colonos e os índios, eram os padres os primeiros medianeiros, que se apresentavam, e poupavam a efusão de sangue, já adoçando a ferocidade dos conquistadores, com as máximas de paz de Jesus Cristo, já aplacando a vingança dos índios prejudicados em sua liberdade e independência. Daí esse predomínio, que adquiriram sobre todas as tribos, para lhes imporem essa tremenda polícia, que os contemporâneos condenaram, mas que a experiência confirmou, como a mais apta para a sua civilização.

A reação foi terrível; a soma dos interesses prejudicados pela missão dos novos apóstolos levantou-se contra eles, e a luta renhida, dura, atrevida começou entre os jesuítas e os colonos, entre a liberdade dos índios propagada por eles, e o seu cativeiro advogado e exercido por estes. Em vão os breves apostólicos fizeram conhecer às consciências as mal fundadas bases, em que se estribavam; em vão as cartas régias, os alvarás com força de lei das cortes de Lisboa e Madri procuravam proteger a liberdade dos miseráveis índios.

Os jesuítas, conquanto advogassem uma causa tão justa, não podiam, todavia acobertar-se das acusações, que se levantavam contra eles. Com o tempo adquiriram imensa riqueza, ganharam suma consideração, nascida também em parte de seus talentos e estudos, no meio da total ignorância das mais elevadas classes da sociedade, e depois o discricionário poder, que, crescendo, incutiui sérios receios.

A paz que desfrutava a colônia, apenas perturbada em alguns lugares pela presença de ousados contrabandistas, que eram energeticamente repelidos, foi perturbada pela cobiça europeia, que tomou respeitável atitude. Tornou-se o Brasil o teatro de porfiada luta de gloriosas batalhas, em que todas as raças do país, como que se disputavam abrasadas no amor da pátria, igual quinhão de glória na partilha dos louros da vitória.

Os franceses, que por muitos anos traficaram com os indígenas, e vinham de tão longe trazer os artefatos de sua ligeira e fantástica indústria, e carregar seus navios dos produtos do solo brasileiro, viam com inveja o estabelecimento dos portugueses, que ganhava incremento, e que se enraizava na terra americana; e pois em França se organizavam sucessivas expedições. Ganhando a aliança dos tamoios procuravam os franceses fundar na margem da baía de Niterói, conhecida de seus primeiros habitantes pelo nome de Guanabara, o novo reino da França antártica, tendo por capital a Henrivile, cidade projetada em honra de Henrique IV e asilo dos sectários da doutrina de Calvino. Alcançando a amizade dos tupinambás, buscaram estabelecer colônias agrícolas na ilha do Maranhão.

Os portugueses, ciosos da partilha, que lhes fizera o papa Alexandre VI, buscaram também coligar-se a outras tribos não menos animosas e guerreiras, e repelindo-os, fundaram essas cidades, que tão rapidamente floresceram, e que são hoje a capital de uma próspera província, e a corte de um rico império.

Já a esse tempo o cetro do império bragantino tinha passado com a morte de D. João III às mãos infantis de D. Sebastião, que apenas aclamado rei, procurou ao estrépito das armas a glória de seus antepassados nos areais da África. Foi a fortuna adversa, e a derrota de Alcácer-Quibir envolveu-o com os seus combatentes entre o tropel dos feridos e moribundos, e finou-se deixando a nação mergulhada no pranto, envolta no luto e

depois sujeita a duro e estranho cativo. Despenhado de seu apogeu de glória veio Portugal sujeitar-se ao cetro dos reis da Espanha. Vergou também o Brasil a cerviz colonial ao poder despótico dos Filipes. A um apelo da mãe-pátria o gigante do berço do Amazonas levantaria o brado da independência e ofereceria um refúgio à monarquia portuguesa; seria então um novo império, capaz de arrostar o furor da heroica Espanha, como provou dali a pouco na gloriosa luta com a ativa Holanda.

Ah! E que páginas brilhantes não nos oferece agora a História! No reino de além-mar duas gerações se sucediam na expectativa da realização daquele mito criado pelos espanhóis da existência do rei encoberto, da próxima volta do real guerreiro, sem que as décadas de Barros, ou os cantos de Camões lhes recordassem os antigos feitos, e lhes reanimassem o extinto fogo do amor da independência nacional. Não assim o Brasil, frágil colônia, que apenas contava século e meio de existência, ou menos ainda, se preferirmos a época de sua povoação a do seu descobrimento, e ei-lo que sem contar os seus guerreiros, sem medir as suas forças se alevanta como um gigante e traz por trinta anos (1624 a 1654) uma luta gloriosa, combatendo pela sua integridade contra a conquista holandesa! Em vão desampara a Europa, que o deixa sem socorros; em vão as potências de além-mar celebram armistícios, que suspendem as arenas no meio da vitória: a guerra continua acendida pelo amor da pátria; a vitória coroa os seus esforços nas Tabocas e nos Guararapes, e o mundo testemunha os feitos de valor e heroicidade, repetindo ainda hoje com assombro os nomes dos Vieiras, dos Camarões, dos Negreiros, Henrique Dias e Rebello!

Era na verdade um espetáculo novo ver como um povo ainda pequeno soubera tão nobremente manter a integridade da nacionalidade brasileira!

Exemplo às gerações vindouras, que jamais consentiram que se retalhe a herança sagrada!

Já a esse tempo Portugal tinha recuperado a sua independência, D. João IV se assentara no sólio dos Afonsos, mas o cavalheirismo e a heroicidade dos antigos tempos fanaram-se para sempre. Às aclamações patrióticas de além-mar responde o Brasil com a sua generosa adesão, e em São Paulo deu o grande Amador Bueno uma prova de abnegação pouco comum, rejeitando o cetro e a coroa, que lhe ofereciam os seus compa-

triotas, exaltados pelos espanhóis, conquistando assim, em paga de sua fidelidade a admiração da posteridade.

Sob a regência do infante, depois D. Pedro II, redobram de intrepidez os ousados paulistas. Infatigáveis armaram bandeiras, e prevenidos dos aprestos necessários partiram do Taubaté. Percorreram as andaimosas campinas, transpuseram as brenhosas serras, vararam as ínvias florestas, e descobriram assombrosas riquezas. Nada os deteve; armados opuseram resistência a resistência, e travaram combate de morte junto ao rio, que desde então tomara a denominação de rio das Mortes, e percorrendo os sertões do Rio Grande do Sul, de Goiás, e de Mato Grosso, dobraram a cerviz até ali indomada do guaicuru, e conduziram-no prisioneiro, ou antes, escravo à sua habitação. Mais tarde pugnaram com os espanhóis, e arrasaram os estabelecimentos do poqueri e itutu, e recolheram-se triunfantes a seus lares, não tendo por guias em suas excursões mais do que os píncaros altíssimos das Cordilheiras, as torrentes do deserto, e as constelações do mais brilhante dos céus.

Enquanto os paulistas exploravam as minas e colhiam os frutos de suas arriscadas excursões, os pernambucanos metralhavam as fortificações da famosa república africana, formada de negros fugidios, e que durante a guerra da invasão holandesa havia ganhado incremento no meio dos bosques de palmeiras, com uma população de vinte mil habitantes. O chefe conhecido pelo nome de Zumbi, mostrando que o valor pertencia a todas as raças, preferiu a morte à escravidão e precipitou-se de uma eminência; os poucos companheiros, que foram poupados pelas balas inimigas, o imitaram; os velhos, as mulheres e crianças ficaram prisioneiros e abrilhantaram a marcha triunfal do exército vencedor, e foram pouco depois vendidos como escravos.

Durante o triste reinado de D. João V foi o Rio de Janeiro atacado por sucessivas esquadras francesas. A derrota, que sofreram as tropas de Duclerc nas ruas da cidade, trouxe ao general francês a necessidade de depor as armas, entregando-se com os poucos soldados, que lhe restavam, prisioneiros de guerra. A covardia de seu assassinato em sua própria prisão motivou o armamento de uma nova expedição composta de 15 vasos e 4.500 soldados, que ao mando de Duguay-Trouin forçaram a barra da baía de Niterói, atacaram, e ajudados dos próprios elementos ganharam a

cidade, entregue pela pusilanimidade de seu governador os seus próprios recursos, e resgatada depois tão ignominiosamente a peso de ouro, quando toda a população do interior se alevantava como um só homem, corria às armas e marchava aceleradamente para retomá-la ao intrépido e ousado inimigo.

Debaixo da influência do reinado monacal, a Inquisição estendia as suas garras sangrentas às colônias portuguesas de além-mar, e os navios transportavam para o reino as pessoas suspeitas de judaísmo. Nada se poupava. O sexo e a idade eram atropelados ainda nas menores considerações, que lhes dá a sociedade. Míseras donzelas e velhos decrepitos iam, levados de tão longe, a figurar nas bárbaras e atrozes cenas dos autos de fé, que se celebravam na metrópole em nome da religião e sob a proteção de um governo nimiamente estúpido e crassamente bárbaro.

As bandeiras dos paulistas voltavam triunfantes às suas povoações, trazendo prisioneiras as tribos indianas, e curvados aos despojos das ricas minas de ouro, que tão ousadamente descobriam, e para maior avidez da cobiça humana, juntaram ao descobrimento do ouro a achada de diamantes. Que de episódios interessantes nos oferecem as páginas da história desses atrevidos aventureiros! Que de perigos, que afrontaram em busca dessas fictícias riquezas, que iam pejar os cofres de além-mar, enriquecer a metrópole, que pródiga as desperdiçava em construções de edifícios suntuosos e monumentais, que em vez de serem inspirados por ideias humanitárias, que realizassem os santos preceitos do cristianismo, serviam apenas de abrigo a ordens religiosas esquecidas de sua missão tão digna da humanidade.

No reinado de D. José I inaugurou-se nova política para o Brasil. O gênio perspicaz do grande ministro marquês de Pombal, coloria as medidas de prevenção tomadas contra as ideias da emancipação da colônia, que como um pesadelo turbava o sossego da mãe-pátria e interrompia-lhe os brilhantes sonhos de sua esperança e com rara diplomacia as dava sob a ilusão de proteção. Com a extinção da companhia dos padres de Jesus apagou os primeiros lampejos da nacionalidade americana, que ela promovia, e despovoou essas aldeias, que transbordavam de população empregada na indústria agrícola, com seus artistas tão celebres em todos os ramos das belas-artes, e que possuíam na língua guarani uma tal ou qual literatura, e

ao passo que parecia considerar o talento brasileiro, chamando para a metrópole os moços, que mais se distinguiram pela sua aptidão para as letras e ciências, arrancava à terra diamantina os filhos, de que se arreceava pelas suas luzes e conhecimentos; proibia o estabelecimento de oficinas tipográficas, e mandava ordens positivas para a capitania de São Paulo, a fim de que fossem embaraçadas as aplicações do estudo, a que tão inclinados se mostravam os seus naturais e mudando a capital do vice-reinado para o Rio de Janeiro, lançou no Pará os fundamentos de uma nova capital mais próxima da mãe-pátria, e que necessariamente devia contribuir para contrabalançar a união das capitanias brasileiras, caso ficasse permanecendo o Rio de Janeiro como sede das capitanias do Sul.

O Brasil havia avançado na senda do progresso, graças à fertilidade do seu solo e às riquezas de suas minas auríferas e diamantinas, e a armada portuguesa teve de novo de proteger o seu comércio, acompanhando as suas frotas além do Atlântico, e as alfândegas estrangeiras recebiam as produções brasileiras.

O reinado de Dona Maria I oferece acontecimentos, que enegrecem as páginas da História. Os espanhóis apoderaram-se da ilha de Santa Catarina e cometeram as mais indignas barbaridades, e o governo português, firmando o vergonhoso tratado de S. Ildefonso, cedeu a colônia do Sacramento sobre o rio da Prata em troca de mesquinho terreno ao oriente do Uruguai. A Europa era o teatro de um grande drama, cujas peripécias sanguinolentas se sucediam rapidamente.

A revolução francesa abriu suas asas negras e enlutou o solo da França; converteu-lhe o trono em guilhotina e tingiu-a com o sangue de um rei piedoso, vítima do ateísmo, e a liberdade em delírio entoou os hinos de sua vitória; aos coros se mesclavam os soluços de tantos mártires, de tantos ilustres e venerandos varões imolados à impiedade. A lava revolucionária invadia todos os pontos do globo; agitava todos os ânimos e o ruído da queda de tantos tronos repercutia-se aquém do Atlântico... A América setentrional levanta o brado da independência e nos mares de Cristóvão Colombo brilha o pavilhão estrelado de mais uma nação, e o mundo ouve com admiração o nome de Washington.

À sombra do geral descontentamento dos habitantes da capitania de Minas Gerais, avexados de tributos, e que ainda iam ser agravados

com a derrama da contribuição do ouro, germinaram as ideias revolucionárias. O Brasil via com inveja as colônias inglesas inscritas no catálogo dos povos livres e suspirava por sua emancipação; mas traídos os conspiradores, que se compunham de pessoas gradas e que pertenciam às principais famílias das capitâneas de Minas Gerais, foram presos, e trazidos ao Rio de Janeiro. Julgados e pela maior parte condenados à morte, comutou-se-lhes a pena em degredo, com exceção de Joaquim José da Silva Xavier, chamado por antonomásia Tiradentes. O corajoso mártir, não querendo comprometer os seus companheiros de infortúnio, expiou no patíbulo a generosidade de atribuir a si somente todo o plano da malograda revolução. E enquanto o sangue do mártir da liberdade ensopava o solo brasileiro, e as vítimas da tirania colonial iam exalar o último suspiro nos desertos africanos, suspendia-se e aniquilava-se a indústria fabril, que começava a despontar no país. Para cúmulo de males uma seca terrível abrasou as províncias do Norte e a fome com todos os seus horrores assolou as povoações dos sertões.

Entremos no nosso grande século tão cheio de extraordinários acontecimentos.

O governo do príncipe regente D. João VI, abriu ao Brasil uma nova era de prosperidade, de riqueza e de liberdade, de comércio e franquia dos portos, e trouxe a iniciativa de sua independência. O braço hercúleo do gigante Ajácio dominara a revolução francesa a seu bom grado; ébrio das vitórias, que lhe conquistavam as armas de suas legiões vencedoras, Napoleão, segundo a sua própria frase, corria a cavalo toda a Europa; os séculos das gerações passadas contemplavam com admiração e espanto a sua imensa glória e o voo triunfante e vitorioso de suas águias imortais. Seu vulto gigantesco como que enchia o universo, e sua espada dividia os estados, traçando o seu destino no mapa político da Europa. Portugal, recusando fechar seus portos à bandeira britânica, incorreu no desagrado do rei dos reis e as legiões francesas transpuseram os Pirineus, e suas trombetas, como as de Josué, vieram ressoar às portas da velha Lusitânia. O príncipe regente previu as consequências de uma resistência desigual; a proteção da Inglaterra não se media em terra por si só com as armas francesas, ela apelava para o Oceano, teatro de suas glórias e piratarias, onde ostentava o seu desmesurado poder naval. O príncipe regente viu nas terras da América meridional o refúgio seguro da monarquia bragantina, e, abandonando o

sólio dos Afonsos, veio buscar o asilo, que lhe ofereciam – estas regiões do ouro e dos diamantes –, estes climas saudáveis e amenos –, estas montanhas sempre verdes, onde não ecoavam os trovões da guerra.

Embarcou a família real no meio de geral consternação; o povo com os olhos rasos de pranto, com o coração traspassado de saudade contemplou mudo e estupefato a partida da esquadra portuguesa comboiada pela inglesa.

Ao princípio desencadeia-se a tempestade; o tufão empola a superfície das águas, joga as naus e ameaça arremessá-las às praias. Dir-se-ia, que o Tejo se opunha a sua partida; esse Tejo tão contrário do que era antes quando Cabral soltava as suas velas no meio das saudações alegres e das salvas da artilharia, e partia para o descobrimento de um império; então Camões embocava a tuba e eternizava o nome português. Afinal as ondas se acalmam e aos tufões sucedem as brisas, que sopram enfunando as velas as ligeiras naus e o mar se abre em flores sob suas quilhas... Então a pátria desaparece aos ilustres viajantes.

À tarde desse dia volta o temporal e agita de novo o Oceano. O vice-almirante inglês dirige-se ao príncipe regente e roga com instância, que se passe para a nau de seu comando, onde estaria em maior segurança. O príncipe regente parece hesitar entre o susto, que lhe assalta o coração, e o dever de não abandonar a sua nau, mas um menino que contava apenas quinze anos e que se achava a seu lado, mudo espectador das peripécias, que se reproduziam ante seus olhos, como que acorda de seu letargo a voz da pátria, que lhe vibra no coração exclama: “Senhor! Se a má fortuna nos forçou a abandonar os portugueses, por amor deles mesmos e para evitar derramamento de sangue tão precioso em luta eminentemente desigual, nosso dever, a nossa honra exigem, que nos não separemos dos restos de Portugal no meio dos perigos do oceano; o nosso destino está ligado à nau que nos conduz; deixá-la seria tornarmo-nos culpados de grave injúria feita à nação!” Era o príncipe real, que assim falava, aquele mesmo que devia passar à posteridade como fundador do império brasileiro, e que nesse rasgo de patriotismo já patenteava a heroicidade de sua alma e destruía a incerteza, em que vacilava seu augusto pai, o príncipe regente.

A Bahia gozava do direito da progenitura, e coube-lhe, portanto a honra da hospedagem. A magnífica baía de São Salvador abrigou as

naus, que como as de Pedro Álvares Cabral, vinham de tão longe buscar um asilo para a monarquia lusitana; mas o Rio de Janeiro estava destinado a ser a sede do império americano, e o berço da monarquia brasileira. A passagem do príncipe regente pela Bahia ficou, todavia eternizada nos fatos nacionais como se as suas naus ao tocarem no primeiro porto brasileiro devessem romper essa muralha de bronze, que fechava as portas do nosso país ao comércio e navegação de todas as nações. Assim estalou o primeiro elo dos grilhões coloniais; era a independência da pátria que dava o seu primeiro passo na senda da civilização e do progresso.

O dia 7 de março de 1808 foi de grande júbilo para os habitantes da cidade fundada por Estácio de Sá, que regou-lhe os alicerces com o sangue de seu martírio, cômso talvez de sua futura grandeza; a magnífica baía do Rio de Janeiro alojou em seu vasto seio a esquadra real, e desde esse dia o Brasil deixou de ser uma colônia, pois tinha em si a sede de uma das mais antigas monarquias da Europa.

Outro governo mais ativo teria dado ao nosso país uma fase inteiramente nova; tomaria por si mesmo a iniciativa nos melhoramentos materiais e na difusão das luzes; a corte, porém, deixando à velha capital do império lusitano, transplantou para o virgem solo da América essas velhas instituições eivadas de absolutismo, repletas das reminiscências dos tempos feudais, e inteiramente cheias de inconveniências para uma nação nova, que despontava com o grande século décimo nono. Ainda assim, o pequeno impulso encontrou no gérmen de grandeza, que o país continha em si, um rápido incremento para o seu progresso e bem depressa a pátria compreendeu as suas necessidades; comparou o que possuía com o que lhe faltava, e de olhos fitos nas nações livres ambicionou a conquista dos direitos, a que tinha jus.

Na pessoa do príncipe real D. Pedro se fixaram as vistas dos brasileiros; viam-no identificado com a causa nacional; o destino lhe dera um berço em plaga estrangeira; mas o Brasil possuía na família do jovem príncipe penhores, que lhe faziam palpitar o coração de amor por esta terra americana, que já era também o berço de seus filhos, e cuja grandeza inspirava-lhe a alma, como que criada para nobres empresas.

O tempo da tirania passara; o século décimo nono tinha nascido bafejado pelo gênio da filosofia e da liberdade; bem depressa o brado

da liberdade retumba na Península Ibérica; a explosão passa o Atlântico e percorre não como um eco longínquo, mas como uma fâsca elétrica, que se comunica de província em província à capital do novo império. O reino irmão exigia uma constituição, e proclamava-a, e o Brasil, acendendo as suas proclamações, anteviu na carta constitucional o auto da sua independência.

A adesão, que encontrava em todas as classes da sociedade brasileira o grito heroico da mãe-pátria, achava nos conselhos do rei uma contrariedade tenaz que se apoiava nas velhas crenças trazidas de além-mar; mas a alma grande do príncipe D. Pedro I gostava de seguir os impulsos generosos, e as simpatias nacionais encontraram nele o alvo, que tanto necessitavam para marchar de um passo firme à conquista da emancipação nacional.

A elevação do Brasil à categoria de reino unido ao de Portugal e dos Algarves, alguns anos depois da trasladação da sede da monarquia para as plagas americanas, foi um verdadeiro anacronismo, pois deveria sê-lo no momento, em que se abriram os seus portos ao comércio e navegação das nações; era, contudo a transição rápida entre a colônia e o império.

Foi curto, mas intenso o período do reinado. Os acontecimentos sucediam-se aceleradamente, previstos pelo barômetro da política de além-mar; a guerra acendia-se na banda cisplatina e ensanguentava as campinas do Sul; as ideias de independência e de democracia germinavam à sombra do cetro real e Pernambuco enfim levantou o brado da revolta. Não era ainda tempo para o triunfo da causa nacional, e os protagonistas desse drama político expiaram no patíbulo o seu entusiasmo pela causa de emancipação!

A Europa tinha entrado nas doçuras da paz por tanto tempo interrompida; o gênio das batalhas, o leão da Córsega se finava sobre um rochedo estéril perdido no meio do oceano; e Portugal, no tirocínio do governo representativo, reclamava a presença da corte portuguesa; D. João VI não hesitou mais e de novo sulcou aqueles mares, que o tinham visto entregue ao sopro das tempestades com as relíquias da monarquia lusitana, como Moisés o futuro capitão dos hebreus, flutuando sobre um frágil batel de vimes às ondulações do Nilo.

Ficara no Brasil como seu regente o príncipe D. Pedro; era o legado digno de um rei a um nascente império; suas palavras de despedida

foram como que uma saudação à independência da nova pátria de seu augusto filho.

A independência iniciada desde o dia de liberdade do comércio e da navegação estava feita; mais um passo e ela se consumaria para todo o sempre. Lá se ia a monarquia portuguesa deixando uma bela vergôntea junto à cruz, que plantara Pedro Álvares Cabral. Então José Bonifácio de Andrada e Silva proclamava a face da Europa, no próprio seio da Academia Real das Ciências de Lisboa, as puras intenções do Brasil e de seu futuro imperador, e o objeto de sua viagem às regiões do Novo Mundo:

“Muito temos já feito, senhores”, dizia ele, “mas muito nos resta ainda por fazer. Bem desejara eu concorrer de perto para pordes em obra o que na vontade já trazeis executado; mas é necessário apartar-me para longe e descontinuar as lições, que de vós tenho recebido. Consolo-me ao menos com que ainda dos sertões da inculta América forcejarei por ser-vos útil com os frutos tais quais do meu pobre engenho e talento, se em mim os há. Se qual outro Tales ou Pitágoras não puder introduzir as ciências do velho Egito em a nova Grécia, lidarei ao menos por imitá-los de longe. Consola-me igualmente a lembrança de que da vossa parte pagareis a obrigação, em que está todo o Portugal para com a sua filha emancipada, que precisa de pôr casa, repartindo com ela das vossas luzes, conselhos e instruções. E, que país este, senhores, para uma nova civilização e para um novo assento de ciências! Que terra para um grande e vasto império! Banhadas as suas costas em triângulo pelas ondas do Atlântico; um sem número de rios caudais e de ribeiras empoladas, que o retalham em todos os sentidos, não há parte alguma do sertão que não participe mais ou menos do proveito que o mar lhe pode dar para o trato mercantil e para o estabelecimento de grandes pescarias. A grande cordilheira, que o corta de norte a sul, o divide por ambas as vastas faldas e pendores em dois mundos diferentes, capazes de criar todas as produções da Terra inteira. Seu assento central quase no meio do globo, defronte e à porta com a África, que deve senhorear, com a Ásia a direita, e com a Europa à esquerda, qual outra região se lhe pode igualar? Riquíssimo nos três reinos da natureza, com o andar dos tempos nenhum outro país poderá correr parselhas com a nova Lusitânia. Consideremo-lo agora pelo lado político, um reino com clero abastado, mas sem riqueza inútil, com poucos morgados, com os seus conventos precisos e com pouca gente das classes poderosas, que muitas vezes separam seus interesses particulares dos da Nação e do Estado, de que mercês precisa? Fomentar e não empecer: basta-lhe a segurança pessoal e a liberdade sóbria da imprensa, de que já goza; e uma nova educação física e moral: o mais pertence à natureza e ao tempo. Estas e outras mil bênçãos já vão recebendo e receberá cada vez mais este recente império, pois teve a ventura de haver sido fundado pela sabedoria e magnanimidade

do nosso incompatível soberano, cujo nome só por isso passará à mais remota posteridade; e a fundação da monarquia brasileira fará uma época na história futura do universo!”¹

Ainda assim o Brasil não despedaçou os vínculos, que o uniam ao reino irmão e enviou seus deputados às Cortes de Lisboa; longe, porém de lhes estenderem cordialmente a mão, os oradores de além-mar iniciaram a luta parlamentar; em breve as hostilidades das Cortes portuguesas contra o reino cisatlântico se patenteara em seus furibundos e irrisórios decretos, e o príncipe D. Pedro recebeu ordens para deixar a capital brasileira.

A consumação do grandioso ato da emancipação política dependia de um *fiat*; o príncipe D. Pedro o deu naquele mágico e eterno brado, que soltara nos campos de Ipiranga, à hora da véspera, no sempre memorável dia 7 de setembro de 1822. Bem depressa, como de eco em eco, o brado da independência retumbou de província em província, e desapareceram os últimos vestígios da dominação portuguesa ante a vitória das armas brasileiras, que triunfaram da resistência, que encontrara

1 É tão pouco conhecido o discurso histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva, donde extraí este brilhante trecho, com que tão pomposamente fecha a sua oração acadêmica, que aqui reproduzirei o começo do mesmo discurso recitado na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa em 24 de junho de 1819. Encontram-se por todo esse discurso tantos pormenores sobre a vida de tão ilustrado brasileiro, que sinto não poder dar outros extratos por falta de espaço: “É esta, ilustres acadêmicos, a derradeira vez, sim a derradeira vez (com pesar o digo), que tenho a honra de ser o historiador de vossas tarefas literárias e patrióticas; pois é forçoso deixar o antigo, que me adotou por filho, para ir habitar o novo Portugal, onde nasci. Assim o requer a gratidão e o ordena a vassalagem; assim o manda a honra, o instiga a saudade e a razão o exige. Depois que deixei na adolescência os pátrios lares da montanhosa, mas amena província de São Paulo e me acolhi à Lusitânia, que meiga me recebeu em seus hospedeiros braços, trinta e seis anos são passados. Se almas degeneradas, de que nenhuma terra, por mais civilizada e boa que seja está exempta, procuraram amargar por vezes a minha cansada existência, e buscavam, mas em vão malograr o meu patriotismo e bons desejos, o estudo da natureza e dos livros no seio da amizade, e a voz da consciência, foram sempre o bálsamo salutífero, que cicatrizam estas feridas do coração; cumpre, pois deslembrar-me do passado. Seria, porém ingrato e desumano, se me esquecera ao mesmo tempo do quanto devo a todos os homens portugueses, e mais que tudo das provas repetidas de amizade e estimação, que sempre me destes, com que generosamente me tenho penhorado, oh! vós nobres e sábios acadêmicos!”

em algumas províncias do Norte. Então o pavilhão auriverde, símbolo da primavera e da riqueza, abrilhantado pela constelação das vinte estrelas, ondulou do Amazonas ao Prata, e flutuou nos mares do velho hemisfério como o emblema de um novo povo.

A história da fundação do império tem suas páginas semelhantes à história do reino; quase que se deram as mesmas eventualidades; a guerra com as repúblicas do Prata e o movimento insurrecional de Pernambuco, com que lutou o reinado de D. João VI, tiveram suas reproduções durante o imperado de D. Pedro I; o imperador, porém, lutou com mais sérios embaraços na fundação da nova monarquia; o rei apenas tivera que copiar ou trasladar as instituições transatlânticas, e de que tão saudosas se mostraram depois as Cortes portuguesas, que as chamaram para o reino por meio desses irrisórios decretos, que perdiam a sua força, passando o oceano.

A maior dificuldade dos países grandes e extensos está em bem se poderem constituir; e não são por certo as numerosas assembleias com suas intermináveis discussões de aparatosa eloquência as mais próprias para legislar sobre leis fundamentais. Em vez de um conselho de estado, embora de eleição popular, D. Pedro convocou a assembleia constituinte, que de legislativa passou às deliberações, que pertenciam ao Executivo; enfraqueceu-se assim o seu poder, e viu-se ele como que coagido a assumir a ditadura. Recuava, quando um erro não corrige outro erro!

A dissolução da assembleia constituinte foi uma grande falta política, que trouxe graves consequências; assim enquanto as províncias do Sul aderiam em suas felicitações oficiais ao ato ditatorial, as províncias do Norte levantavam o pendão da revolta e proclamavam a democracia com as armas na mão; e nem a pacificação das províncias sublevadas, e nem a publicação da Constituição, a que o imperador prestou solene juramento e com ele toda a nação, deram mais firmeza ao trono imperial, que parecia vacilar sobre as bases do sistema monárquico representativo. A impopularidade da guerra cisplatina e ainda mais a impopularidade da paz celebrada tão inoportunamente, agravaram a triste situação do seu imperado.

No meio das dificuldades, com que lutava o governo pouco popular do imperador, ouviram-se os brados triunfais da revolução francesa, que destronizara Carlos X; os ânimos entusiasmaram-se com o triunfo do Partido Liberal, que elevou ao trono da França o representante da família

de Orleans e desgraçadamente os portugueses residentes no Rio de Janeiro procuraram ainda intervir nos acontecimentos políticos e os ódios nacionais como que acordaram ao brado do Ipiranga. Renhida e sanguenta luta ia começar... Por quem desembainharia D. Pedro a sua espada, que refletira os raios de setembro?

Sucessor de D. João VI no trono português, ele tinha abdicado a coroa, que cingira as cabeças de tantos reis célebres, cujos nomes encheram outrora dilatados mares e longínquos países, em favor de sua filha a princesa D. Maria da Glória, nascida sob o esplêndido céu dos trópicos, na margem ocidental da nossa magnífica baía. O fundador da monarquia americana o dador da imortal carta constitucional, tão grande nas crises, por que passara o império diamantino, não nivelou-se aos pigmeus da revolução de abril; desceu os degraus do trono com o esplendor, com que o havia subido, e depondo o diadema imperial sobre a cabeça de seu augusto filho adormecido no berço, e deixando-lhe o cetro entre os brincos da infância, recomendou-o à generosidade de um povo, que sempre amara e por quem se retirava saudoso, como D. Luís de Vasconcelos, quando gravara na pirâmide de granito aquela singela mas eloquente expressão: A saudade do Rio!

“Eu me retiro”, escrevia ele na sua circular, “eu me retiro para a Europa, saudoso da pátria, dos filhos e de todos os meus verdadeiros amigos. Deixar objetos tão caros é sumamente sensível, ainda ao coração mais duro; mas deixá-los, para sustentar a honra, não pode haver maior glória. Adeus, pátria, adeus, amigos, adeus para sempre”!

Que grandiosa, que nobre abnegação! Um trono, uma pátria, seus filhos, tudo ele sacrificou ao desencadeamento de uma revolução, que podia trazer aos brasileiros as calamidades horríveis e sanguentas da guerra civil!...

Pedro Álvares Cabral, descobrindo o Brasil, abriu de novo aos mares e às brisas as velas de suas naus, deixando-nos apenas sobre a praia uma cruz tosca, mas sublime, símbolo da fé do Novo Mundo; D. Pedro, fundando a monarquia à sombra de uma constituição nimamente liberal, partiu também mar em fora, legando-nos o penhor da integridade do império num menino, que para logo tornara-se o ídolo de todo um povo,

“e, ambicionando unicamente a glória”, como diz a augusta imperatriz D. Amélia, “abdicou ainda muito moço duas coroas sem pôr condição sem reserva de alguma utilidade para ele!”

A revolução de abril se enobrecera com aquele brado sublime generoso: “Perdão aos iludidos!” Raio de luz, que brilhara por entre as trevas! O carro, porém, da revolução não parou; precipitado como por plano inclinado, só deixou de rodar em seu termo; e esse termo deu-lhe a maioridade, bela baliza a tantos devaneios políticos!

Que lutas mesquinhas, quando o futuro da pátria exigia o concurso de todos os seus filhos! Que de recriminações miseráveis, quando a pátria pedia empresas gigantescas, que a tornassem digna do fim, para que a talhara a mão de Deus, e que só servissem para retardar o progresso do país a educação moral e religiosa do povo! Revoltas sobre revoltas sem uma ideia, sem um princípio, que as coonestassem, vinham quase que diariamente empecer a marcha da administração e desviar os tênues recursos dos cofres nacionais.

Os dois extremos, o Norte e o Sul, as províncias do Pará e do Rio Grande, enfraqueceram-se em lutas tenazes, longas e fratricidas, sonhando com as utopias das democracias sul-americanas; e outras, a seu exemplo, ergueram também por sua vez o pendão da anarquia. Dir-se-ia que o governo da corte pesava com toda a tirania dos tempos feudais sobre essas províncias, que, aliás, gozavam como ainda gozam de instituições meramente democráticas!

A proclamação da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II trouxe a paz ao império, e mais tarde a conciliação dos partidos deu tempo a que os verdadeiros amigos da pátria se entregassem à nobre tarefa de lhe serem úteis, dedicando-se ao seu melhoramento e progresso material e moral, e bem depressa a influência benigna do Império se fez sentir nas repúblicas do Prata. O déspota, cuja existência era um insulto ao século XIX um aviltamento para toda uma nação, que proclamara à face da Terra a sua liberdade, desapareceu ante a intervenção armada do Brasil, e a vitória inscreveu o triunfo das armas brasileiras nas fortificações de Tonelero, e nas torres de Monte Caseros.

A cessação do tráfico africano, que zombara ante as arbitrariedades do cruzeiro britânico, que só fora vencido pela legislação nacional,

e que tão benigna influência promete nos futuros destinos do império, extinguindo para todo o sempre essa chaga negra e hedionda; o incremento dado à colonização, que vai abrindo novos núcleos de povoações, novas cidades, novas províncias, e a catequese pacífica dos índios a despeito da propaganda histórica contra essas míseras relíquias das tabas brasilienses, são novos incentivos à civilização e prosperidade desta bela e bem fadada parte do Novo Mundo.

À sombra do trono constitucional do esclarecido monarca, que rege os destinos da Terra de Santa Cruz, desabrocham as letras, as artes e as ciências, e ganham incremento.

Ainda o Brasil não passava de uma colônia, avexada pelo cativo estúpido, que lhe tolhia os passos na senda do progresso e já seus oradores subiam ao púlpito e voavam ao céu sobre as asas da sagrada eloquência e da divina inspiração, e já seus artistas eram admirados pelos artistas europeus, e já seus poetas se imortalizavam com suas epopeias americanas; nada faltou à glória da nascente colônia, nem mesmo o martírio pela liberdade nacional, e os nomes de muitos sábios e historiadores tornaram-se conhecidos ainda no Velho Mundo pelas suas investigações e escritos.

A Europa, aplaudindo os esforços, que fizemos para a nossa emancipação política, e patenteando primeiro do que nós mesmos a tendência natural dos brasileiros para as letras, apresentando a nossa história literária como demonstração comprobativa das nossas habilitações, abriu as portas de suas academias e bibliotecas à avidez de nossos compatriotas, e coroou os seus tão dignos esforços.

A proclamação da maioria do Senhor D. Pedro II foi à aurora do renascimento das letras brasileiras; plêiade de brilhantes talentos cerca o trono do jovem monarca, dado também às aplicações do estudo, e que reparte com os sábios os conhecimentos bebidos nas suas largas lucubrações. Presidindo em pessoa as sessões do Instituto Histórico, anima os amigos das letras, atrai as vistas dos sábios do Velho e Novo Mundo, e ao passo que visa o engrandecimento material do país, leva a pátria à conquista dos louros da inteligência e da glória.

Ainda há pouco os políticos e publicistas diziam do alto da tribuna parlamentar, ou nas páginas da imprensa, com os olhos fitos no futuro: “Tudo no Brasil está ainda por fazer-se!”, e já hoje o engrandecimento

do país repele essa proposição, ou condena-a por vaga: os melhoramentos pululam; o vapor rompe a corrente de soberbos rios oceânicos e leva a navegação aos confins do Império; o vagão penetra a sombra das florestas e vara a noite dos túneis, arrastado pelo cavalo dinâmico e o fio elétrico transmite a palavra da civilização através das aldeias dos bárbaros indianos; improvisam-se cidades, e a luz da instrução é derramada com a igual do batismo sobre a cabeça bela e inteligente da juventude, esse gigante do porvir, como a chama o poeta nacional.

Brada-se, é certo, contra o egoísmo da época, contra as ambições mesquinhas e interesses individuais, que se antepõem ao amor do bem público; mas a febre das riquezas improvisadas e das opulências fantásticas não ferve em todas as artérias. Há ainda abnegações, patrióticas, santas e nobres, que se regulam mais pelas oscilações do coração, que arde no amor da pátria, do que pelas ideias do cálculo, que se fixam nas imaginações dos que sonham pela realização dos eldorados particulares.

O exemplo! O exemplo! Exigia sempre o sublime Jean-Jacques Rousseau, e o exemplo felizmente não nos falta. Dá-o ao imperador, cuja divisa parece ser: “Nada por mim, tudo pelo Brasil!”

.....

I

Amor e fé

PARAGUAÇU OU CATARINA ALVES – MARIA BÁRBARA
– DAMIANA DA CUNHA E OS CAIAPÓS

AO CRISTIANISMO deve o Brasil os nomes que nos transmitiram as gerações passadas dessas mulheres que, arrancadas às brenhas, vieram à luz da civilização ostentar as virtudes, cujo gérmen tinha a divindade depositada em seus generosos corações; estranha contrariedade das mulheres criadas no seio do catolicismo, educadas nas máximas do Evangelho e que despenhadas pelos degraus do vício às últimas classes sociais tornam-se o labéu e o escárnio da própria humanidade.

Paraguaçu ou Catarina Álvares, a bela e virtuosa esposa de Caramuru; Maria Bárbara, a mártir do amor conjugal; dona Clara Camarão, a guerreira, e Damiana da Cunha, a mulher missionária, são as dignas representantes por parte de seu sexo, dessa raça desgraçada e infeliz, cuja autonomia vamos absorvendo ou aniquilando todos os dias, até a sua completa extinção.

Catarina Alves é um dos nomes a que se ligam as mais romanescas tradições brasileiras.

Filha do principal (morubixaba) de uma aldeia de tupinambás mereceu pela sua beleza e qualidades a preferência do famigerado Diogo Álvares entre as mais distintas indianas de seu tempo. As águas do batismo, a regeneração da culpa original, e a Igreja reconheceram-na depois por esposa daquele a quem ela votara o mais puro amor, legitimando assim a sua união conjugal.

Diogo Álvares, natural de Viana do Minho em Portugal, foi arrojado às praias do Brasil vítima do naufrágio de uma caravela que se presume ter-se perdido sobre os parcéis de Mairapé, o caminho do estrangeiro, na linguagem poética de seus antigos habitantes.

Ali, ainda com os vestidos úmidos e pesados, curvou-se sobre as praias encantadoras; seus olhos se alçaram para os céus; e a invocação de Salvador, que dirigiu à Divindade, deu nome a magnífica baía que desdobrava-se a seus olhares.

Corria então o ano de 1510 e aquelas paragens eram mal visitadas dos europeus; e, pois os tupinambás o viram com admiração sair do mar, com uma fisionomia completamente estranha para eles não só pela alvura de seu rosto como pela espessura e comprimento de sua barba, e conduziram-no para a sua aldeia.

Segundo o costume dos bárbaros era o náufrago seu prisioneiro, e devia servir-lhes de pasto nos seus festins antropofágicos; gozava, porém, o mísero cativo de certas homenagens até a aproximação do dia fatal.

Luz, porém, a boa fortuna de Diogo Álvares que com de fossem rejeitadas pelo mar armas e pólvora, que recolheu cuidadosamente; era o Céu que lhe confiava no seu temível mosquete o raio que devia subjugar os seus senhores, e dar-lhe um predomínio absoluto sobre os seus ânimos. Explica-lhes a serventia de seu instrumento bélico, e prova-o com o exemplo que tem em suas mãos a punição de seus inimigos que lhe ousem fazer o mais pequeno dano; e o tiro disparado do mosquete, cujos projéteis vão abater a ave que paira nos ares, enche de assombro os selvagens, que fogem espavoridos bradando na sua língua: *Caramuru! Caramuru!*

Esse nome na sua linguagem pitoresca e poética era bem cabido ao homem que eles tinham visto sair como que do meio das ondas com o seu terrível mosquete; pois por esse nome conheciam uma espécie

de moreia grande, de dez a doze palmos de comprido, armada de dentes venenosos que inoculam a morte por meio da mordedura. Desde Álvares tornou-se Diogo Álvares o verdadeiro *Caramuru*, o ente sobrenatural que devia guiá-los à vitória nas guerras que pelejavam de contínuo contra os seus vizinhos, como as feras de seus próprios bosques.

Senhor da língua geral, falada em toda a costa do Brasil, acabou Diogo Álvares por ganhar a completa obediência dos selvagens em razão do desenvolvimento de sua inteligência e tratou de lançar entre eles os fundamentos de uma povoação mais sólida, ou menos nômade.

Mereceu a sua atenção o sítio da Graça, pouco distante da praça onde agora existe a igreja paroquial da Senhora Vitória, conhecida ainda hoje por Vila Velha, denominação que começa a cair em esquecimento.

Conta-se que Diogo Álvares ali fizera construir novas cabanas, muito mais decentes ao recato das famílias e que aproveitando-se dos fragmentos de seu navio, erigiu uma rústica capela, dedicada a Nossa Senhora da Graça, na qual hasteou o pendão da remissão da humanidade.

Era Diogo Álvares o alvo de todas as atenções, e os chefes das diversas aldeias tupinambás o solicitava para esposo de suas filhas; aceitou, porém, o feliz e jovem português a mão de Paraguaçu, a filha do chefe que primeiro o recolhera e cuja hospitalidade tão fatal lhe poderia ter sido.

É voz ainda hoje que abordando aquelas praias um navio francês desses que se empregavam no tráfico do Brasil, permutando-o pelas mais fúteis mercadorias da indústria europeia, aproveitara-se Caramuru do oferecimento do capitão e transportara-se à França com a sua Paraguaçu. A tradição narra em tocante episódio a morte de uma indiana que por largo tempo acompanhou a nado a nau, até que sucumbiu entre as ondas, vítima do amor e da saudade.

José de Santa Rita Durão, que comemorou em bellissimo poema as aventuras de Caramuru, revestindo das cores da poesia essas tradições populares, não obstante a História negar a sua veracidade por falta de documentos em que melhor se baseie assim nos pinta tão pungente quadro:

É fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam;
Entre as ondas com ânsia furiosa

Nadando o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada,
E ignorando a ocasião da estranha empresa
Pasma da turba feminil que nada:
Uma que as mais precede em gentileza
Não vinha menos bela do que irada;
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau, se apega ao leme.

“Bárbaro, a bela diz tigre e não homem!...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha forças no amor, que enfim o domem,
Só a ti não domou por mais que eu te ame:
Férias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mais pagar tanto amor com tédio e asco...
Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo
Quando eu a fé rendia ao teu engano,
Nem me ofenderas a escutar altivo,
Que é favor dado a tempo, um desengano:
Porém, deixando o coração cativo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu filho amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora;
Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que sem que o creia
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

Enfim tens coração de ver-me aflita
Flutuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas;
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita
(Disse vendo-o fugir), ah não te escondas
Dispara contra mim teu cruel raio!...”
E indo a dizer o mais cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor soltando o leme
Entre as salsas escumas desce ao fundo;
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer, desde o profundo:
“Ah Diogo cruel!” disse com mágoa,
E sem mais vista ser sorveu-se n’água.

Choraram da Bahia as ninfas belas,
Que nadando a Moema acompanhavam,
E vendo que sem dor navegam delas
A branca praia com furor tornavam:
Nem pode o claro herói sem pena vê-las
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema
Sem que ou amante a chore ou grato gema.

Se Diogo Álvares foi com efeito à Europa, breve tempo demorou-se na esplêndida corte da França, se é que passou de Diepe, onde fora unicamente fazer batizar a gentil Paraguaçu e legitimar à face da Igreja a sua união, tanto mais que a tradição diz que voltara no mesmo navio. Regressando à América, aqui o veio encontrar Francisco Pereira Coitinho, a quem D. João III acabava de galardoar os serviços prestados na Índia doando-lhe uma das mais riquíssimas capitánias em que dividira o Brasil.

O donatário Francisco Pereira Coitinho aportou na Bahia em 1537; Caramuru ajudou-o na fundação da sua colônia, mas os portugueses, longe de aliarem-se aos selvagens, romperam em encarniçada luta; o vencedor dos povos indiáticos viu eclipsar-se o esplendor de suas vitórias,

e retirou-se para a capitania de S. Jorge de Ilhéus, onde os tupiniquins viviam em paz com os europeus.

Diogo Álvares o acompanhou com a sua Paraguaçu, e suas filhas, duas das quais já estavam casadas com colonos; anos depois naufragava ele com o donatário nos parcéis da ilha de Taparica, de que a poesia derivou o nome do pai de Paraguaçu. Coitinho, que recolhia-se à sua antiga colônia a instâncias dos tupinambás, pereceu às mãos desses bárbaros, e, à exceção de Caramuru, todos os seus companheiros tiveram a mesma sorte.

Viveu ainda Diogo Álvares por muitos anos; recebeu o governador Tomé de Sousa e foi-lhe assaz útil na fundação da antiga capital do Brasil, até que tranquilamente expirou nos braços de sua consorte e no meio de toda a sua numerosa descendência, em 5 de outubro de 1557.

Não sobreviveu-o por muito tempo a feliz Catarina Álvares e seus despojos mortais descansam na igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Graça onde lhe puseram o seguinte epitáfio:

“Sepultura de Dona Catarina Álvares Paraguaçu, senhora que foi desta capitania da Bahia, a qual ela e seu marido, Diogo Álvares Correia, natural de Viana, deram aos senhores reis de Portugal; edificou esta capela de Nossa Senhora da Graça e a deu com as terras anexas ao patriarca de São Bento no ano de 1582.”

No convento existe também o retrato de Dona Catarina Álvares, mas talvez tenha a mesma exatidão que tem a época da doação das terras, já quando seu marido era morto, e ela também, a menos que quieram que falecesse com mais de oitenta e seis anos; e até o mesmo nome de Caramuru é inexato.

Paraguaçu teve quatro filhas de Diogo Álvares, e não há muito tempo que uma de suas descendentes pedia ao governo imperial a graça de um título por ser a única que não o possuía.

É pois a sua descendência uma das mais ilustres da cidade da Bahia, e é desse tronco que vem a casa da Torre, tão célebre pela sua opulência.

*

Entre as páginas votadas às brasileiras pelas suas ações magnânicas, pelos seus feitos de valor, pelas suas provas de amor da pátria, pelos

seus rasgos de desinteresse, pelos seus exemplos de virtude, pelos seus atos de piedade e religião, pelas suas produções artísticas, literárias ou científicas, consagremos também uma página a uma e modesta mameluca.

Heroínas domésticas, sem admiradores nem poetas, sem imprensa nem tribuna, sem coroas nem estátuas, sem glória nem apoteoses, as mulheres exercem a prática de todas as virtudes, enquanto que os homens, árbitros ou legisladores da sociedade, heróis ou reis do século, se contentam com as suas teorias. O seu fausto, o seu esplendor, o seu arruído, o seu povo, as suas aclamações são as mudas e silenciosas paredes da sua habitação, são os seus cuidados, são a sua família. A sua vida toda de deveres é como que um exemplo contínuo, um exemplo santo, um exemplo justo, do qual nenhum prêmio esperam neste vale de sofrimentos e prazeres, de risos e lágrimas, e que se a alguma recompensa podem ou devem aspirar, é por sem dúvida à bem-aventurança, que a divina Providência reserva na sua santa glória aos seus mimosos, aos seus prediletos, aos seus escolhidos. É a esperança de além-túmulo, nuvem dourada, que no horizonte reflete os raios do sol no poente!

A fidelidade conjugal, um dos mais nobres caracteres da mulher, que como o diadema da sua pureza, que como a coroa da sua honestidade brilha nobremente sobre a sua cabeça, que jamais se curvou à desonra, que jamais repousou sobre a perfumada almofada do vício, a acompanha triunfantemente da hora do himeneu à da sepultura, do tálamo do amor puro ao leito eterno da morte. Santa virtude, que pertence a todas as classes, altas, medianas, e baixas, da sociedade, e que, como o diamante e o ouro tanto brilha nas areias de um regato, como na coroa de um rei, tanto realce tem na magnificência admirável dos paços sob os seus abrilhantados tetos, como na humildade doce e enternecedora da choupana, entre as suas rústicas e pobres paredes.

Pura era a vida da mameluca – da mulher descendente de cristãos ou de bárbaros selvagens, mas educada sob o catolicismo, e que vivia satisfeita naquele engano da alma, de que fala Camões, e que a fortuna invejosa raras vezes deixa durar, e que morreria ignorada do mundo, que baixaria à vala comum dos mortos, ao seio da mãe da humanidade, com toda a sua virtude, tendo unicamente a oração fervente de mistura com algumas lágrimas, e com alguns ais de saudade de seus parentes, ao dobrar lúgubre

mas passageiro dos sinos da sua aldeia, e a recompensa eterna da sua castidade na outra vida, se outro fosse o seu fim, se a peripécia da sua existência não convertesse o drama frio e comum da sua vida numa tragédia horrível, que tão grande brado deu de seu existir, que tão alto proclamou o seu nome, e que por toda a parte assoalhou o seu exemplo de amor conjugal.

A mísera e mesquinha bem longe estava do galardão, que lhe destinava o mundo depois do seu voluntário martírio. Desconhecida esposa de ignorado soldado, Maria Bárbara, que tantas provas havia dado do seu amor conjugal, foi assassinada covarde, fria e cruelmente, junto da Fonte do Marco, não longe da cidade de Belém, capital da província do Pará, pela mão homicida, que embalde pretendeu manchar a sua castidade.

Resignada, preferiu a morte à desonra, e como mansa ovelha, coroadada das flores do sacrifício, deixou-se degolar pelo pérfido assassino, que lhe abriu as portas da glória ao som dos hosanas dos santos e inocentes mártires.

Tomou de um anjo as cintilantes asas,
E para o céu voou!

Ah! E quantas mulheres, ávidas da palma do martírio, não invejariam a sua morte! Como um epitáfio bem merecido, um poeta, filho do majestoso Amazonas, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, inspirado pela sublimidade do assunto, escreveu sobre a sua sepultura estes maviosos, estes sublimes versos, que arrancam suspiros e ais à alma mais estoica, e que se não podem ler sem que os olhos se umedeçam de lágrimas, sem que a alma fique possuída de um não sei quê de saudade e compaixão, e que, para nos servirmos da frase de Victor Hugo, são qual doce e longínquo som, que se escuta ainda por muito tempo:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadáver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo aflito, errante...

Diz-lhe, como do ferro penetrante,
Me viste por fiel cravado o peito
Lacerado, insepulto e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inumano, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém, que alívio busque a dor amara,

Lembrando-se, que teve uma consorte,
Que por honra da fé, que lhe jurara,
À mancha conjugal prefere a morte.

*

À fé, o divino farol que nos guia a eternidade, deve o Novo Mundo a sua civilização, o seu progresso e a sua liberdade; mas essa luz pura e celeste não penetrou nas belas florestas da América, não desceu por seus caudalosos rios, nem subiu as suas altíssimas cordilheiras levada somente, como se pensa, por esses famosos padres que, triunfando de todos os obstáculos, fizeram ouvir a voz do Evangelho no próprio festim da antropofagia dessas horas bárbaras entre os próprios bárbaros.

A mulher que baixara do Calvário ao lado do padre depois do tremendo sacrifício, tinha também direito à glória de tão santa missão, e pois Damiana da Cunha realizou em nossa pátria tão sublime tarefa.

Os caiapós a reconheciam por sua soberana, os homens civilizados chamavam-na a neta do cacique; mas a posteridade designa-a por mulher missionária, e essa designação equivale a uma apoteose.

Essa tribo bravia, valerosa e intrépida, conhecida também pelo nome de coroados, dominava os sertões de Camapuã, mas nas suas caçadas e correrias alargava-se até Curitiba. Vagava nua empunhando o arco e a seta e manejando com destreza o tanguape, espécie de maça. Contava os meses por luas; fazia com grande vozeria as suas festas e jogos, em que exercitava as suas forças; tinha ajuntamentos noturnos e com danças e tinta de negro celebrava as exéquias de seus mortos. Eram eles altos, bem apessoados, e passavam entre os indianos por belos.¹

Os paulistas que descobriram Goiás levaram suas bandeiras triunfantes aos sertões dos miserandos índios. A avidez das riquezas as ani-

1 Cunha Matos, *Itinerário*, t. II. Silva e Sousa, *Mem. da prov. de Goiás, Revist. trim.* t. XII, p. 494, etc. (Aug. de Saint-Hilaire. *Voyage aux sources du rio de San Francisco*, etc. t. II, p. 106.)

mava, e ao passo que revolviam os leitos dos rios em procura do metal que lhes acendia a cobiça, travavam guerra de morte com as tribos selvagens, e os prisioneiros tinham por condição a escravidão.

Os caiapós, zelosos de sua independência, juraram-lhes a guerra do extermínio e levaram suas incursões até os seus estabelecimentos situados na parte setentrional de São Paulo: as bandeiras eram repelidas com denodo, e os saques das caravanas abrilhantavam-lhe o triunfo como troféus da vitória.

Nessas circunstâncias resolveu o governador Luís da Cunha e Menezes reduzi-los à vida social por meios brandos, que até ali se haviam esquecido de empregar. Luís, simples soldado que fizera parte das bandeiras, foi escolhido para essa missão; puseram-no à frente de cinquenta goiases e três índios que deviam servir de línguas, e Vila Boa viu esperançosa sair para o sertão essa expedição de paz, no dia 15 de fevereiro de 1780.

Longos meses erraram esses intrépidos aventureiros pelos desertos das feras, sustentando-se da caça e de mel selvagem; procurando com sinais pacíficos os intrépidos caiapós, e dirigindo-lhes por meio de seus intérpretes, palavras cheias de paz e conciliação; repartindo com eles brindes pueris, pelos quais esperavam alcançar nada menos do que a liberdade bravia de que gozavam. Alguns dentre eles se deixaram captar de tanta benevolência e quiseram por si mesmos conhecer o grande capitão de quem tanto e tão bem lhes falavam esses aventureiros missionários, e pois decidiram-se a acompanhar a expedição até a capital de Goiás.

Vila Boa amanheceu ruidosa de alegria. O cabo da bandeira pacífica entrava à frente de sua expedição, tendo por séquito quarenta caiapós entre homens, mulheres e crianças. Vinha na frente deles um ancião, de fisionomia nobre e agradável, guardado por seis guerreiros, com seus arcos e flechas e terríveis maças. Era o maioral de uma tribo dessa ativa nação indiana, e entre as mulheres caminhava a sua filha, trazendo um menino pela mão e uma linda criancinha às costas, sentada numa espécie de rede de cipó pendente de uma faixa que lhe cingia a cabeça.

O feliz soldado foi recebido com pomposa festa; a artilharia saudou os bem-vindos filhos das florestas, e a igreja paroquial de Santana abriu de par em par as suas portas, e ao som dos cânticos bíblicos renderam-se graças ao Senhor pelo êxito da expedição. Agradecido o ancião com o acolhimento que tivera, enlevado com os encantos e gozos que lhe oferecia a

vida social, declarou que não voltaria mais à existência nômade e selvagem de seus bosques. Despediu os seus guerreiros e marcou-lhes o prazo de seis luas para que voltassem trazendo os caiapós que se tinham deixado ficar em suas pobres palhoças, e que, dizia ele, eram tão numerosos como as estrelas.

Tratou-se de admitir ao seio do cristianismo as criancinhas, purificando-as da mácula nas águas regeneradoras da pia batismal, e pois a filha da filha do ancião recebeu o nome de Damiana, e o governador que lhe serviu de padrinho lhe deu o seu ilustre apelido.

Ao princípio foram estes índios estabelecidos na aldeia Maria, assim chamada em honra da rainha, que então empunhava o cetro do império lusitano, mas com os novos descimentos cresceram em avultado número, que força foi reparti-los pela aldeia de São José, deserta pela extinção de seus primitivos habitantes acroás, javaés e carajás.²

Não era a aldeia de São José uma simples reunião de ligeiras choupanas apropriadas a seus moradores à maneira de suas malocas. O governador e capitão-general José de Almeida e Vasconcelos Soberal e Carvalho que lhe dera o sobrenome de Moçamedes, denominação de seu baronato, fez construir casas com bonita aparência, entre as quais colocou um palácio de recreio para os governadores, consumindo enormes somas em tais construções, um tanto suntuosas, relativamente à sua localidade.

Elevava-se a aldeia sobre uma colina dominada pela serra Dourada, légua ao norte do ribeirão da Fatura, braço direito do rio dos Pilões, que também o é do rio Claro. Em frente à igreja, de elegante frontispício, com suas duas torres, ao sul de espaçosa praça, levantava-se a habitação dos governadores com seu pórtico coroado das armas reais. Quatro torreões erguiam-se nos cantos da praça e os mais edifícios que a circulavam eram térreos, de construção regular. Por detrás da habitação dos governadores via-se um jardim de alguma extensão, regado por um ribeiro, cujas águas foram em parte desviadas para o serviço do engenho de fiar.³

2 Cunha Matos, Silva e Sousa, Saint-Hilaire nas obras já citadas.

3 Tenho presente a planta desta aldeia, levantada por Joaquim Cardoso Xavier, sargento do regimento de infantaria de milícia de Vila Boa em 24 de janeiro de 1810, com o seguinte título: *Planta da aldeia de São José de Moçamedes, pertencente a Vila Boa de Goiás, mandada tirar pelo Exm. Sr. D. João Manuel de Meneses, governador e capitão-*

Numa dessas habitações térreas residia Damiana da Cunha,⁴ neta desse principal submetido de tão bom grado ao jugo da civilização, que tantas comodidades lhe apresentara; ali cresceu à sombra da cruz; ali casou-se com um brasileiro que depois abraçou a vida militar⁵ e de tal modo se conduziu na prática das virtudes, que mereceu não só o respeito extraordinário dos índios aldeados e ainda dos selvagens, como a consideração e estima dos presidentes e principais pessoas da província.⁶ Era uma mulher bela entre as mulheres da sua raça; mostrava-se polida, tinha um gesto alegre, amável e franco, e muita penetração de espírito, e falava com muita clareza a nossa língua.⁷

Os caiapós, porém, ativos de sua liberdade selvagem e de seu nome,⁸ avezados à vida nômade, zombavam dos esforços empregados

-general desta capitania da qual aldeia o terraplano ocupa 77 ½ braças de longitude e 44 ½ braças de latitude, por medição lineal com 73 quartéis e 4 sobrados entre os ditos quartéis. Só dois não estão demolidos, os mais se acham arruinados, cuja planta está medida e lineada com todas suas partes certas como mostra nesta estampa pelo seu petipé das braças. A planta é em duas folhas representando uma o alçado e a outra o plano.

- 4 Consta de seu requerimento dirigido ao cônego provisor e vigário-geral de Goiás em 19 de julho de 1829.
- 5 Era paisano quando casou-se, assentou depois praça no batalhão nº 29 de 1ª linha, sendo extinto deu baixa e assentou de nova praça na 5ª companhia de caçadores de 1ª linha de legião de Mato Grosso da guarnição da província de Goiás, na qual era anspeçada. Abraçando a vida militar diz ele que teve em vista fazer algum serviço ao Império ajudando sua esposa na reeducação do gentio caiapó que infestava a estrada de Goiás para Cuiabá. Auguste de Saint-Hilaire que visitou D. Damiana em 1819 diz erradamente que ela era viúva de um sargento de pedestres, a quem fora por muitos anos confiado o governo de aldeia. (*Voyage aux sources du Rio de San Francisco*, t. II. P. 117)
- 6 Merecendo muita consideração a índia D. Damiana, que tem nas tribos do caiapó uma ascendência extraordinária. (Cunha Matos, *Itinerário*, t. II, p. 138.) Avant de quitter San-José, j'allai rendre visite, avec le caporal commandant, à la personne de toute l'aldea pour laquelle les Caypós avaient le plus de considération: c'était une femme de leur nation, que l'on appelait D. Damiana. (Aug. Saint-Hillaire, *Voyage aux sources du rio de San Francisco*, t. II, p. 118.)
- 7 Aug. Saint-Hilaire, na viagem já citada, t. II, p. 118.
- 8 Chamavam-se entre si *Panariás*, mas os paulistas os designaram por caiapós, e ignora-se a causa. *Panariá* vale tanto como se disséssemos *indiano*, e Auguste de Saint-

pelo governo da província; sujeitando-se momentaneamente à civilização, aprendiam o manejo das armas de fogo e depois abandonavam o lar doméstico, corriam de novo a entranhar-se nas florestas e vinham unidos aos seus bater-se denodadamente com as bandeiras que os sitiavam por água e por terra, sem temor dos homens que outrora tinham por deuses, e manejando tão bem como eles os terríveis trovões⁹. Assim continuavam a ser o terror dos habitantes pacíficos, que surpreendidos por suas correrias, viam roubadas e incendiadas as suas casas e pagavam com a vida a defesa de seus haveres.

Damiana da Cunha, dotada de inteligência menos vulgar e de um coração generoso e altivo, contemplava com dor os sofrimentos dos habitantes de Goiás e a perseguição de que se tornavam dignos os seus irmãos primitivos; empreendeu pois reduzi-los à fé e chamá-los ao grêmio da sociedade, ao seio do cristianismo, para que fruissem os gozos do trabalho. A neta do cacique, como a chamavam, tinha compreendido a sua missão; a fé a guiava aos duros sertões, abria-lhe o caminho para as tabas indianas, e o caiapó até ali indomável e altivo da sua liberdade bravia, dobrava a cerviz às palavras insinuantes, cheias de amor, de caridade e de esperança, de uma mulher cara pelo sangue, que lhes pulsava nas veias.

Quatro vezes os povos da província de Goiás correram à aldeia de São José de Moçamedes para presenciar a sua entrada à frente de centenas de índios, arrancados às brenhas, e que vinham submissos gozar dos frutos da civilização e da paz, e quatro vezes a nobre neta do cacique recebeu em ovações estrondosas a prova do apreço de seus importantes serviços, depois de tantos meses de peregrinações e trabalho.

No ano de 1808 entrou ela com setenta e tantos índios caiapós de ambos os sexos; vinha do sul dos sertões do Araguaia; essa cena repetiu-se

-Hilaire pensa que com este nome se querem distinguir, como raça dos negros e brancos, do que conclui ser ele posterior ao descobrimento recente do país que antes dessa época criam-se provavelmente os caiapós como os únicos do mundo. (*Voyage aux sources*, etc. t. II, p. 116)

9 O marechal Miguel Luís Morais, presidente da província, na fala que dirigiu ao conselho da mesma província em 1830. (*Matutina meia-pontense de 12 de julho de 1830* nº 32.)

em 1820, sendo o número dos índios quase o mesmo.¹⁰ O vigário Inácio Joaquim Moreira e seu sucessor Filipe Néri da Silva lançaram a água do batismo sobre essas cabeças acurvadas pela fé à civilização.¹¹

Foi por esta ocasião que ela teve a honra de receber sob o seu teto a visita de Auguste de Saint-Hilaire. Preparava-se então para essa segunda entrada, e como o distinto viajante duvidasse do bom êxito do seu projeto, ela lhe respondeu cheia de confiança: “É preciso que eles não me respeitem tanto para que deixem de fazer o que eu lhes ordenar.”¹²

Fez a terceira entrada nos sertões de Camapuã no ano de 1828, pondo-se em viagem em dias de maio e recolhendo-se no dia 24 de dezembro de 1825, depois de sete meses de peregrinações e fadigas. O seu séquito era numeroso; cento e dois índios de ambos os sexos com dois capitães à frente abandonavam as suas rudes habitações, entravam contentes e satisfeitos no templo da formosa aldeia de Moçamedes, e submissos aceitavam das mãos do vigário Manuel Camelo Pinto o batismo que lhes abria as portas à nova existência;¹³ e o próprio presidente da província, que correra-lhes ao encontro com demonstração de agrado, recebeu-os abraçando-os e mimoseando-os com vários brindes para captar-lhes a vontade e merecer-lhes a confiança das boas intenções que havia a seu respeito.¹⁴

Nos últimos dias do ano de 1829, os índios caiapós apresentaram-se nas proximidades de Cuiabá com aspecto hostil; vinham cometendo roubos, depredações e assassinatos, e com tal ousadia e bravura que uma bandeira que desceu sobre eles foi obrigada a retirar-se com perda de um índio guaná.

Procurou-se opor maior resistência, ou para chamá-los à ordem ou para afugentá-los; formaram-se pois duas novas bandeiras que deviam atacá-los por terra e pelo rio, e os caiapós atemorizados com o aparato das

10 Atestação de Manuel Camelo Pinto, presbítero secular do hábito de S. Pedro, vigário missionário na aldeia de S. José de Moçamedes, que reporta-se à tradição por falta de assentamentos ou matrícula dos índios.

11 Consta de seu requerimento de 19 de junho de 1829.

12 Na viagem já citada, t. II, p. 119. “D’après ce que me dit cette femme, elle entreprenait ce Voyage dans la persuasion que ses compatriotes seraient plus heureux dans l’aldea qu’au milieu de leurs forets.” *Idem*.

13 Atestação do vigário Manuel Camelo Pinto de 3 de junho de 1829.

14 Offício do presidente Miguel Lino de Moraes de 31 de dezembro de 1828.

armas, transpuseram o Araguaia e apareceram nas vizinhanças do rio Claro, na província de Goiás. Durante o dia o fumo e durante a noite o clarão de suas fogueiras denunciavam que não estavam longe daquele arraial e seus habitantes previam com receio a hora tremenda da bárbara incursão, quando veio tranquilizá-los o nome de Damiana da Cunha.

Era o digno marechal Miguel Lino de Moraes, presidente da província, que a chamara, implorando o socorro da mulher missionária; e pela quarta vez deixou ela a sua habitação e aceitou a tarefa árdua mas honrosa que se lhe cometia em nome da civilização.¹⁵ Não era esse o seu sonho? Longe de dar-se por fatigada e procurar descansar para sempre sobre o prestígio que havia adquirido, coberta das bênçãos de seus contemporâneos, anelava novas entradas pelos sertões, antevendo novos triunfos no descimento de outras tribos que por lá existiam nas sombras do paganismo, e pois o ensejo nunca lhe foi mais favorável.

O presidente Miguel Lino de Moraes lhe escreveu de seu próprio punho, dando-lhe bem cabidas instruções, repletas de conselhos fraternais, numa linguagem condigna de quem em tão remotas paragens representava a pessoa do chefe da nação.¹⁶

Ouçamos as suas palavras:

“A amizade com os índios caiapós nossos vizinhos muito me interessa.

“Se eles bem conhecessem as vantagens da vida social e a fortuna de viver no grêmio da Igreja católica romana, seguindo os preceitos do grande Deus, autor de tudo; se eles voluntariamente se apresentassem para existir entre nós, misturados com os moradores pacíficos desta província, ajudando-os em seus trabalhos e aprendendo com eles a trabalhar para adquirir o necessário às suas precisões, bem depressa reconheceriam quanto perdem na vida errante em que vivem embrenhados pelos matos como se fossem feras.

“Esta verdade reconhecida por vós e por muitos outros índios da mesma nação que entre vós vivem já civilizados, servirá de força de argumento para os persuadirdes a que aceitem o convite que por vós lhes mando fazer.

15 Ofício do presidente Miguel Lino de Moraes ao Ministério do Império, datado de 24 de maio de 1830.

16 Em 15 de maio de 1830, estas instruções lhe foram lidas muitas vezes por seu marido, segundo a recomendação do presidente. Of. acima citado.

“Assegurai-lhes que todas as minhas intenções, muito recomendadas por S. M. o imperador do Brasil, se dirigem ao importante fim de os atrair como nossos irmãos, filhos do Brasil, e que servindo somente de lhes despertar o amor do bem, não é para perturbar a sua liberdade, pois que eles são livres e como tais serão sempre tratados.

“Se encontrardes repugnância em deixarem as suas aldeias para virem viver conosco, não os obrigueis a isso e assegurai-lhe a permissão de poderem vir a esta capital a falar comigo que os tratarei muito bem e lhes darei alguns brindes e ferramentas para os seus trabalhos.

“Recomendai-lhes muito que respeitem os moradores desta província; que não lhes roubem as suas roças, nem matem pessoa alguma, única forma de serem por mim estimados; porém se obrarem o contrário não se poderão admirar de que mande força armada ao mato para castigar, porque os crimes são dignos de castigo.

“Se for possível ter inteligência com os índios coroados, que se julgam ser da mesma nação caiapó e que andam em guerra com a gente de Cuiabá, pedi-lhes da minha parte que deixem de atacar na estrada as tropas que sobem com negócio para aquela província, assim como os seus moradores, pois daí não tiram interesse, antes se expõem a ser perseguidos pelas bandeiras que têm ido sobre eles e que continuarão a marchar se eles não se acomodarem. Dizei a seus capitães e maiores que se eles deixarem os seus ataques, eu farei com que de Cuiabá procurem outra vez a sua amizade, e se acabe de uma vez essas desordens, e aos seus capitães e maiores dizei-lhes também que se apresentem a mim para os brindar.

“Estas instruções que vós deveis estudar antes de partir para o sertão, servirão de guia nos bons serviços que espero do vosso zelo pelo interesse desta província e dos povos da vossa nação caiapó, a quem muito estimo.”¹⁷

Damiana da Cunha recebeu da presidência da província os brindes com que devia mimosear os seus irmãos primitivos, e no dia 24 de maio de 1830 saía para o sertão com seu marido Manuel Pereira da Cruz¹⁸ e um índio e uma índia, José e Luísa, que a acompanharam sempre.¹⁹ Oito meses divagou ela pelas florestas, povoadas pelas feras; acompanhou os

17 Acha-se anexo ao seu ofício de 24 de maio de 1830, dirigido ao Ministério do Império.

18 Portaria de José Antônio da Fonseca, comandante interino do batalhão de caçadores de primeira linha.

19 Requerimento de Manuel Pereira da Cruz ao presidente da província, de 1º de fevereiro de 1831.

rios, ora descendo, ora subindo pelas suas úmidas margens; vingou montes arripiados de rochedos, cavados de precipícios, e regressou depois à sua aldeia no dia 12 de janeiro de 1831.²⁰ Os índios aldeados foram com danças e outras demonstrações de alegria ao seu encontro lá muito além de sua aldeia, pois tinham recebido notícias de sua aproximação pelos próprios que ela expedira no Tombador, além do rio Grande e próximo ao caminho de Cuiabá, e o presidente que se apressara em remeter-lhe alguns víveres e munições, concorreu também a esperá-la com outras autoridades no lugar.²¹

O seu séquito, porém, era o menos numeroso de todos quantos vira Moçamedes em suas triunfantes entradas;²² Damiana da Cunha apoiada nos braços de seus índios caminhava vacilante; seus olhos cheios de vida estavam como que apagados e a tristeza se lhe desenhava nas faces amorenadas. Ah! Era o Anjo da Morte que pairava sobre sua cabeça, curva, inclinada para terra!

O presidente foi visitá-la, e o comandante das armas concedeu a seu marido alguns dias de licença para que pudesse velar junto de seu leito.²³ Tranquila e resignada viu ela a morte aproximar-se; repartiu o que possuía com seu irmão Manuel da Cunha a quem tanto estimava;²⁴ recebeu os socorros espirituais, e como quem adormece, cerrou os olhos num suspiro brando e suave se lhe desprendeu dos lábios.²⁵

Tinha expirado a mulher missionária que estragara a existência em suas afanosas peregrinações e para quem a pátria não teve uma recompensa digna de seus serviços!²⁶

20 Atestação do vigário Manuel Camelo Pinto de 10 de maio de 1831.

21 Ofício do 1º de outubro de 1830, dirigido ao Ministério do Império.

22 Compunha-se de 32 índios de ambos os sexos, sendo alguns menores.

23 Por despacho de 2 de fevereiro de 1831.

24 Consta da ata da sessão extraordinária do conselho da província de 6 de outubro de 1831.

25 Faleceu entre 2 de fevereiro e 9 de março de 1831, como se infere de um requerimento de seu marido dirigido à presidência da província.

26 O marechal Cunha Matos diz no *Itinerário do Rio de Janeiro às províncias do Pará e Maranhão*, que D. Damiana da Cunha percebia uma pensão anual pelos seus importantes serviços. T. II, p. 138. Não é isto que consta dos documentos oficiais que tenho à vista.

Bem depressa propagou-se a fatal notícia, e a consternação lavrou por todas as povoações da província; chorou-se muito tão sensível perda.

Já a esse tempo as casas suntuosas a aldeia de S. José Moçamedes caíam em ruínas... e já hoje pouco resta de tanta grandeza... nem talvez o caiapó se lembre mais do nome de sua antiga soberana, a neta do cacique, a mulher missionária!

Por aviso do Ministério do Império de 2 de outubro de 1829, mandou-se que o presidente da província de Goiás concedesse a Manuel Pereira da Cruz a gratificação que julgasse conveniente, segundo o merecimento que pudesse ter em seu conceito os serviços que alegava.

O presidente Miguel Lino de Moraes deu por ofício de 24 de novembro de 1829 a seguinte informação:

“O suplicante nenhum merecimento tem para suplicar a recompensa pedida, nem é capaz de seguir por si semelhante diligência. Sua mulher Damiana da Cunha, filha de um cacique caiapó, ajudado de um sobrinho, soldado do batalhão nº 29, é que reconduziram e os trouxeram à aldeia pela influência que a dita Damiana tem sobre eles. Ao suplicante neguei os vencimentos de soldado sem o ser, e foi então assentar praça para acompanhar a mulher. À vista disto parece convir mais ser recompensada a mulher do que ele, até por lhe tirar as tensões de ir à corte pedir remuneração de seus serviços, em que me falou. Suposto ficasse desvanecida, com os exemplos dos que têm descido de Mato Grosso, avivaram-se-lhe as ideias, e é um mau exemplo, porque segue-se todos os índios mansos quererem ir, exigindo despesas aqui e na corte, consequentemente encarando o espírito do aviso no seu verdadeiro sentido, permita-me, V. Exc., que eu suspenda a sua execução até que se ofereça oportunidade, tratando com a dita Damiana a esse respeito.”

Por aviso de 17 de julho de 1830, ordenou-se que se verificasse em Damiana da Cunha a gratificação que se mandara dar ao seu marido e que ficara suspensa por aviso de 1 de abril de 1839, em consequência da informação presidencial.

Na sessão extraordinária do conselho da província de 6 de outubro de 1831, foi lido o requerimento do anspeçada do batalhão de caçadores nº 29 de primeira linha, Manuel Pereira da Cruz, viúvo da falecida Damiana da Cunha, índia da nação caiapó, pedindo a gratificação que tinha sido mandada arbitrar a favor de sua falecida mulher.

O conselho marcou pelos serviços da mesma a gratificação de 40000 l. e resolveu que ao marido se desse metade e a outra metade a Ma-

nuel da Cunha, único irmão da dita falecida, com quem ela repartiu o que tinha antes do seu falecimento.

Em novembro de 1832, requereu ainda M. Pereira da Cruz que se lhe abonasse anualmente a gratificação de 20000 l., como a que recebera no ano anterior por deliberação do conselho provincial em observância do aviso de 17 de julho de 1830.

O presidente José Rodrigues Jardim por ofício de 29 de novembro de 1832 informou que além do serviço que ele prestara em duas entradas nos anos de 28 e 29 em companhia de sua esposa, nenhum outro havia feito que se tornasse digno de remuneração, e assim se deliberou por aviso de 10 de abril de 1832.

Os índios José e Luísa, que vivem em companhia de Damiana da Cunha, não ficaram sob domínio de M. Pereira da Cruz, como ele requerera, para lhe servirem de língua em novas entradas por indeferimento do presidente Miguel Lino de Moraes, de 9 de março de 1831.

.....

II

Armas e virtudes

A GUERRA BRASÍLICA – AS SENHORAS PERNAMBUCANAS EM
TEJUCUPAPO – DONA CLARA CAMARÃO – DONA MARIA DE SOUSA
– DONA ROSA DE SIQUEIRA – DONA MARIA ÚRSULA

Q

UANDO o brado da invasão holandesa repercutiu em nossas plagas, um povo pequeno, mas consciente de sua intrepidez e heroicidade, correu às armas, e surpreendeu a expectativa da Europa prolongando por trinta anos uma luta que parecia de fácil terminação!

Nessa guerra heroica, chamada brasílica, não tiveram senhoras brasileiras que invejar aos seus compatriotas os feitos honrosos e dignos de valor e da coragem. As senhoras de Pernambuco conquistaram os louros do triunfo, não já, diz Jaboatão, pelo brio com que souberam guardar o seu crédito em ponto de honra e honestidade, o valor e constância com que sofreram muitos opróbrios e ainda tormentos, mas sim pelo ânimo varonil com que em repetidas ocasiões se atreveram a manejar as armas, onde já desfaleciam as forças dos mesmos cabos e soldados.

Tejucupapo, Porto Calvo e Serinhaém conservaram ainda a tradição de seus feitos; duram ainda nos ecos daqueles montes o ruído do combate misturado com as aclamações de suas vitórias.

A fome assolava o Recife, onde tremulava o pavilhão neerlandês; e a ilha de Itamaracá, que era como que o celeiro dos holandeses, estava

exausta, e pois o almirante Lichtart saiu do Recife com doze navios de guerra e tomando em Itamaracá as tropas disponíveis, seguiu com mais quinze navios para Tejucupapo com o desígnio de devastar a povoação de São Lourenço da Malta, vingar antigas derrotas e refazer-se de viveres.

Lichtart atrevido e experimentado procurou iludir a vigilância dos habitantes. Arribou a Maria Farinha, onde demorou-se todo o dia, simulando desembarques, e à noite, suspendendo o ferro, veio com a sua terrível armada surpreender Tejucupapo, e marchar subitamente contra São Lourenço.

Aí o aguardava o bravo major de milícias Agostinho Nunes, num reduto levantado pelos habitantes, e que servia como que guarida a suas famílias; e Mateus Fernandes, destemido mancebo, à frente de trinta companheiros destemidos, emboscados na floresta que bordava a estrada, esperava a ocasião para picar a marcha triunfante.

Os holandeses não se demoraram em apresentar-se às armas do novo Leônidas; caiu morto o sargento-mor de batalha que os capitaneava e um fogo mortífero rompeu de todos os lados.

As dignas e corajosas pernambucanas compreenderam o perigo a que se expuseram seus maridos, seus pais e seus filhos, e pegaram em armas, e correram às ameias do reduto.

O seu exemplo encoraja os peitos varonis. Três vezes investe o inimigo, três vezes tenta a escala, e três vezes é rechaçado pelo denodo das formidáveis guerreiras, que têm por estandarte a imagem do Redentor, que lhes apresenta a mais valorosa dentre elas.

E o combate durou por algumas horas.

Enfim os holandeses, dizimados pela morte, e desacoroçoando do triunfo, tocam a retirada, e fogem espavoridos, conduzindo os seus mortos; ...mas a terra selada de seu sangue atesta a galhardia dos nossos compatriotas, e os despojos de que deixam o campo juncado, ornaram o troféu da vitória devido ao valor das armas das senhoras brasileiras.

Infelizmente a História esqueceu-se de seus nomes, que deveriam exornar essas páginas tão ricas de reminiscências heroicas; pertencem-lhes, porém, as honras desse dia memorável, são unicamente delas os louros de tão assinalado feito, e o esquecimento de seus nomes concorre para que o brilho do triunfo reflita sobre todo o seu sexo, e constitua por si mesmo um dos maiores brasões de glória das nobres pernambucanas.

Na manhã do dia 7 de dezembro de 1859, S. M. o Imperador levado da curiosidade e do respeito pelas tradições da nossa pátria visitou a povoação de S. Lourenço de Tejucupapo.

Para recordação de sua incursão histórica, fez cortar um pedaço do tronco de uma soberba sucupira, que ali florescia, a fim de conservá-lo em memória da coragem que patentearam naquela localidade as senhoras brasileiras.

Possa essa prova de tão alta e honrosa consideração à sua memória servir de orgulho às suas compatriotas!

*

Dona Clara Camarão não era uma dessas descendentes dos conquistadores portugueses, que se pudesse vangloriar de um nascimento ilustre, mas uma indiana, gerada nos bosques brasileiros, nascida na taba, ou rústica cabana, levantada por seus pais, sobre a rede de algodão, trançada por sua mão, como indicava a sua tez avermelhada, como o dizia o perfil e os contornos de seu rosto, como o denunciavam seus negros e acanhados olhos, e seus cabelos corredios e espargidos pelos ombros. Ela soube tornar-se interessante e recomendável, não só pelas suas maneiras agradáveis, como pela intrepidez e bravura do seu ânimo, merecendo por isso a atenção dos seus compatriotas, e a afeição e dedicação do mais generoso e valente indiano, que produziram as tribos brasileiras.

Ignora-se a que tribo de índios pertencia dona Clara Camarão, em que parte do Brasil viu a luz, e até o seu nome primitivo: embalde se percorrem, a este respeito, as páginas dos historiadores da *Guerra Brasileira*.

É todavia de crer que, como seu marido, descendesse dos carijós, e nascesse em Vila Viçosa, nas abas da serra da Ibiapaba, onde os jesuítas estabeleceram uma aldeia de índios que assaz concorreu para a povoação da província do Ceará.

Ligada pelos laços do consórcio a dom Antônio Filipe Camarão, achava-se dona Clara com ele em Porto Calvo, onde o conde de Bagnolo acabava de se fortificar, quando João Maurício de Nassau, à testa de um exército numeroso, tentou a conquista desta nascente vila, e tudo se pôs em movimento. Dona Clara Camarão empunhou as armas, incitou com o seu exemplo as senhoras de Porto Calvo, que se desalentavam em gritos

de terror, e marchou à sua frente, contra os invasores holandeses. Ações brilhantes encheram as páginas da História nesse dia: mas a sorte das armas foi desfavorável aos nossos, que, podendo ser vencedores, tocaram a retirada, e abandonaram a vila. Ainda assim, Henrique Dias, com seus negros, Camarão com seus índios, e dona Clara com a sua esquadra feminina, escoltaram os habitantes de Porto Calvo, marchando para Madalena, depois para Penedo, e finalmente para Sergipe, donde se passaram à Bahia em 1634.

Tanto esforço e tão admirável coragem mereceram ser cantados pelo jovem poeta nacional José da Natividade Saldanha, que, por mais de uma vez, foi inspirado pelas ações ilustres de seus compatriotas.

Eis aqui os seus versos:

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brasíleo esposo
A nobre esposa amada:
No campo dos troianos
Camila Furiosa,
Voando sobre a grimpa da seara,
Mais triunfos à morte não prepara.

Assoberbam o batavo nefando;
O quente sangue espuma;
Qual belga foge, qual brasíleo fere:
Quem evita o mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos de alta glória
Alcançam do holandês clara vitória.

Não foi, porém, só nesta ação que se assinalou dona Clara Camarão, que no dizer de Damião de Fróis Perim, acompanhou seu marido em todas as campanhas, e teve parte em todas as vitórias.

O que admira, é que tendo Filipe IV, rei de Espanha, que estendia o seu pesado cetro sobre o reino português e suas conquistas, galardoado os serviços de dom Antônio Filipe Camarão, premiando-o com a mercê de cavaleiro do hábito de Cristo, e fazendo-lhe graça do dom, se esquecesse de sua esposa, sendo que foi tão ilustre como ele, ou mais ainda, se lhe levarmos em conta a delicadeza do sexo.

*

O amor da pátria, um dos mais nobres caracteres do coração humano, pertence a todos os países. Resplandece em todos os tempos, brilha entre todas as classes, e fulgura como partilha de todos os sexos.

Quando os holandeses devastavam as capitânicas brasileiras, que demoram ao norte, o vulto heroico e saliente do grande Matias de Albuquerque, chamou a atenção dos intrépidos invasores para a nascente povoação de Vila Formosa, que se eleva sobre a margem esquerda do rio Serinhaém, e que se orgulhava com o seu outeiro, que tinha por torreada coroa um diadema religioso, a sua rústica mas bela e vistosa capelinha, que alveja destacando-se do verde do seu arvoredo e se deixa ver de grande distância.

Pequena era a força do nosso general, e o sargento-mor de batalha Andrezon o veio desalojar daquela posição à frente de oitocentos homens. O inimigo acometeu o ponto guardado por vários capitães, que teriam nas suas cinco companhias uns cento e trinta soldados, inclusive alguns índios. Não podendo conservar o posto, buscaram os nossos o rio Serinhaém, e aí carregou sobre eles o inimigo, porém, Matias de Albuquerque com seu irmão Duarte de Albuquerque e uma centena de defensores, desconcertou o inimigo em seu triunfo e o obrigou a retirar-se, com os que já se retiravam. Conhecendo depois o inimigo que era vergonhosa covardia ceder ante tão pequeno número, voltou de novo e de novo empenhou-se o combate, não menos duvidoso e mortífero.

Durava já sete horas e o campo ia se juncando de mortos e feridos, quando o inimigo prudente e cauteloso começou a retirar-se...

Entre os que perderam a vida defendendo a pátria, contou-se Estêvão Velho; era apenas um soldado, muito jovem ainda...

A notícia de sua morte chegou rapidamente aos ouvidos de sua mãe D. Maria de Sousa, uma das mais nobres senhoras de Pernambuco, dotada de espírito varonil, talhada pelo molde das antigas espartanas, e que soube vencer a aflição natural, sopitar os afetos maternais, e dar o exemplo da maior heroicidade verificada pelo amor da pátria.

Era imensa a perda que acabava de sofrer aquele coração: além de Estêvão Velho, tinha já perdido um genro e dois filhos; mas lembrou-se que possuía ainda dois, um de 13 e outro de 14 anos; chamou-os e lhes dirigiu estas sublimes palavras cheias de nobreza e heroicidade:

“A Estêvão tiraram hoje a vida os holandeses, e posto que, filhos meus, perdi já três e um genro, antes vos quero persuadir, que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, numa guerra onde tanto servem a Deus com a el-rei, e não menos a pátria; pelo que cingi logo a espada; e a triste memória do dia, em que a pondeis na cinta, esquecendo-vos para a dor, só vos lembre para a vingança, matando ou sendo mortos tão esforçadamente, que não degeneréis desta mãe e daqueles irmãos!”

“Com admirável constância”, diz o historiador da *guerra brasileira*, Brito Freire, “fazendo-se logar entre as insignes matronas da nação portuguesa, que em todos os séculos celebrou tanto a fama, aprenderam desta mulher a ser valorosos os homens.”

“Este exemplo de patriotismo”, escreve o conselheiro Baltasar da Silva nas suas *Notas biográficas*, “é digno de eterna memória, porque elevou seu nome tão gloriosamente nos fastos brasílicos, preferindo a salvação da pátria ao amor filial.”

“Procedimento sem dúvida”, acrescenta monsenhor Pizarro nas suas *Memórias históricas*, “mais ilustre que o da celebrada matrona lacedemônia, de quem se conta, que ciente da morte de um filho na batalha, pelejando pela pátria, mandou outro substituir o lugar. *Ejus locum expleat frater* (Irá seu irmão ocupar o seu lugar)!”

Os filhos de tão generosa mãe não desmentiram de seu ânimo varonil nem de sua constância patriótica; ambos eles se mostraram dignos dela, de seus valorosos irmão e de sua pátria, e souberam nobre e esforçadamente cumprir a recomendação, que ela lhes fez naquela hora tão solene e de tão santa e heroica abnegação.

*

Nasceu dona Rosa Maria de Siqueira na cidade de S. Paulo, no ano de 1690. Seus ricos e nobres pais, Francisco Luís Castelo Branco e dona Isabel da Costa e Siqueira, curaram de lhe dar uma não medíocre educação. Ligada por laços conjugais ao desembargador Antônio da Cunha Souto Maior, cavaleiro professo na ordem de Cristo, passou à cidade da Bahia, em companhia de seu consorte, e ali, em princípios de dezembro de 1713, embarcou em a nau *Nossa Senhora do Carmo e Santo Elias* com destino a Lisboa.

Montava essa nau 28 peças; ia carregada de açúcar, tabaco e coirama, e levava a seu bordo 119 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Tendo feito boa viagem, achava-se na madrugada de 20 de março de 1714 sobre a costa de Lisboa, 15 léguas ao mar das Berlengas, quando ao largo se avistaram três velas. Eram corsários argelinos, que então andavam naqueles mares, aprisionando as naus cristãs e cativando os que nelas encontravam. A capitânia montava 52 peças, a almirante 44, e a fiscal 36, perfazendo ao todo 132 bocas de fogo, e sendo numerosas as tripulações.

Reconhecidas as velas, souo o rebate a bordo da nau cristã, e para logo pediu o capitão Gaspar dos Santos Negreiros a Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que regressava ao reino português depois de haver sido governador de Minas, que ocupasse o seu posto, e ele combateria sob suas ordens. A tão generosa oferta se recusou Antônio de Albuquerque, alegando que não tirava a glória do vencimento, a quem lhe dava tão ilustre princípio com aquela ação, e ainda mais, que da milícia do mar não tinha a necessária experiência; porém, que estava pronto a obedecer-lhe e a pelear em serviço do rei e da religião. Aceitou o capitão aquela modesta escusa, e dispôs tudo para o combate.

Eram 7 horas da manhã, quando retumbaram os mares com os trovões da guerra, e o ar se toldou de negro fumo. Começado o combate, começou também dona Rosa Maria de Siqueira a assinalar-se por suas ações, como se houvera soado a hora do seu glorioso renome. Acesa de ânimo, cheia de coragem, quis logo compartilhar a glória dos combatentes na defesa de tantas vidas; e era para ver-se como a ilustre paulista animava os guerreiros no meio de tão encarniçado conflito já ministrando armas a uns, já levando pólvora a outros, e sempre repetindo: “Viva a fé de Cristo!”

Alguns judeus, que iam presos e remetidos ao tribunal do Santo Ofício, desejando o triunfo dos argelinos, preferindo o peso dos grillhões do cativo aos tormentos infernais dos cárceres da Inquisição, e ao fogo das suas horrorosas fogueiras, acusavam o capitão de temerário e de imprudente, desanimando assim os que combatiam pela própria conservação, honra e liberdade; e diziam que não era nem valor, nem acerto, aceitar batalha com desigual partido; que a defesa passava a temeridade, quando se não podia duvidar do vencimento; e que melhor era entregar a nau antes do estrago, que depois da vitória, porque os mouros castigariam em todos

a culpa de um só, não dando quartel; que o capitão pelejava antes pela sua fazenda embarcada em a nau, do que pela liberdade, honra da nação, e defesa da fé. Dona Rosa, repreendendo-os com energia, a todos persuadiu, que era a morte em tal caso preferível a capitulação e cativo de tão bárbara gente, segurou os ânimos dos combatentes, tomados de entusiasmo e admiração, por verem que uma senhora sabia pôr em prática o que ensinava por suas palavras. Ela deixou as roupas do seu sexo, trajou a militar, e, confundida com eles, pelejou a batalha, afrontou os perigos, sem que o espetáculo terrível e sanguinoso de um tal conflito lhe quebrasse o ânimo.

Amiudadas eram as descargas de artilharia e mosquetaria das naus infiéis: nuvens de projeteis choviam de momento em momento sobre o convés, e aos repetidos gritos das tripulações inimigas de “Amaina! Amaina!”, respondia a corajosa guerreira paulistana com altos brandos de “Viva a fé de Cristo!” Levando uma bala a cabeça do condestável, que dirigia uma peça, e na ocasião em que ia fazê-la disparar, lançou-lhe D. Rosa o fogo, ficando no mesmo lugar até que um artilheiro a viesse substituir.

A batalha ferida ao despontar do sol durou até ao seu ocaso, e só foi suspensa à chegada da noite. Os nossos, aproveitando o ensejo favorável, entregaram-se a atos de piedade, amortalhando os mortos, curando os feridos e reparando também a nau do melhor modo possível, e porque se houvesse acabado o cartuchame, aprontou dona Rosa, ajudada por duas negras e duas velhas índias, que pouco trabalhavam, para mais de trezentos cartuchos, certa de que no dia seguinte maior seria o combate e coroado da vitória.

Aos primeiros raios do sol, surgindo sobre a superfície das águas do oceano, travou-se de novo o conflito com maior valor, com mais intrepidez da parte dos cristãos. Cinco vezes os infiéis abordaram a nau, e cinco vezes foram rechaçados, mortos ou arrojados ao mar. Dona Rosa, como uma verdadeira heroína, apareceu em todo esse dia de horrível combate, pelejando briosamente, acoroçoando os guerreiros com o brado de “Viva a fé de Cristo!” Ora ajudando os marinheiros a arrear, a recompor os cabos, no manejo marítimo, ora cuidando dos feridos, e sempre olhada com admiração e respeito.

Uma granada argelina, arrebrandando junto da vela grande, a incendiou; prontamente despiram os combatentes as suas roupas para com

elas abafar o incêndio; dona Rosa os imitou tanto quanto lhe permitiu o recato de seu sexo, e a tão acertado remédio se deve não ter lavrado o fogo. Os mouros, supondo ia a nau ateadada, trabalharam para rendê-la, mas eis que pelos esforços e atividade varonil de uma mulher, a nau mareia, graças a nova vela, evitando assim nova abordagem. O inimigo desce de seu intento, dispara a última carga de artilharia e mosquetaria, e recua já noite fechada.

Dona Rosa desenvolveu então a mesma atividade, que mostrara na noite precedente; prestou-se a todo o serviço, indispensável a novo combate. No dia seguinte não ousaram os corsários aproximar-se; embalde mandou o capitão marear a nau, esperando novo conflito; o vento refrescou e os argelinos sumiram-se no horizonte. Caíram então os cristãos de joelhos, e com os olhos e os bravos alçados para o céu, deram graças ao Senhor por esta vitória.

A nau demandou a barra de Lisboa, e em 22 de março de 1714 fundeou nas águas do Tejo.

Dona Rosa tornou-se por muito tempo o alvo da curiosidade dos habitantes da metrópole portuguesa; todos a queriam ver, e todos a louvaram pelo seu nobre valor, pela sua rara intrepidez. A coragem da distinta brasileira deu assunto à conversação, e fez com que seu nome viesse à posteridade, alcançando um lugar nas páginas da História.

*

Nascida nos últimos anos do décimo sétimo século, dotada de índole extremamente belicosa, e coração varonil, contava dona Maria Úrsula de Abreu Lencastre, apenas dezoito anos de idade, quando, ardendo de desejo de assinalar-se nos campos da guerra, abandonou a casa paterna, fugiu aos braços de seu velho pai, João de Abreu e Oliveira, e embarcou-se para Lisboa, onde, no dia 1º de setembro de 1700, assentando praça de soldado, sob o nome de Baltasar do Coito Cardoso, passou ao Estado da Índia.

Foi nessa celebrada parte do mundo, teatro dos brilhantes feitos de tantos cabos portugueses, que vasta carreira de glória se abriu ao jovem Baltasar do Coito Cardoso. Longo seria enumerar as proezas que obrou, os combates em que se achou, e o modo como que neles se soube

haver; bom será, porém, apontar aqui, que no assalto à fortaleza Amboíno, foi um dos soldados que primeiro ousaram entrá-la, e que, havendo-se tornado digno de galardão pelo ânimo e valor, que mostrara na tomada das ilhas Corjuém, e Panelém, que o vice-rei Caetano de Melo e Castro ganhou a Fondom Saunto Branscoló Sardersai, das terras de Cudale, foi nomeado cabo do baluarte da Madre de Deus, na fortaleza de Chaul, onde prestou relevantes serviços.

Em 12 de maio de 1714 obteve baixa do seu posto, e, trocando a vida guerreira pela pacífica, esposou o valente Afonso Teixeira Arrais de Melo, que, anos antes, havia sido governador do forte de São João Batista, na ilha de Goa.

Tendo servido o Estado, pelo espaço de quase quatorze anos, que apenas alguns meses lhe faltaram para isso, assinalando-se pelo seu valor, não quis o rei dom João V deixar de remunerar os importantes serviços, prestados por uma mulher, na carreira das armas, e por despacho de 8 de março de 1718, lhe fez mercê do paço de Panguim, pelo tempo de seis anos, e de um xerafim por dia, pago na alfândega de Goa, com a faculdade de testar em seus descendentes, e, na falta destes, em quem bem lhe parecesse. Ali expirou dona Maria Úrsula de Abreu Lencastre, coberta das bênçãos de seus contemporâneos, rodeada de homenagens; conservando em toda a vida, como que para lembrança de seus feitos brilhantes, tanto o traje varonil, como a espada, testemunha de seu heroísmo.

.....

III

Religião e vocação

JOSEFA DE SÃO JOSÉ – A BEATA JOANA DE GUSMÃO
– A IRMÃ GERMANA

B

ELA e sublime se eleva na capital do império cisatlântico a serra tijucana, ramificação digna da cordilheira dos Órgãos, que contorna parte do magnífico golfo de Niterói, de que se mostravam tão zelosos os antigos tamoios, seus primitivos habitantes. E como que o fundo escuro do quadro desse painel deslumbrante em que se desenha a rainha da América meridional, com a sua coroa mural.

Ah! E que de transformações em menos de um século! Já pouco resta do pitoresco que caracterizava esse belo vale do desterro!

Ouve-se apenas a sineta, que nossos pais ouviam, derramando sobre as asas do vento os seus sons fúnebres e melancólicos, que se perdem nos extremos dessa nova e nascente Babilônia. Lá sobre a montanha está o rústico campanário, e o santo gineceu das filhas de Santa Teresa de Jesus, as carmelitas descalças. No seu recinto, em leito de modéstia argila, descansa o invicto e grande capitão, que elevou os arcos triunfantes dessas águas, que murmuram junto da sua sepultura, e a quem a vitória coroou de seus

louros nas campinas de Uruguai, e a seu lado, em campa rasa, dorme o sono dos mortos a fundadora daquele asilo, a madre Jacinta de São José.

No começo do século décimo oitavo viviam no Rio de Janeiro e eram venerados pela sua religiosidade José Rodrigues Aires e Maria Lemos Pereira. Unidos pelos laços matrimoniais, abençoou o Céu o seu consórcio dando-lhes dois filhos e duas filhas.

Os felizes pais assaz se esmeraram na educação dos seus genitores, aos quais o Senhor concedeu a graça da perseverança no caminho da vida por este vale de espinhos e lágrimas; mas a todos eles se avantajou Jacinta, que tão célebre tinha de se tornar pela fundação de uma nova comunidade, como pelas contrariedades com que teve de lutar durante os longos anos de sua existência.

Ela nasceu no dia 15 de outubro de 1715 e desde os tenros anos que ganhou certa superioridade sobre seus irmãos pelos muitos excelentes dotes naturais, e conquistou a benevolência e estima de seus parentes e das pessoas com quem falava. Fez-se notável pela sua presença, amável pela sua bondade, querida pela sua discrição e agrado, e admirada pelas suas virtudes. Unia a prudência à fortaleza, a formosura à modéstia e à humildade sem afetação. Era devota, não por ostentação, mas por queda natural.

Cresceu-lhe com a idade o fervor de votar-se a Deus; cedo compreendeu José Rodrigues Aires as piedosas inclinações que patenteava a sua filha, e longe de contrariá-la condescendeu com as suas súplicas e lhe fez presente de uns cilícios.

Animada pela condescendência paterna, entregou-se de todo ao exercício da penitência. Viram-na desde então como o anjo da oração embeber-se pela noite adiante nas práticas religiosas, e muitas vezes a surpreenderam a se martirizar com as disciplinas, que ainda hoje se conservam em sua cela, no seu convento. Corria depois a via-sacra, coroada de espinhos e curvada ao peso da cruz que levava aos ombros, parte da qual ainda subsiste.

Tão fervorosos foram os desejos de ser religiosa, que em vão se opôs o amor maternal a tão decidida vocação. A morte de seu pai, que favoreava os seus favoritos projetos religiosos, veio ainda mais contrariá-la em seus desígnios; achou porém em tão grande calamidade uma amiga protetora em sua irmã Francisca para consolá-la em suas atribulações.

A mãe entregue às afeições do amor maternal se inquietava a todo instante com o retiro de sua filha; e até se persuadia que ela aborrecia a sua companhia. Anelava que fosse santa, mas lhe desagradavam as penitências, que não lhe eram ocultas; alegrava-se com vê-la praticar alguns atos de virtude, cheios de piedade, mas lhe insinuava, mas lhe pedia que se não mortificasse. Muitas vezes ia surpreendê-la, e então lhe arrancava das mãos ensanguentadas os instrumentos da penitência! Outras vezes pagava a pobres mulheres, que viviam de esmolos, para lhe contarem histórias durante a noite, a fim de lhe dissipar a melancolia e desviá-la de seus exercícios religiosos. Então a contrariada menina, sem proferir a menor palavra de descontentamento, sofria com paciência; e tornava-se imóvel no seu leito para ver se a deixavam na suposição de que dormia.

Tinha ela adquirido a resignação nas graves enfermidades por que passara desde a idade de onze anos. Caiu uma vez tão gravemente enferma, que recebeu os sacramentos da extrema-unção. Sem esperança de vida, tocava os paroxismos da morte; deram-na por falecida; cuidaram de seu enterro, mas sua irmã, que como ela tinha o coração abrasado da fé, beijou-a, revocando-a a existência; chamou-a como que da eternidade, e Jacinta abriu os olhos cheios de cera da vela benta, que tinha entre as mãos geladas, abriu-os e fitou-os como que ressuscitada. Sofreu ainda outras muitas enfermidades, cujas curas foram o seu martírio. Ficava muitas vezes em estado cataléptico, sem que pudesse dizer o que tinha; derramava então humores pútridos pelas narinas, boca e ouvidos, que a deixavam com todos os sinais de morta.

Tais sofrimentos mais e mais acendiam em sua alma a fé, cuja luz brilhava majestosamente sobre a sua resignação como uma auréola.

Inflamava-se-lhe o espírito nos fervorosos desejos de ser freira professa e de votar-se ao Senhor como esposa do Céu. Daí veio o entregar-se com sua irmã à prática da vida religiosa, com determinada hora de oração e penitência, frequência de sacramentos, silêncio e retiro, sem que faltasse aos deveres de respeito e obediência para com sua mãe, de circunspeção e gravidade para com as pessoas de fora, ocupando o mais do tempo nos cuidados domésticos.

Ao fervor religioso das duas meninas reuniu-se a devoção de seu irmão José, e desde então se entregaram livremente aos transportes do

amor divinal. Já por esse tempo D. Maria Lemos Pereira tinha passado a segundas núpcias, e seu novo estado concorreu para que se afrouxassem os rigores de sua oposição; veio então Jacinta a adquirir, graças à intervenção de seu tio Manuel Pereira Ramos, a chácara denominada da Bica, contígua ao monte da capela da Senhora do Desterro, e dela tomou posse no mês de março de 1742, e na madrugada do dia 27 do mesmo mês se retirou para ela levando consigo a imagem do Menino Deus.

Francisca acompanhou-a ao seu retiro, e desde esse dia disseram adeus aos lares paternos e a tudo quanto às prendia ao mundo, na intenção de não voltar mais a seus mentirosos encantos e seduções enganadoras.

Naquela casa arruinada, pequena, e que se fazia em pedaços, colocou aquela imagem que levada consigo, e aí recebeu depois a visita de seu padraсто André Gonçalves dos Santos, comissário geral da artilharia, e de seu irmão Sebastião Rodrigues Aires e José Gonçalves.

Retiradas as duas irmãs do tumulto da cidade e entregues a Deus pela oração e penitência, deixaram os apelidos de sua casa para ficarem sob a proteção de Jesus, Maria e José, e tomaram os nomes de Jacinta de S. José e Francisca de Jesus e Maria. Unidas pelos mesmos sentimentos religiosos, esforçaram-se ambas em levantar uma capela consagrada ao Menino Deus, e com o produto da venda das joias de Jacinta se deu princípio às obras. Ali viveram enquanto duraram os trabalhos, como que emparedadas, abrindo apenas o postigo de uma porta para trancarem do que se fazia mister.

“Difundi-se logo”, diz o historiador Baltasar da Silva Lisboa, “difundi-se logo por toda a cidade o suave aroma das virtudes daquelas servas de Deus, que causou tão agradável sensação ao governador Gomes Freire de Andrade, o exemplo dos bons governadores, que se lhe acendeu no espírito eficazmente proteger os seus pios desígnios, ajudando a levantar a capela, dando-lhes uma mesada, que José Gonçalves ia receber do brigadeiro Alpoim. Suscitaram-se, como é de costume, contradições e dificuldades na recepção das esmolos, que se fez necessário ir o mesmo José Gonçalves recebê-las, dizendo-se-lhe que o general as havia de ajudar e confiasse em Deus, que ele pagaria por junto. Não pararam as obras da capela, e o bispo dom frei João da Cruz deu a autorização conveniente, parecendo milagroso o adiantamento, e tal a atividade de Jacinta na sua conclusão, que até com o próprio trabalho o aumentava, indo nas tardes

frescas e nas noites de luar com sua irmã carregar pedra em companhia do referido José Gonçalves, este em carrinho de mão, seus escravos à cabeça, e Jacinta e Francisca em um saco, conforme podiam.”

Concluída a capela no dia 31 de dezembro de 1743, foi benta segundo o rito romano, pelo cônego doutoral Henrique Moreira de Carvalho, com autorização do bispo. Rezou missa e ali receberam elas o pão dos católicos no dia 6 de janeiro do ano seguinte, vestidas de capas e saias pardas, com um véu preto pela cabeça, celebrando a primeira missa o padre Manuel Francisco, religioso carmelita. Levantou-se um postigo da parte do evangelho sobre o presbitério da capela, para servir de confessionário, e como ouviam a missa do coro, desciam na ocasião de comungar.

O bispo doutoral dom frei João da Cruz aí disse missa por duas vezes antes de partir para Lisboa; os adornos consistiam unicamente na profusão das flores. Satisfeito de tudo quanto vira, lhes fez presente de duas imagens santas, que foram depois transladadas para o convento, que se edificou no monte chamado então do Desterro e hoje de Santa Teresa, onde ainda existem.

Aí permaneceram as primitivas flores do Carmelo brasílico com grande edificação, privadas de toda comunicação com as pessoas do século, entregando-se ao trabalho braçal, cultivando a sua horta e o seu jardim, não obstante os padecimentos, que sofria Jacinta, apenas compensados por êxtases, em que se diz que Deus lhe tornara fácil à compreensão dos mais sagrados mistérios de sua divindade.

Passarei em silêncio muitos milagres que fez, os êxtases que teve, as lutas que sustentara com o Demônio, que por vezes a martirizaram, as visões, essas celestes miragens imaginárias, e tudo isso enfim que gozara, e que seu confessor explicava escudado nas erudições que possuía dos legendários, para somente me ocupar com a sua vida real e as suas boas obras. Todas as suas revelações foram escritas pelo seu confessor fr. Manuel de Jesus e pelo padre José Gonçalves, e acham-se no arquivo de seu convento e lá podem crédulos e incrédulos proceder a minuciosos exames.

Em setembro de 1745 enfermou fr. Manuel de Jesus e veio a falecer em dezembro, deixando Jacinta e sua irmã recomendadas ao padre mestre Antônio Nunes, ao cônego doutoral Henrique Moreira de Carvalho e ao vigário da Candelária, o Dr. Inácio Manuel da Costa Mascarenhas.

Pouco durou o padre Nunes no exercício de suas funções, gloriando-se da especial consolação de seu espírito pela direção das duas irmãs, que observavam fielmente o seu recolhimento e exercitavam constantemente a virtude.

Em 15 de março de 1748 veio-se-lhes reunir Rosa de Jesus Maria e depois outras muitas, e todas elas serviram de consolação a Jacinta então dolorosamente ferida no mais íntimo do coração com a espada do anjo da morte, que cortou a vida de sua irmã, a sua companheira nos exercícios religiosos e sua amiga nas atribulações de seus dias de contrariedade.

“A sua vida”, diz o conselheiro Baltasar da Silva Lisboa, “foi santificada pela pureza de sua consciência, bondade de coração, mortificação sem afeto, recato sem fingimento, docilidade e humildade sem ostentação, sempre obediente, caritativa e dada à oração e exercícios espirituais sem interrupção; diligente e exata em seus deveres sob a voz da obediência, com resignação; assídua ao trabalho, não obstante as frequentes enfermidades.”

“Agravando-se a sua enfermidade”, acrescenta o padre-mestre Antônio Nunes, “sofria Francisca tudo com tal paciência, que nenhum gemido se lhe ouvia das sufocações de sua fatal enfermidade. Recebendo o santo viático foi desamparada dos facultativos, e persuadidos de que não havia que esperar socorro da medicina, lhe anunciaram a proximidade da morte, e disse então: “Seja o Senhor bendito! Perdoe-me Ele as minhas culpas pela sua infinita misericórdia e seja quando ele muito bem quiser.”

Morreu exatamente como vivera, em 13 de julho de 1748.

Jacinta amortalhou-a com suas próprias mãos, admirando-se que tendo o rosto denegrido e como penalizado se tornasse natural, com os olhos claros e o corpo flexível.

Tão bela era no seu rosto a morte!!

Basilio da Gama.

Fazia Jacinta com que suas irmãs observassem os exercícios da ordem reformada de Santa de Teresa¹ e os da comunidade, vestidas de

1 Espanha, tão fértil na produção de grandes gênios, deve gloriar-se de ter dado o berço a santa Teresa de Jesus, virgem que se dedicara ao culto do Senhor, poetisa que exalçara a glória de Deus, em versos cheios de doçura e melancolia, religiosa que

saias de droguete castor pardo, cobertas com um véu de fumo, fechado por diante, que lhes servia de touca, até que o bispo D. Frei Antônio do Desterro lhes permitiu vestirem-se de hábito.

Todos os anos vinham novas irmãs aumentar a sua milícia, compartilhar de sua missão. Já na chácara da Bica se praticavam as regras de

reformou e instituiu numerosos claustros. Santa Teresa de Jesus, filha de Afonso de Céspedes e Beatriz de Ahumade, nasceu em Ávila, a mais bela das cidades, que outrora entrava na demarcação da antiga Lusitânia, em 1515; faleceu em 1582 aos 67 anos de idade, e foi canonizada em 1615 pelo papa Paulo V.

Acendeu-se-lhe a devoção ainda em tenros anos, o pensamento sublime da imortalidade d'alma lhe borbullava de contínuo na mente e de contínuo repetia como que extasiada: "Para sempre! Para sempre! Para sempre!" Não contava ainda 15 anos, quando ardendo no desejo de ir procurar entre os infieis a gloriosa palma do martírio, abandonou a casa de seus pais, acompanhada apenas de seu irmão Afonso de Céspedes, aquele que ela mais estimava dentre três irmãos e oito irmãs, que tinha, o qual havia nascido no mesmo dia que ela, mas quatro anos antes, e que depois morreu desastrosamente na conquista do Rio da Prata, em combate contra os indígenas. Surpreendidos em sua fuga por um parente, foram conduzidos à casa paternal e asperamente repreendidos por seus pais. Exigiram então no jardim umas como celazinhas e ali convertiam as horas de recreio em horas de orações e místicas leituras. Sua mãe, que era muito dada à leitura de romances de cavalaria, então em voga, e que seu marido aborrecia, inspirou-lhe tão viva paixão por eles, que ajudada de seu predileto irmão, veio a compor também um romance neste gênero, com belas aventuras, com riquíssimas ficções, e sobre o qual, diz o padre dom Francisco da Ribeira, seu biógrafo, muito havia que dizer.

Desejando enclaustrar-se para poder seguir mais livremente a vida de paz, isenta do comércio com o mundo, dirigindo fervorosas preces a Deus, viu transportada de alegria aproximar-se o mais feliz e desejado momento de toda a sua longa e trabalhosa vida. Já sua beleza, que tão iconograficamente nos transmitiu a pena do bispo de Terragona, dava que cuidar, pois essa estátua regular, esse corpo avultado e branco como flocos de neve, esses cabelos, que em negras madeixas lhe desciam até aos claros e torneados ombros, essa longa testa, esses olhos pretos brilhantes, essa boca e faces carmesíneas, formando um todo perfeito, iam pouco a pouco se tomando o objeto de louvores, quando, em consequência da morte de sua mãe, seu pai a conduzia ao mosteiro da Graça. Tomou o véu de religiosa do Monte Carmelo e em breve tornou-se célebre. Foi ela quem introduziu a reforma no mosteiro de Ávila, quem por seu zelo ardente e puras virtudes, adquiriu tanta influência, tamanho predomínio, que sucessivamente reformou quatorze conventos de religiosos e dezesseis de religiosas, e fez ainda mais: sua instituição atravessou o Oceano e veio aclimatar-se no Novo Mundo.

Santa Teresa; as oficinas achavam-se repartidas com comodidade e decência; o coro ocupava a primeira sala; o mais da casa dividia-se em celas, refeitórios, collocatórios e outras dependências. Aí lhes dava o padre José Gomes lições de latim para que pudessem rezar o officio divino pelos breviários.

Trabalhava a santa donzela somente para Deus, no seu mais ardente desejo de lhe consagrar perpétuo culto, esperando somente obter por meio do Senhor o êxito de seus votos, e quando lhe perguntavam quem a havia de ajudar naquele tão santo desegno, respondia que o governador, o grande conde de Bobadela.

Certa de que elle concorreria com esmolas para as obras da capela, o berço da religião de Santa Teresa nesta cidade, teve oportuna occasião de lhe falar quando lhe pedia uma entrevista, que o deixou sensibilizado, arrancando-lhe lágrimas. Prometeu-lhe o conde coadjuvára-la, dizendo que sempre tinha desejado concorrer para aquellas obras, e que era de seu intento fazer-lhe um convento.

Ela de sua própria mão escrevera a sua vida; a primeira vez por conselho de seu confessor, dom Pedro Ibáñez, e depois a pedido de frei García de Toledo. Não há noticia alguma da primeira obra e quanto à segunda foi impressa, sendo que o autógrafo acha-se no Escorial muito bem conservado. Frei Antônio de S. José a verteu em linguagem portuguesa, e publicou-a illustrada com muitas eruditas dilucidaciones.

O grande poeta lírico, frei Luís de Leão, homem dotado de transcendente talento e que possuía muita soma de conhecimentos, igualmente começou de escrevê-la para satisfazer o desejo da imperatriz Maria, filha do célebre imperador Carlos V; mas, a morte lhe impediu que a concluísse. Foi mais feliz o padre dom Francisco da Ribeira, um de seus confessores, e a elle se devem muitas particularidades da vida desta santa, que só elle não ignorava.

Suas obras como que respiram um odor celeste, que enleva; ressumbra nelas um sentimento místico, uma expressão, que não fala ao coração, mas à alma; seu estilo é suave e fluente; porém apparecem aqui e ali seus defeitos, algumas faltas, e pequenas incorreções. As mais gabadas são uma alegoria intitulada *Castelo da Alma*, os avisos espirituais, escritos com bastante erudição e as suas cartas, que formam dois volumes, em cada um das quais, segundo a asserção do bispo do Osma, D. Juan de Palafox y Mendonza, se descobre o admirável espirito desta virgem prezadíssima, a quem communicou o Senhor tantas luzes para que ellas illustrassem e melhorassem as almas.

Santa Teresa era poetisa! A inspiração do Céu, o fogo sagrado da poesia lhe inflamava o cérebro. Toda sensibilidade, toda religiosa, ella empunha a lira do cristianismo e de seus lábios desprendem-se versos cheios de melancolia, mas de uma melancolia toda embebida no prazer da sublime dor do cristianismo.

Não faltou o bom e pio governador à sua promessa, e teve a bondade de convidar o bispo para uma entrevista, e ali determinarem o lugar para a criação do edifício. Prestando-se o prelado, ficaram ambos extasiados da localidade. Sentados humildemente como peregrinos que descansavam, sobre os degraus da escada da entrada, levaram os olhos por essas cenas, que se desenrolavam ante eles. Que vista imensa e bela abrangendo todos os pontos da nossa magnífica baía, as praias que a bordam, os montes que a contornam, ainda revestidos de suas florestas, e o infinito que se abre neste horizonte ensanefado pelas nuvens coloridas dos raios do sol! E toda essa magnificente pompa da natureza contrastava com a pobreza com que ali viviam aquelas santas mulheres.

Percorreram depois com o engenheiro Alpoim todo o velho edifício e trataram da edificação de outro, ficando o bispo encarregado de obter do rei e do papa as licenças necessárias, e o conde de cuidar de seu material e construção e o engenheiro de planejar e orçar a obra.

Nesse dia concedeu o bispo que as recolhidas se vestissem com hábito de estamena parda, com capas de baeta branca, guardando as instituições de Santa Teresa, e ficaram então consideradas carmelitas descalças.

Juntavam-se os materiais para a nova obra, quando a viagem do governador à capitania das Minas Gerais, trouxe inúmeros desgostos e amarguras a Jacinta, que via seus projetos contrariados pela divergência suscitada pelo bispo, o qual preferia contra seu voto a regra de Santa Clara, que observavam as freiras de Lisboa, e com mais razão, pois era o traje mais adequado ao clima úmido e quente, como até hoje o tem demonstrado a prática, mas inutilmente.

Com a volta do governador deu-se princípio à obra, benzendo o bispo no dia 24 de junho 1750 a primeira pedra, com assistência do mesmo governador, senado da Câmara e principais do Rio de Janeiro. Para maior solenidade houve grande parada, que deu as salvas do estilo.

As obras progrediam rapidamente sob as vistas paternais do governo, que também erguia os arcos triunfais do aqueduto da Carioca, e já no dia 24 de julho de 1751 se instalava Jacinta com as suas companheiras na capela, enquanto se não concluía o resto do edifício.

Chegara por este tempo o breve do sumo pontífice, dado em Roma aos 5 de janeiro de 1750. Mandava-se por ele que os religiosos pro-

fessassem a regra de Santa Clara da mais estrita observância; a comissão encarregada de seu exame julgou contra a sua aceitação; e como o governador simpatizava com as intenções dos devotos, se encarregou de mandar a Roma nova súplica; porém a glória das batalhas o chamou aos campos do Sul. Lá o esperava o troféu laureado da vitória. O bispo pertinaz em sua opinião se opôs às súplicas humildes de Jacinta, que instava para que professassem as regras e constituições de Santa Teresa de Jesus.

Nas cartas que por esta ocasião dirigiu ao ilustrado conde de Bobadela, derramou os pensamentos de seu pressentimento e cuidado.

Até as pessoas que lhe patrocinavam a vocação vieram a sofrer, sendo uma destas o padre Antônio Nunes, que esteve dois anos preso. Enfim o general partiu para as missões do Uruguai, onde a sua espada se tinha de ceifar os louros da vitória, deixando à tuba de Basílio da Gama a recomendação de seus feitos.

Jacinta, combalida de desgostos, tomou a heroica resolução de atravessar o oceano, e ir a Lisboa alcançar as licenças necessárias. No dia 14 de novembro de 1753, acompanhada de seu irmão o padre Sebastião Rodrigues Aires, do padre Antônio Rodrigues Aires e do padre Antônio Nunes, se embarcou para além-mar. Acompanhou-o até a bordo o seu tio Manuel Pereira Ramos, e dele se despediu.

– Adeus, Jacinta, disse ele, talvez não torne mais a ver-te, porque estou velho.

– Ainda o acharei vivo, respondeu ela.

Antes de se embarcar fez ver às suas filhas urgente precisão de sua viagem, animando-as e fortalecendo-as com seus conselhos.

Esta despedida casou-lhe profunda impressão; elas guardaram fielmente as instruções que lhes deixou por escrito, e jamais falaram com pessoa alguma, durante a sua ausência, sem mesmo excetuarem seus pais.

A nau seguiu viagem para Lisboa com escala pela Bahia sob o comando do capitão de mar e guerra Pedro Luís Olival. Na Bahia recebeu a seu bordo o marquês de Lavradio, que acolheu a madre Jacinta com aquela bondade característica de sua família.

Nada sofreu Jacinta durante a travessia; desembarcou na capital do império lusitano, sob a proteção de dona Ana de Lorena, avó da princesa que depois se chamou dona Maria I. Por sua intervenção se apresentou

madre Jacinta em audiência a el-rei dom José I, já informado da sua pessoa e pretensão. El-rei lhe concedeu por alvará de 27 de setembro de 1755 a necessária licença, e mandou impetrar do sumo pontífice a bula da declaração da regra de Santa Teresa, a qual foi dada em Roma no ano 16 do pontificado de Benedito XIV em 22 de dezembro de 1755.

Triunfou enfim a religiosa fluminense da bem entendida contrariedade do bispo, e dispôs-se a voltar à pátria. Ao despedir-se, o rei lhe disse:

– Vá, madre Jacinta, vá aliviar as saudades de suas filhas e nos encomende a Deus!

Partiu de Lisboa cheia de consolação e aqui aportou no dia 17 de abril de 1756, onde a veio abraçar seu tio o capitão Manuel Pereira Ramos.

– Aqui estou ainda vivo, exclamou ele, e agora, Jacinta?

– Cuide em preparar-se, lhe voltou ela, que está breve!

O capitão viveu apenas seis meses.

Apressou-se a madre Jacinta em mandar cumprimentar o bispo, e participar-lhe a concessão do breve e beneplácito régio, e encontrou-o muito enfermo e já sem poder sair do paço episcopal.

Prosseguiram as obras do convento com atividade e esperava-se a sua conclusão para ter lugar a profissão das freiras, e completarem-se os votos de Jacinta; mas o ano de 1763 começou para ela com aspecto negro, melancólico e carregado!...

No 1º de janeiro a morte veio surpreender o ilustre conde, seu protetor. Jacinta e suas companheiras receberam o seu féretro à porta da sua igreja, e o depositaram no cruzeiro da parte do Evangelho do mesmo convento. Ao expirar se lhe ouviram estas palavras relativamente àquelas freiras.

– A casa de Bobadela fica feita, mas as minhas filhas ficam ainda sem casa!

Como são incompreensíveis os decretos da providência! Jacinta de S. José não viu também, como o conde de Bobadela, o fim de sua obra, o complemento de sua missão. Estava ela pronta a professar com as suas irmãs a regra de Santa Teresa, como tanto anelava, faltando unicamente a

aprovação do patrimônio, quando em 2 de outubro de 1768 dirigiu eterno adeus a suas companheiras, com os olhos banhados de lágrimas!

– Filhas, disse ela, bem sabeis quanto tenho trabalhado por vós para que o convento se concluísse e professasses como filhas de Santa Teresa; tudo está pronto e corrente, mas por altos destinos da Providência não ficou completo como era de meu desejo. Embarçou-o o Senhor bispo; é vontade de Deus, e que ela seja feita: mas vou certa de que a obra se há se completar depois de meus dias. Vivi em boa harmonia, sempre em observância regular.

Conservou na morte aquela serenidade angelical que lhe notavam no rosto. Grande concurso de povo acudiu à grade para vê-la, e necessário foi fechar as portas para impedir qualquer indecência, e à noite se lhe deu sepultura.

Aprovou o bispo a escolha da madre Maria da Encarnação para sua sucessora, e veio visitá-la ao convento; mas só ao seu sucessor coube dar profissão àquelas criaturas, perpetuando nas religiosas o espírito de sua santa fundadora, modelo da vida religiosa.

A elevação da rainha dona Maria I ao trono em 1777 trouxe àquela instituição a aurora da felicidade, pois que pelo decreto de 11 de outubro desse ano confirmou a licença e graça d’el-rei seu pai e permitiu legalmente o domínio de tudo quanto se tivesse adquirido.

O distinto bispo dom José Joaquim Justiniano de Mascarenhas Castelo Branco, que tanto honrou a mitra e o báculo da diocese fluminense, lhe deu a tão desejada clausura canônica em 16 de junho de 1780, pontificando no seguinte dia na igreja do novo convento, vestindo-as canonicamente de seus hábitos e lhes dando o noviciado.

Elas professaram em 23 de janeiro de 1780, e terminando o primeiro triênio elegeram as suas preladadas segundo as leis canônicas.

Três dias antes daquela solenidade permitiu o bispo que se abrissem as portas para que o povo visse as oficinas do convento. Saíram depois as religiosas em forma de procissão, desde o monte do Desterro até o convento da Conceição da Ajuda, demorando-se aí algumas horas em recreação com as freiras deste convento.

Estavam elas, porém, submersas na mais profunda humildade, coradas de pejo, prosseguindo por obediência do bispo por entre alas do

povo, sem que soubessem por onde pisavam, com os olhos no chão sem que soubessem o que viam: cheias de encantadora modéstia, cobertas de véus escuros que excitavam viva sensibilidade e devoção, e provocavam lágrimas.

Hoje em dia é outra a missão da mulher que vota-se ao Senhor, ou como disse o imperador na sua viagem às províncias do Norte; não é só rezando que serve-se a Deus!" Arrefeceu a admiração que ela excitava nos séculos passados quando tomava o véu na sua profissão e fazia o tremendo voto das abnegações das coisas terrestres.

A civilização pede uma missão mais útil, mais condigna das instituições do cristianismo. Ela exige que a par da oração se mostre a realidade das obras de misericórdia recomendadas pela Igreja de Jesus Cristo; que a mulher, anjo sublime do cristianismo, seja enfermeira —, já à cabeceira dos enfermos já no campo da batalha socorrendo os feridos e moribundos —, já nos dias de atribulação amparando os desgraçados que caem sem leito; e que, sem perder o seu instinto maternal, torne-se mãe dos órfãos desvalidos que não tiveram um berço no regaço materno, e que cure tanto de sua educação, como de sua existência malfadada.

E contudo curvemo-nos diante do sepulcro da fundadora do convento das carmelitas descalças do Rio de Janeiro, da madre Jacinta de São José, e de suas virtuosas companheiras. Deixem-nas dormir pacificamente o sono dos finados, certas de que não serão despertadas pela voz sacrílega do ceticismo.

*

Àquela família tão célebre, que deu ao mundo o distinto diplomata e abalizado estadista Alexandre de Gusmão e o famoso aeronauta Bartolomeu Lourenço de Gusmão; que deu à pátria os oradores que seguiram no púlpito a plêiade dos brilhantes pregadores do tempo da colônia, tais como o jesuíta Inácio Rodrigues e o carmelita João Álvares de Santa Maria, pertence Joana de Gusmão, cujas virtudes cristãs lhe granjearam o cognome de *Mulher Santa*.

Como seus ilustres irmãos, ela nasceu na cidade de Santos, que era por esse tempo ainda vila. Corria então o ano de 1688, e a religião sorriu-lhe ainda no berço. Seus pais a educaram nas máximas da religião católica, dando exemplo não interrompido a sublime prática das virtudes

cristãs. Esposou-a um ilustre fazendeiro que, segundo a tradição, gozava de honras militares.

Durante a sua união conjugal jamais faltou d. Joana de Gusmão aos deveres que lhe impunha o seu estado, e ainda nas cousas mais simples desta vida oferecia os mais sublimes exemplos abrilhantados pela luz de suas excelentes qualidades. Já o recinto doméstico lhe parecia estreito teatro para as aspirações de sua alma, quando uma tremenda enfermidade a levou a fonte santa, cujas águas gozam por muito tempo da nomeada de virtuosas para todos os males que afligem a humanidade.

Chamava-se então a fonte milagrosa a Fonte do Senhor, e não era ela mais do que o remanso que fazem as águas do rio Iguape em um recanto de pouco fundo.

As lendas tradicionais, recolhidas pelos religiosos de outro tempo, razão que tal nome lhe proveio por se ter aí lavado a imagem do Senhor, que se venera na ermida da Senhora das Neves, a qual, encontrada em uma praia deserta, fora ali lançada para a purificarem da vegetação marinha, que recebera das águas do oceano.

“Boiava ela”, diz o jesuíta Manuel da Fonseca, “e com piedosa audácia lhe puseram uma pedra em cima, ajudando-se de seu peso para a conservarem coberta de água sobre outra pedra, enquanto a purificavam.”

“Muitos anos se conservou este lago servindo de piscina aos necessitados, e dando aos enfermos milagrosa saúde com o trabalho só de se lavarem em tão santas águas. Abusaram, porém, de tanta piedade, e a pedra, que até então era de pequena estatura, querendo a seu modo vingar esta injúria, cresceu tanto que, tomando todo o circuito, o tapou, deixando somente livre o ribeiro, em cujas águas ainda hoje estão depositados grandes remédios para muitas enfermidades.”

Curado o corpo, tratou Joana do curativo da alma; dirigiu-se a igreja da Senhora das Neves, onde aquela imagem, que santificara as águas do Iguape, se oferecia a contemplação dos fieis, e ali, depois de elevar o seu espírito ao Altíssimo, viu pendente de uma das paredes da capela uma relação que nos foi conservada pelo padre Cristóvão da Costa de Oliveira, e nela leu o seguinte:

“Sendo no ano de 1647 mandados dois índios bocais e sem conhecimento da fé, por Francisco de Mesquita, morador na praia da Jureia,

para a vila da Conceição, a seus particulares, acharam na praia do Una, junto ao rio chamado Piaçuna, rolando um vulto com as superfluidades do mar, a que vulgarmente chamam ressacas, e o reconhecendo, o levaram para o limite da praia, onde fazendo uma cova, o puseram de pé, com o rosto para a nascente, e assim o deixaram com um caixão e seis velas, que divisaram ser de cera do reino, e uma botija de azeite doce, as quais cousas de achavam divididas em pouco espaço do dito vulto.

“Voltando os índios dali a dias, acharam o dito vulto, que não conheciam, no mesmo lugar, mas com o rosto virado para o poente, no que fizeram grande reparo, e não acharam vestígio de que pessoa humana pudesse ter virado.

“Logo que chegaram ao sítio de seu administrador, contaram o caso e assim que se soube pelos vizinhos, se resolveram Jorge Serrano sua mulher Ana de Góis, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecília de Góis, a ir ver o que contavam os índios; e acharam a santa imagem na forma que os índios tinham exposto, e tirando-a, meteram em uma rede e a trouxeram alternativamente os dois homens e as duas mulheres até ao pé do monte a que chamam Jureia, aonde os alcançariam as gentes da vila da Conceição, que vinham ao mesmo afeito pela informação dos índios.

“As gentes da Conceição ajudaram aos quatro a condução da imagem até ao mais alto do monte, donde os dois homens e as duas mulheres com a mesma alternativa a transportaram até a barra da ribeira do Iguape.

“Aí foram os moradores da vila do mesmo nome buscá-la, e trazendo-a com grande veneração, a puseram no rio a que chamam hoje Fonte do Senhor, para lhe tirarem o salitre e a encarnarem de novo, o que conseguiram, e a colocaram nesta igreja a 2 de novembro de 1674.

“É também tradição que a santa imagem do Senhor Bom Jesus vinha de Portugal embarcada para Pernambuco, e que encontrando-se o navio com inimigos infiéis, lançaram os portugueses a santa imagem ao mar para não ser tomada, com o que se achou junto dela, cera e azeite, e que ao mesmo tempo em que foi achada a santa imagem na praia, foram vistas pelo padre Manuel Gomes, vigário da vila de S. Sebastião, passar pelo mar, da parte do norte para o sul, seis velas acesas, em uma noite, sendo que a luzerna iluminava grande circunferência.”

Estas narrações legendárias fizeram profunda impressão no ânimo de Joana que, de combinação com seu marido, prometeram ante a imagem santa do Piaçuna que aquele que sobrevivesse ao outro não passaria a segundas núpcias e iria peregrinar pelo mundo.

Saberiam, porém, como romeiros do Senhor, que promessas faziam à face do altar, e como seria aceita pelo Céu a missão a que se votavam? Nas disposições humanas não entram por certo os cálculos do destino que Deus reserva às suas criaturas, e, pois, longa e bem longa teve de ser a peregrinação de Joana.

De volta da romaria, finou-se-lhe o marido, que os seus dias estavam contados na ampulheta do tempo.

Sucumbiu a essa hedionda enfermidade, que alterava as povoações brasileiras, que levava a desolação ao seio das famílias, que derramava o pranto por toda a parte e cobria de luto quase todas as casas, e ante a qual hesitava a ciência humana, enquanto o gênio de Jenner não descobriu o segredo de sua prevenção.

Morrera, segundo a tradição, em Paranaguá, e Joana, depois de pagar o tributo da saudade e da religião ante a sua sepultura, tomou, envolta nos trajos lutuosos da viuvez, o bordão dos peregrinos dos tempos bíblicos.

Levava o cilício sobre as carnes que tinham morrido para o mundo, e sobre o cilício um hábito de burel pesado, negro, e sobre o hábito e pendente do pescoço a imagem do menino Deus, em nome do qual pedia esmolas.

Caminhava a pé e sozinha pelo império das feras, cujos bramidos não lhe intimidavam; atravessava as solidões, penetrava pelas florestas seculares, povoadas por hordas de selvagens bárbaros e antropófagos, e afrontando ásperos e escabrosos caminhos, convertendo, graças à fé que lhe robustecia a alma, os espinhos em flores, as flores em frutos, entrou assim pela província de Santa Catarina.

Desde logo a freguesia de Lagoa tornou-se o lugar de sua habitação favorita e o ponto de partida de suas constantes peregrinações.

Por muito tempo ocupou-lhe a imaginação o pensamento de ali fundar uma capela, com as esmolas que obtinha dos fiéis, para o que chegou a alcançar licença do bispo da diocese do Rio de Janeiro, cujo báculo ainda hoje se estende às ovelhas da grei catarinense.

Queria erigir um templo, embora com rústica aparência, mas tributo de sua ardente vocação à imagem que trazia pendente do seio – que lhe escutava as palpitações do coração – e obter para ela a adoração dos crentes.

O que não conseguiu fazer na freguesia da Senhora da Lagoa – ou por mudar de tenção – ou por melhor aconselhada sobre o local que devia escolher, veio a fazê-lo na ilha da Senhora do Desterro, hoje sede da capital da província.

Assim a obteve a impetrada licença do bispo do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1750, nas terras que para isso lhe concedera a Ordem Terceira da Penitência, do Senhor Bom Jesus, com a cláusula de ficar a mesma capela pertencendo à mesma ordem, destinando-se lugar decente para a colocação do Menino Deus e celebrando nela a sobredita ordem todos os atos e funções divinas.

Os irmãos terceiros não se descuidaram de ajudar a obra da irmã Joana. Nesse mesmo ano abriram eles uma subscrição entre si, e ajustaram a condução dos materiais por empreitada; mas sérios, por demais sérios foram os embaraços que ocorreram a obstar a sua realização naquele lugar, e passaram-se dois anos sem que se desse começo às obras.

Então recorreu Joana à caridade do rico proprietário André Vieira da Rosa, aquele mesmo que mais tarde cedeu o terreno para a edificação da casa do hospital da caridade, que serviu até ao ano de 1854, em que os enfermos foram trasladados para o hospital novo, inaugurado no dia 5 de março do mesmo ano.

Por escritura de 19 de março de 1762, lhe fez André Vieira da Rosa doação de dez braças de terreno, em quadro, para edificar a capela, com as frentes até ao mar, para o adro e serventia pública, e, em 25 de abril, requeria ela à Ordem Terceira a restituição da importância das esmolos que havia cedido para a edificação da capela, visto querer construí-la então por si mesma. Anuiu a Ordem Terceira de bom grado, dando por motivo de demora da edificação da capela a falta da licença real, que impetrara do reino, e, em 2 de maio desse ano, se lavrou a escritura de distrato e se lhe fez entrega do respectivo dinheiro.

Empenhou-se Joana de Gusmão em realizar o seu ardente desejo, e as obras da capela de seu Menino Deus começaram com toda a

atividade, e dois anos depois doava ela a mesma capela e uma casa, dependência da mesma, à religião franciscana, levada das considerações da falta que havia na terra de sacerdotes, que assistissem aos povos com a palavra evangélica, e frequentassem os confessionários, por só haver um vigário em cada freguesia, com a obrigação de festejar a mesma ordem todos os anos o Menino Deus, e lhe dar por sua morte sepultura, no recinto de sua capela.

Impetrada a licença do ordinário, pelo provincial fr. Inácio da Graça, foi verbalmente concedida; deixou-se, porém, de lavrar a escritura da respectiva doação, e ficou por isso sem efeito.

Instituída em 1765 a irmandade dos Passos, entrou Joana para o seu grêmio, e no dia 3 de julho de 1767 obteve a irmandade provisória para erigir na igreja do Menino Deus a capela do Senhor dos Passos, a qual, sendo começada em 27 de julho do ano seguinte, ficou concluída no de 1769.

Tinha-se realizado o mais ardente desejo de Joana; podia morrer tranquila, mas a vida se lhe prolongou ainda por onze anos.

Durante todo esse tempo, tão largo para ela, trajou o hábito da ordem terceira da Penitência, para o que obteve licença da mesma ordem, e dele usou quotidianamente. Seguiram o seu exemplo outras devotas, e entre elas Jacinta Clara, que sucedeu a Joana de Gusmão na administração da capela, não só por ocasião do seu falecimento, como durante a sua estada nesta cidade do Rio de Janeiro pelos anos de 1773 a 1774, quando aqui diligenciava esmolas para a sua capela.

Compenetrada da sublimidade de sua missão e levada da tendência de seu espírito para o amor do próximo, não descuidou-se da infância desvalida, esses anjos desterrados da pátria celeste. Repartiu com elas os conhecimentos bebidos na casa paterna, de que saíram tão distintos e instruídos varões, não era simplesmente uma mestra no meio de suas discípulas, mas uma mãe caritativa, piedosa e boa, que se fazia amar, ao passo que se tornava respeitada, contendo-as com aquele olhar expressivo e perscrutador que lhe dera a natureza, e que conservou em toda a sua perfeição, ainda nos últimos momentos da vida; ou afagando-as com aquele riso angélico, que lhe pairava nas faces, e que lhe dava um não sei quê de amabilidade.

A longa idade que os Céus lhe concederam neste vale de lágrimas serviu-lhe para aumentar as suas privanças e torná-la a imagem de resignação.

Dores agudíssimas, como coroa de espinhos, lhe cingiam o coração e varavam-no com a espada da morte.

Sobreviveu a todos os seus parentes e viu baixar à sepultura todos os seus irmãos, destituídos de bens da fortuna, e alguns na última miséria da vida humana! Quantas vezes nas horas longas de seu recolhimento, em que ficava a sós com a sua alma, depois de haver preenchido os duros e árduos preceitos, a que se impusera para com a divindade, não se entregaria à contemplação do nada das grandezas terrestres, cujo quadro real e sublime tinha em sua própria família! Inácio e João votam-se à abnegação das coisas mundanas, e terminam seus dias nas pobres celas de suas ordens; Alexandre vê perecer seus filhos no meio das chamas, que lhe devoraram também sua fortuna, e expira pobremente num leito de penúrias, depois de ter servido de secretário de uma embaixada a uma das primeiras cortes da Europa e de ter sido um dos melhores ministros do reinado de D. João V. Bartolomeu foge à Inquisição de Lisboa e moribundo bate às portas do hospital de Toledo, mendigando uma enxerga para seu último leito, e um lençol que lhe sirva de mortalha, depois de ter quebrado as leis da atração e descoberto a aeronáutica remontando-se aos ares em sua máquina e deixando boquiaberto o povo da cidade de Lisboa.

Mais alguns anos e um século teriam passado por sobre essa cabeça veneranda, encanecida por tão longa idade!

Afinal já não vivia; arrastava apenas a existência, como pesado fardo.

Curvada ao peso de noventa e dois anos, arrimava-se ao bordão de suas peregrinações e ia-se grave, vagarosa e cansada pelas ruas da vila do Desterro.

A velhice, a mocidade e a infância lhe tributavam então as maiores considerações de respeito, de amor e de simpatia. O povo se descobria em sinal de veneração, e ouvia-se no meio de turbas um murmúrio surdo abafado, que dizia:

– É a beata Joana de Gusmão! É a mulher santa!

Na noite de 15 de novembro de 1780, um luzido acompanhamento de homens envoltos em opas escarlates e acetinadas, empunhando brandões acesos e entoando os cantos da eucaristia, seguido de numeroso concurso de pessoas de todas as classes, de todas as idades, de ambos os sexos saiu da matriz da Senhora do Desterro e dirigiu-se a uma pobre choupana.

Abriu-se a porta; parou silenciosamente o acompanhamento, e o sacerdote, conduzindo o santo viático, penetrou na morada da humilde pobreza, no asilo da santa virtude.

Uma mulher, estendida sobre pobríssimo leito; pálida; com as faces enrugadas pelo sulco dos anos; os cabelos longos e brancos; mas ainda com os olhos cheios de vida, refletindo o brilho da vela benta, que ardia ante a imagem do Crucificado, estendeu a mão descarnada, balbuciou algumas palavras repletas de unção e recebeu satisfeita e alegre entre os seus lábios, ungidos pelo anjo da oração, a sagrada partícula, o pão da alma.

Desde então se lhe amorteceram os olhos; puseram-lhe a vela da agonia entre os frios dedos de uma mão, e o crucifixo na outra, e as lágrimas congelaram-se nas rugas cavadas da face. Os lábios, em rápida contração nervosa, deixaram escapar um suspiro lânguido, abafado, e tornaram-se para sempre imóveis...

O acompanhamento apagou os seus brandões, e seguiu silenciosamente pelas ruas por que viera. Um murmúrio surdo e triste derramava, como que a medo, a notícia da morte da beata Joana.

No dia seguinte, as vozes lúgubres e plangentes dos sinos da capela do Menino Deus anunciaram as suas exéquias, levando os seus fúnebres e tristes sons aos arredores da vila. Uma procissão acompanhou o seu esquife, suspenso sobre os ombros de seus irmãos terceiros da Penitência. Ao cântico dos mortos, baixou o seu corpo à sepultura que ela escolheu para seu eterno jazigo, e donde não deveria ser jamais exumado.

A irmandade dos Passos guarda ainda hoje em modesta urna, em sua igreja, como relíquias santas, alguns dos restos mortais da beata Joana de Gusmão, a fundadora da capela do Menino Deus, a dedicada mestra da infância desvalida, a boa e caritativa pobre, que repartia de suas esmolas com os necessitados como ela, e de quem ainda a tradição dos habitantes da província de Santa Catarina honra a memória.

*

Sobre o píncaro de uma das serras da província de Minas Gerais, não muito distante de Ouro Preto, se eleva a capela da Senhora da Piedade.

A tradição de sua edificação é uma das mais poéticas lendas de nossa pátria.

É crença dos habitantes do lugar que ali vivia um casal de ricos e honrados agricultores, mas que no meio de suas riquezas arrastavam uma existência desgraçada e infeliz.

Ligada pelos laços do himeneu vira o ditoso casal os seus votos satisfeitos; os céus legitimaram o seu amor dando-lhe uma filha, mas este fruto de tão venturosa união veio ao mundo condenado a não falar; a mudez tinha selado para sempre os seus lábios e pois a herdade da serra não retumbou com os gritos infantis e inocentes da linda menina.

Os pais tocados de tão grande desventura fizeram mil promessas invocando a piedade da Santa Virgem, e um dia que subiam o íngreme e escabroso trilho de sua habitação, viram a sua filha nos braços de um anjo.

Extáticos ante a visão celeste, que para logo esvaeceu-se, viram os ditosos pais a bela menina correr-lhes ao encontro balbuciando os doces nomes de pai e de mãe, e pai e mãe ali prostrados a receberam em seus braços, e para logo subiram ao Senhor, nas asas do anjo da oração, as suas vozes agradecidas.

Fiéis a sua promessa elevaram com as suas próprias mãos rústico, mas sublime templo; e a capela da Piedade tornou-se desde então alvo da romaria dos habitantes da circunvizinhança daquela serra, que hoje tem o seu nome.

Lá descansam os restos mortais dos pais que foram tão venturosos e com eles os de sua filhinha, que ali crescera e viveu sempre feliz, e que ali prostrada aos pés da Virgem dava graças por tamanho benefício.

A romântica legenda inspirou a um poeta brasileiro, o Sr. F. L. Bittencourt Sampaio, belos e harmoniosos versos, como são os seguintes:

Vai o sol por sobre o monte
Seus raios d'ouro quebrar,
E nas nuvens do horizonte
Mansamente a se ocultar.
Ao final do dia

Longes ecos de harmonia
Suspira o vento... e passou!
E uma nota perdida
De virgem que ali nascida
Seus trenos d'alma soltou.

Mimo e flor d'aquele prado
Que ao pé do monte ali vês,
Morava um anjo calado
Filho dos ermos; não crês?
Era uma linda menina,
Singela como a bonina
Ao desabrochar da manhã;
Dentre todas a mais bela
Folgava moça e donzela
Sempre gentil e louçã.

Quando a aurora se toucava
De etéreas flores no céu,
E de luz já se arreava
Límpido dia sem véu,
Pelo prado e vale e monte
Ao pé do rio ou da fonte
Peregrina ei-la a folgar!
Ninguém lhe ouvia um queixume;
Só das flores o perfume
Buscava ingênuo aspirar.

As aves, a flor, a brisa,
Verde o campo e o céu de anil,
A graça branca, que frisa
Do lago a onda sutil,
Das folhas brando cicio,
Da floresta o murmúrio
Semelhando um longo ai;
E o doce carpir fervente
Da cascara ou da corrente,
Que sobre os seixinhos cai:

Nada é mais doce que vê-la
Descuidosa do porvir!
Invejada por ser bela,
Por inocente a sorrir.
De mancebos acercada
Fugia roda corada
Ligeira, qual beija-flor!
Tal a corça perseguida

Voe por devesas fugida
Do fero, audaz caçador.

À tarde, na veiga amena
Folgava ainda a correr;
Mas nunca a linda morena
Pôde falar – que viver!
Era muda! – Não falava
Sorria só e folgava,
Que era um anjinho de Deus!
E quando o sol se escondia
Do prado vinha e corria
A rezar junto dos seus.

No colo então da mãezinha
Ia-se logo a deitar,
Como a mimosa avezinha
Vai-se no ninho ocultar.
Fugia ao mundo – inocente!
Calada sempre e contente,
Só Deus amava e seus pais.
Cismava... mas não de amores;
Seus sonhos eram de flores
Feliz se achava – demais!

Assim vivia calada
Sempre a folgar, a sorrir;
Das amigas separada
Dos mancebos a fugir.
Eis que um dia junto ao monte
Para os céus erguendo a fronte
A virgem pôs-se a rezar,
Rezou... rezou... e tremendo,
Pasmada se foi correndo
Por seus pais alto a chamar!

Fora um milagre! A donzela
Em voz bem clara falou!
Ficando agora mais bela
Quase divina ficou!
E o povo crê na verdade

Que a Virgem da Piedade,
Toda vestida de luz,
Ali na serra vagando,
Falara à muda, mostrando
Seu Menino Deus Jesus!

Daquele monte no pino
Uma ermida então se fez
Para amar do Deus Menino;
Logo ali depois de um mês
Cercam-na flores selvagens
Que lá naquelas paragens
O caminheiro encontrou,
Que, passando ali, por perto
Sobre o monte e ao templo aberto
Primeiro entrando...rezou!

E vinha sempre a donzela,
À tarde por devoção,
De lá na ermida singela
Dizer a sua oração.
Morreu!... Ali sepultada
Jaz para sempre calada,
Que a morte muda só é!
Mais feliz, talvez, que outrora
Que nos Céus cantando agora
Com os anjos cresceu de fé.

*

Corria o ano de 1814, e uma romaria de fiéis e curiosos concorria de grande distância à capela da Piedade, sobre a serra do mesmo nome, não mui distante da cidade do Ouro Preto, ia ali ouvir missa e presenciar os êxtases e os padecimentos de uma moça, a quem chamavam a irmã Germana, a qual, para satisfazer a devoção que tinha com a Santa Virgem, obteve do seu confessor a permissão de ir habitar a deserta capela, que coroava o píncaro da alta serra. Facilmente lhe concederam o que pedia, pois era voz geral, que a sua vida era puríssima, e o seu procedimento irrepreensível.

Nessa habitação tão terna, vivendo como um anacoreta, longe do comércio do mundo, tendo apenas uma irmã por companheira, cresceu

a devoção de Germana, e votou-se a todas as abnegações das grandezas deste mundo; quis jejuar às sextas-feiras e aos sábados: ao princípio impediram-lho, porém ela declarou que lhe era inteiramente impossível tomar qualquer refeição durante esses dois dias, e dali em diante os passou na mais completa abstinência.

Meditando um dia sobre os mistérios da Paixão, entrou Germana num como êxtase; seus braços se abriram, formando com o seu corpo uma cruz, tendo os pés igualmente cruzados, e se conservou nesta postura pelo espaço de quarenta e oito horas; desde então se renovou o fenômeno semelhante, sem a mais pequena interrupção; começando sempre na noite de quinta para sexta-feira até a noite de sábado para domingo, sem que fizesse o menor movimento, sem que proferisse uma única palavra, e sem que tomasse o mínimo alimento. Espalhou-se a notícia, e os habitantes de ambos os sexos e de todas as condições e idades vieram das circunvizinhanças presenciar este espetáculo inteiramente novo para eles, e ignorando a sua causa, tomaram os seus efeitos como milagre, e dali o nome, que deram a Germana de irmã, e a fama, que ela ainda hoje goza de santa. Dois médicos ou cirurgiões, ou, como então se dizia, dois clínicos Antônio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva concorreram da sua parte, para que mais e mais se aumentasse a veneração pública, passando atestados, de que o seu estado era sobrenatural, pois só assim podiam explicar a periodicidade de seus ataques catalépticos.²

Em vão o Dr. Gomide, distinto e instruído médico, formado na Universidade de Edimburgo, procurou refutá-los, publicando uma memória cheia de ciência e de lógica,³ na qual procurou provar, fundado em numerosas autoridades, que os êxtase da irmã Germana nada mais eram do

2 O doutor Gomide a explica, narrando o seguinte fato, que, conquanto seja curioso, mais serve para comprovar o instinto dos animais, do que a periodicidade de uma moléstia. Um proprietário da cidade de Gaeté tinha uma tropa de bestas, que ia todos os sábados à cidade carregada de gêneros alimentícios. Estes animais eram soltos no pasto, segundo o costume, e pela manhã e à noite vinham a casa receber a sua ração de milho, mas no sábado, único dia de trabalho, não só não se apresentavam como que se escondiam no mato.

3 Intitula-se: *Impugnação analítica ao exame feito pelos clínicos em uma rapariga, que julgaram santa, na capela da Senhora da Piedade da Serra*. Rio de Janeiro, 1814.

que uma catalepsia; cresceram as romarias à serra da Piedade, e divulgou-se o boato de que o doutor, não tendo visto a enferma, não pudera estudar o fenômeno da sua moléstia em todas as suas particularidades, e os atestados dos clínicos, não tendo sido impressos, foram reproduzidos em numerosas cópias, e circularam ainda nas mais remotas vilas e aldeias da província.

O que até ali era crença para todos, começou a ser dúvida para muitos, e a opinião pública dividiu-se; então interveio o sábio e esclarecido bispo de Mariana, o padre dom Cipriano da Santíssima Trindade, que antevendo o escândalo, que se poderia dar luta, que se começava a travar entre as encontradas opiniões, proibiu a celebração da missa na capela da Piedade, sob o pretexto da falta de régia licença, com o fim de acabar com as numerosas romarias. Os afeiçoados, porém, da irmã Germana, crentes sinceros e de boa fé, não só se apressaram em oferecer as suas casas, como que vieram à corte do Rio de Janeiro solicitar a necessária licença. Germana lhes agradeceu de todo o seu coração, mas preferiu ir com a sua irmã para a casa de seu confessor, homem de certa gravidade, já avançado em anos, não destituído de instrução, e que habitava por aqueles arredores. Alcançada a licença, abriu-se de novo a capela, e no seu rústico campanário tornou a soar o sino, anunciando o regresso da irmã Germana, e convocando os fiéis e os curiosos para a missa, e para a contemplação dos milagrosos êxtase da santa da serra da Piedade.

Daí em diante começou a manifestar-se novo prodígio; todas as terças-feiras experimentava a irmã Germana êxtase de algumas horas, seus braços deixavam a sua natural posição e se conservavam cruzados sobre as costas da enferma. Os devotos explicavam este novo fenômeno com a coincidência do dia, pois é na terça-feira, que se oferecem à meditação dos fiéis o sofrimentos de Jesus Cristo, ligado à coluna.

Aos nacionais juntaram-se peregrinos estrangeiros, viajantes instruídos correram a visitar também, levados da curiosidade humana, capelas da serra da Piedade, e Augusto de Saint-Hilaire, sábio naturalista francês, dando conta da sua peregrinação àquele sagrado asilo, fala-nos assim da irmã Germana:

“Vi na serra da Piedade uma moça muito falada nas comarcas de Sabará e Vila Rica. Chamava-se irmã Germana, e desde o ano de 1808, que

padecia de afecções histéricas, acompanhadas de convulsões violentas, exorcismaram-na e empregaram remédios inteiramente contrários ao seu estado, o que a fez piorar ainda mais. Quando ali cheguei havia já muito tempo, que ela não se levantava mais da cama, e a dose de alimentos, que tomava diariamente, apenas excedia a que se dá aos recém-nascidos. Não comia carne, rejeitava igualmente todos os alimentos gordurosos, e não podia sequer levar um caldo. Doces, queijo, um pedaço de pão, um pouco de farinha, formavam o seu nutrimento, não poucas vezes rejeitava o que acabava de pedir, e quase sempre era necessário obrigá-la a comer alguma cousa.

“Quando pela primeira vez cheguei à serra, fui recebido pelo diretor da enferma; tinham-me assaz falado do desinteresse e da caridade deste eclesiástico. Pratiquei por bastante tempo com ele e não me pareceu destituído de instrução. Falou-me da sua penitente sem entusiasmo algum. Desejava, me disse ele, que os homens instruídos estudassem o estado de Germana, pois que o doutor Gomide tinha escrito o seu folheto, sem que se tivesse dado ao trabalho de ir ver a sua enferma. Se este sacerdote não exagerou o que me contou acerca do poder, que tinha sobre Germana, poderiam os sectários do magnetismo animal tirar dele grande partido para apoio da sua doutrina. Assegurou-me com efeito, que no meio das mais terríveis convulsões, lhe fora bastante tocá-la para sossegá-la. Logo que estava nesses êxtases periódicos, tinham seus membros tal rigidez, que era mais fácil quebrá-los e rasgá-los do que curvá-los ou dobrá-los; mas, se dermos fé ao testemunho de seu confessor, por mais de leve que tomasse o braço ou a mão, facilmente lhe dava a posição que julgava conveniente. O que há de real, é que o confessor de Germana, tendo-lhe ordenado que comungasse num desses dias de êxtase, ela por um momento convulsivo levantou-se do leito em que a tinham levado para a igreja, ajoelhou-se, com os braços abertos e recebeu a santa hóstia, e desde esse momento, que comungou sempre da mesma maneira no seu estado estático. Em suma o seu confessor não falava, senão com extrema simplicidade, acerca do poder que tinha sobre a pretendida santa, atribuía-o unicamente à docilidade da enferma, e ao respeito que votava ao carácter sacerdotal, e acrescentava que qualquer outro eclesiástico colheria o mesmo resultado. Ele me dizia com aquela confiança, que os magnetizadores exigem de seus adeptos: a obediência desta pobre moça é tal, que se eu lhe ordenasse que

passasse uma semana inteira sem tomar alimento algum, ela não hesitaria, nem ficaria por isso mais incomodada, mas, ajuntava ele, temo tentar a Deus, com tal experiência.

“Pedi que me mostrasse a enferma, e conduziram-me a um pequeno quarto, onde jazia continuamente deitada. Vi-lhe o rosto dentre um lenço, que lhe encobria a cabeça, e não me pareceu ter mais de 34 anos de idade, que era a que com efeito se lhe atribuía. Sua fisionomia simpática e agradável indicava grande magreza e extrema debilidade.

“Perguntei-lhe como estava, e respondeu-me com uma voz quase extinta, que estava melhor, do que na realidade o merecia. Tomei-lhe o pulso, e surpreendeu-me a sua forte aceleração.

“Tendo subido de novo na sexta-feira, pedi que me conduzissem outra vez ao seu aposento. Estava deitada em sua cama e tinha a cabeça envolta num lençol. Seus braços estavam abertos, sendo que a parede impedia que um deles se estendesse livremente e o outro saía além do leito, e era sustentado por um tamborete. Tinha a mão extremamente fria, os dedos polegar e indicador estendidos e os outros encolhidos: os joelhos curvos e os pés encruzados. Nesta posição conservava a mais perfeita imobilidade, sentia-se-lhe apenas o pulso, e podia-se supô-la sem vida, se pelo efeito da respiração o seu peito não fizesse elevar-se levemente a sua colcha. Procurei por vezes dobrar-lhe o braço, mas inutilmente, a rigidez dos músculos aumentava na razão dos meus esforços, creio que não poderia empregar maior força sem inconveniente para a desgraçada enferma. Verdade é que fechei uma e mais vezes as suas mãos, mas logo que as deixava, tomavam o seu ademã de costume. A sua irmã, que velava quase sempre a seu lado, e que se achava presente nesta ocasião, me disse que nem sempre esta pobre se mostrava tranquila em seu êxtase como estava então, e que na verdade os pés e braços ficavam constantemente imóveis, mas que ela arrancava suspiros e gemidos, batia com a cabeça sobre o travesseiro, e que pelas três horas da tarde manifestavam-se-lhe movimentos convulsivos: era esse o momento, em que Jesus Cristo soltara o derradeiro suspiro.

“Antes que me dirigisse a serra para vê-la em seus êxtases, tinha ideado experimentar nela a ação do magnetismo animal, mas a presença de numerosas testemunhas impediu-me que o fizesse com regularidade.

“Todavia sob o pretexto de observar-lhe o pulso, coloquei a minha mão esquerda sobre a sua e pus-me na disposição de espírito exigida pelos magnetizadores, nenhum resultado obtive, mas para não deixar de ser exato, devo confessar que fui constantemente distraído pela presença de testemunhas, e pelas suas conversações.”

Outros viajantes, como Spix e Martius, distintos naturalistas alemães, que perlustraram a província de Minas Gerais, visitaram a capela da serra da Piedade, levados das narrações, que lhes faziam os habitantes acerca dos milagres e santidades de Germana, mas já as autoridades tinham intervindo e julgado prudente afastá-la para mais longe, a fim de acabar com as numerosas peregrinações e romarias.

Também a irmã Germana não habitou por muito tempo o lugar do seu exílio. Acharam-na um dia naquela postura, que tomava ordinariamente quando era acometida da catalepsia, como diziam os médicos, ou quando estava em seus êxtases periódicos, como dizia o povo, pálida e fria como uma bela estátua de mármore, seu coração tinha cessado de bater, era apenas um cadáver...

A morte, muitas vezes tão benigna, tinha posto termo a seus longos sofrimentos. Não o foi, mas viveu e morreu como uma santa.

.....

IV

Gênio e glória

DONA RITA JOANA DE SOUSA – DONA ÂNGELA DO AMARAL,
A MUSA CEGA – DONA GRATA HERMELINDA, A FILOSOFINHA –
DONA DELFINA DA CUNHA, A POETISA.

PERNAMBUCO, a província heroica, pátria de tantos filhos beneméritos, deve ufanar-se de poder contar entre os nomes das senhoras ilustres que há produzido, o da jovem Rita Joana de Sousa, que muito honrou as belas-artes e letras, e de cujo talento fazem honrosa menção o abade Barbosa Machado na Biblioteca Lusitana, Fróis Perim no Teatro Heroíno, Ferdinand Denis no *Resumé de l'histoire littéraire du Brésil*, o conselheiro Baltasar da Silva Lisboa nas *Notas Biográficas*, e muitos outros.

Nascida sob aquele formoso e esplêndido céu, entre aquelas encantadoras e risonhas paisagens, ante todas aquelas belas e inspiradoras cenas da cidade de Olinda, no ano de 1696, quando Gregório de Matos expirava com a poesia do arrependimento nos lábios e o canhão anunciava o aniquilamento da república africana de Palmares, passou ela a sua mocidade alegre e ruidosa no entretenimento próprio da pintura, e quando depunha os seus pincéis, o tento e a palheta, era para se entregar ao estudo da história e da geografia, que faziam os seus encantos, e sobre o que es-

creveu algumas investigações, que talvez ainda se conservem sob a poeira dos anos, ou tenha, o que é mais certo, levado o descaminho, que tem tido tanta riqueza literária, graças ao nosso descuido e o nenhum apreço das nossas cousas.

Breve correu-lhe a vida passada tão suavemente, no meio de tão desvelada educação, em que tanto se esmeraram seus pais, recreando-se, tanto ela como eles, naquele cultivo doce e sossegado das letras e das artes à semelhança dum faceiro e travesso regato, que brinca, que saltita, que serpeja, espreguiçando-se por entre areias e seixinhos, beijando relvas e flores; mas veio o ano de 1718, e a morte com a sua mão mirrada ceifou tanta flor, que começava a desabrochar, tanta esperança que ia realizar-se, como se tudo fora um sonho, despenhando-a no fundo do sepulcro apenas na florescente idade de 22 anos.

Qual flor, que da manhã aos raios murcha
Apenas desabrocha,
Assim ela morreu, tão jovem inda:
Anjo do céu descido, aos Céus se volte!...

A literatura, as artes, as ciências, como a igreja, também contam seus mártires inocentes; belos talentos, ovações efêmeras, que se farão em flor; meteoros brilhantes, que cintilam e se apagam rapidamente no meio das trevas de longa noite, quando pareciam dourados e brilhantes astros, que muito tinham que girar em suas órbitas, alagando o espaço com seus raios, inundando tudo de sua luz!

Sobre os degraus do templo da imortalidade brasileira, descansam F. Bernardino Ribeiro, com suas produções literárias, Dutra e Melo, com as suas *Inspirações poéticas*, Azevedo com a sua *Lira dos vinte anos*, Junqueira Freire, com as suas *Inspirações do claustro*; e Casimiro de Abreu com as suas *Primaveras*; e, lá mais longe, junto ao luminar, esta a virgem de Olinda, irmã mais velha, que os precedera a quase século e meio, e de quem a pátria possui apenas o nome.

Mas nem por isso deixemos de lhe consagrar algumas páginas entre as brasileiras; se mencionamos os nomes daquelas, que se immortalizaram por seus feitos de arenas, ou por suas virtudes, e do que só resta a memória, não é muito também que lembremos a vocação da jovem artista dona Rita Joana de Sousa, e a tradição de suas obras, derramando algumas

flores sobre o seu busto, como uma homenagem ao talento artístico das senhoras brasileiras.

*

O Rio de Janeiro, como Pernambuco, se ufana de ter sido a pátria, ainda nos tempos coloniais, de uma célebre poetisa; – dona Ângela do Amaral Rangel.

Ela nasceu nas primeiras décadas do século XVIII. Descendente de uma família ilustre pelos serviços prestados ao país teve por berço a risonha cidade, que Estácio de Sá regará com seu sangue e que seus descendentes acabaram de resgatar as armas triunfantes de Duguay-Trouin.¹

Sorria-lhe a terra natal com todos os seus encantos; a seus pés espraia-se-lhe a mais magnífica das baías, com ondas aniladas, com ilhas verdes e floridas, e cingida de montanhas escamadas de verdura ou de serras arrepiadas de penedos; sobre sua cabeça brilhava-lhe o mais esplêndido do céu azul, sem nódoa, cheio de constelações deslumbrantes; cercavam-na os bosques engrinaldados de flores e frutas; afagavam-na as brisas perfumosas da tarde e da manhã, mas o destino enlutara-lhe o berço roubando-lhe as galas e os brincos da infância para velá-la com os horrores das sombras do limbo! Ai, uma noite sem aurora, longa, sem fim, devia ser a sua vida, como se para ela a Terra se escondesse eternamente aos raios vivificadores do astro do universo!

Cega, inteiramente cega, ela não teve para seus pais um olhar expressivo de amor infantil. Eles afagavam-na, sorriam-se para ela, e a mísera e mesquinha sentia unicamente os seus afagos e não via os risos paternos! A natureza, porém, ainda que às vezes pareça madrasta, não deixa de ser meiga, carinhosa e verdadeira mãe; tem pois, também, suas compensações para a humanidade; a todos não liberaliza os seus dons e mimos, as suas graças e favores, mas mitiga de alguma forma as suas faltas e, muitas vezes, ampla e satisfatoriamente.

A desditosa menina, aquele anjo de inocência, obteve na luz do entendimento a compensação da luz dos olhos que se lhe apagara ao nascer.

1 Assim asseveram o conselheiro Baltasar da Silva Lisboa nas suas *Notícias biográficas dos brasileiros ilustres por seus talentos e letras*, manuscrito do Instituto Histórico, e seu irmão José da Silva Lisboa, visconde de Cairu, na sua obra *Constituição moral ou deveres do cidadão*.

O estro abrasou-lhe o cérebro, iluminou-lhe a razão. Tinha de sobre os olhos uma venda caliginosa, uma catarata talvez congenial que hoje facilmente cedesse às mãos destras dos Celsos, Potts, Richters, Heisters, Daviels, Lafayes, J. L. Petits, Wenzels, Dupuytren, Scarpas, Sansons, Roux, Carron Duvillards e outros, e essa venda lhe apresentava a noite perene, sem fim, eterna! Mas que prodígio! O seu gênio belo e brilhante abrindo luminosas asas voava, transpunha a caligem e vinha no espaço imenso, nesse infinito de tantas maravilhas, brincar e folgar ao reflexo ameno e puro de um novo sol; vinha extasiar-se ante a pampa da natureza risonha e mágica de seu incomparável país. Sua imaginação fantástica e portentosa lhe mostrava montes e serras, viridentes ou aniladas; campos extensos; um oceano cinzento; lagos cristalinos; ilhas com palmeiras agitadas pela viração, como se flutuassem sobre as ondas azuis de dourado mar, e por abóbada de tanta magnificência céu azul, céu sem nódoa, céu brilhante, majestoso. Artista, ela, desenhava para si essas flores, que a enleavam com a sua fragrância; coloria com as tintas do íris esses pássaros que lhe diziam as suas endeixas; esmaltava de esmeraldas, de rubis e diamantes esses insetos que lhe zumbiam em torno, e ornava com as pétalas da passiflora, da clícia, das bromélias, essas borboletas que, à semelhança de flores aéreas, lhe adejavam sobre os olhos mortos, eclipsados, sem luz! Poetisa, ela misturava suas canções ora alegres, ora maviosas aos cânticos dúlios e melódiosos do coro dos serafins que a circundavam, e no seio de uma noite lutuosa achava luz para seus dias e encanto para sua vida, que convertia numa harmonia contínua.

Era então quando aproveitava-se do arroubo de seu gênio e entregava-se a seus delírios brilhantes, às suas inspirações harmoniosas, e os versos deslizavam-se-lhes dos lábios como as águas de um ribeirão que serpejam por entre relvas e musgos, fáceis, sonoros, simples e agradáveis. Os pais a escutavam e escondiam no meio de seus aplausos de admiração uma lágrima que lhes descia pelas rugas das faces e lhes traduzia a satisfação da alma contrabalançada pelo pesar de tão grande infelicidade.

Vivia d. Ângela do Amaral nos tempos coloniais, mas a capital da colônia brasileira tinha suas aspirações à glória literária; escrava, sonhava com o fausto de sultana. As suas ordens religiosas floresciam à sombra dos claustros com seus poetas, cuja fama redundava toda em benefício de suas religiões, e com suas bibliotecas francas à mocidade ávida de sapiência; assim

orgulhava-se a cidade fluviana, como então se dizia,² de possuir a musa jesuíta, a musa beneditina, a musa seráfica e a musa carmelitana que primavam não só na língua portuguesa, como na língua dos bardos das florestas,³ e ainda nas estranhas como a espanhola, e ainda nas mortas como na latina. Ufana de sua coroa poética possuía a sua Castália no Carioca e nas suas cascatas espumosas e sonoras, bebia largamente suas inspirações. Os seus magistrados proclamavam-se cultores das letras, e o seu governador, o digno e ilustrado Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadela, as amparava de alguma sorte com a sua valiosa proteção.

Assim tornava-se D. Ângela do Amaral condigna da admiração de todos os seus ilustres contemporâneos. E quando a Academia dos Seletos⁴ reuniu-se em palácio sob a presidência do erudito padre-mestre Francisco de Faria, para celebrar as virtudes de Gomes Freire de Andrada, a jovem improvisadora, a musa sem olhos veio também com as produções de seu espírito pagar preito e homenagem ao grande general.⁵ E, coisa admirável, dentre tantas composições entorpecidas pela calculada afetação de estilo, repletas calculadamente de antíteses, de conceitos e de trocadilhos, primou a poetisa fluminense com os seus versos fáceis e fluentes, belos e

2 Um dos membros da Academia dos Seletos, o doutor Manuel da Cunha de Andrade e Sousa, assim o dá, a saber, quando fala do “coro das musas fluvianas”. *Júbilos da América*.

3 Os jesuítas foram grandes cultores e mestres da língua geral dos índios e nela compuseram muitas poesias, além dos catecismos próprios para a instrução religiosa dos selvagens. O padre-mestre presidente da Academia dos Seletos firmava as suas composições assinando-se *Anhé pai Abaré*. *Júbilos da América*.

4 O secretário da Academia dos Seletos, o doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá, a quem coube a leitura das peças que se apresentaram, disse assim na sua prefação:

Permiti que recite hoje entoado
Os poemas, com alma tão valente,
Que pareceram manar com gentil troca
Do Aganipe os cristais, da Carioca.

Acerca da tradição das águas da Carioca, veja-se o que a respeito escreveram Rocha Pita, *História da América Portuguesa*. Jaboaão, *Novo Orbe Seráfica*, e o senhor dr. D.J.G. de Magalhães, no seu poema *A confederação dos tamoios*.

5 O ato acadêmico que teve por fim honrar as virtudes de Comes Freire de Andrada, segundo as máximas estabelecidas em uma pauta, remetida em circular aos acadêmicos, teve lugar no dia 30 de janeiro de 1752.

simples e nos quais a sua linguagem nada tem de estudada, como quem só tinha por si a inspiração sublime e pura da natureza:⁶

Ilustre general, vossa excelência
Foi por tantas virtudes merecida,
Que, sendo já de todos conhecida,
Muito poucos lhe fazem competência:

Se tudo obrais por alta inteligência,
De Deus a graça tendes adquirida,
Do monarca um afeto sem medida,
E do povo uma humilde obediência.

No católico zelo e na lealdade
Tendes vossa esperança bem fundada;
Que, na presente, na futura idade,

Há de ser a virtude premiada:
Na Terra com feliz serenidade,
E no Céu com a glória eternizada.

Já retumba o clarim que a fama encerra
Na vaga região seu doce acento,
De Gomes publicando o alto alento
Por não caber no âmbito da Terra.

Declara, que se está na dura guerra
Tudo acaba tão rápido e violento
Que o mais forte esquadram em um momento
Seus alentos vitais ali subterra.

Vosso nome será sempre exaltado,
Que se voas nas asas da ventura
Vosso valor o tem assegurado;

6 Para que se julgue do estilo desses acadêmicos basta transcrever o título e a nota de um soneto de seu secretário o doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá: “Elogio eurapélico, crítico, encomiástico, serifaceto, joco-sério, irônico-efático, metódico-empírico, médico-jurídico, criptológico, antagonístico-erótico, ao eruditíssimo acadêmico-físico o dr. Mateus Saraiva, usando nas suas obras de agudos e outras licenças, contra crusca moderna e nova reforma do Parnaso. Soneto timiagudo”. Na porta diz ele: “Aludo aos ribombantes, ampuláceos e sesquipedais títulos com que este cândido acadêmico costuma frontispiciar as suas obras”.

Porque nos diz a fama clara e pura
 Que outro herói como vós não tem achado
 Debaixo da celestre arquitetura.

São as provas reais os seguintes sonetos, que figuram nas páginas dos *Júbilos da America*.⁷

Os versos que de improviso lhe vinham da mente aos lábios e que encantavam as pessoas que mudas e silenciosas a contemplavam, cheias de assombro, já pungidas de compaixão,⁸ não eram sempre feitos na língua harmoniosa que falamos; lutava e vencida a dificuldade de estranhos idiomas, e com a mesma facilidade com que improvisava na língua de Camões, recitava as suas poesias na língua de Calderón de la Barca, de Lope de Vega e de Cervantes, como demonstram as suas composições.

Foi d. Ângela do Amaral senhora instruída tanto quanto lhe permitiam as circunstâncias peculiares de seu tempo e do nosso país, e ainda mais as próprias circunstâncias excepcionais. Bela e afável reuniu as graças da poesia às virtudes cristãs com que seus pais lhe embalsamaram o berço, e foram o itinerário de sua vida.

Teve o caminho de sua existência inundado de trevas e juncado de espinhos, mas seu gênio mudou-lhe as trevas em luz, e transformou-lhe os espinhos em flores e apontou-lhe a aurora da posteridade!

*

À sombra das grandes árvores crescem as tímidas violetas, perfumando os ares com os eflúvios que se destacam de suas florinhas, são elas o símbolo da verdadeira modéstia, assim, depois do nome do nobre marquês de Maricá, vem a lembrança o nome de dona Grácia Hermelinda

7 *Júbilos da América na gloriosa exaltação e promoção do Ilm. e Exm. Sr. Comtes Freire de Andrada*. Coleção das obras da Academia dos Seletos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obséquio e aplauso do dito Exm. herói pelo doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá – Lisboa, 1 vol. In – 4º, 1754.

8 O editor dos *Júbilos da América* mostrou-se, todavia tão parco de encômios para a nossa poetisa, quanto pródigo em liberalizá-los largamente aos seus amigos, contentando-se com a seguinte nota a seu respeito, que vem no índice daquela coleção: *cega a nativitate*.

da Cunha Matos, a quem as senhoras brasileiras são devedoras de um livro de sentenças.

O general Raimundo José da Cunha Matos, seu ilustre pai, desvelara-se na sua educação; abrilhantou-lhe o espírito com a luz da instrução, e os seus desvelos e os seus cuidados foram recompensados da parte de sua filha pelas suas aplicações dadas à árdua, mas bela tarefa da inteligência; e bem depressa colheu ele o fruto dos seus esforços, e achou na *Filosofinha*, como a chamavam, um auxiliar dedicado, que assaz prestou-se aos seus estudos favoritos; foi ela a sua secretária, e tomou não pequena parte na colaboração das suas eruditas memórias.

Nas suas *Sentenças* mostra-se dona Grácia Hermelinda digna discípula do marquês de Maricá; não tinha, como ele, um teatro tão vasto, nem aquela cabeça, que pensava sempre, como dizia o Sr. Magalhães, nem mesmo a instrução e erudição do La Rochefoucauld brasileiro; mas ainda assim o seu gênio contemplativo estudava no seu pequeno círculo, e a experiência, ainda em tão verdes anos, lhe ditava máximas e reflexões que mereceram os louvores do grande moralista, que a sobreviveu por muito tempo.

Por demais modesta, pois não escrevia nem por vaidade, nem por ostentação, como o disse publicamente, envolveu as suas sentenças com máximas, reflexões e pensamentos de abalizados escritores, todavia não foi sempre feliz na sua escolha mas outro era o seu fim.⁹ “A Bíblia Sagrada”, diz ela, “epílogo da divina sabedoria; o *Sader* e o *Zenda Avesta* de

9 No mês de março de 1837, fez D. Grácia Hermelinda inserir no *Farol do Império*, folha diária desta corte, uma *coleção de sentenças dos filósofos antigos e modernos e de adágios triviais, de que se faz uso na sociedade, oferecida às meninas brasileiras*. Animou-se e dar à luz a sua coleção sombra das máximas do ilustre marquês de Maricá,

Qual fraca vide que se arrima a um tronco.

Seixas Brandão.

“As interessantes máximas, pensamentos e reflexões”, disse ela, “há poucos dias publicadas pelo Exm. Sr. Marquês de Maricá, induziram-me a fazer escolha de outras em várias obras de filósofos antigos e modernos, para oferecê-las às senhoras brasileiras, que talvez nelas encontrem doutrina pura de que se possam aproveitar. Não escrevo por vaidade nem por ostentação por não carecer de motivo de uma nem de outra cousa: eu mostro aquilo que é velho, o que se acha escrito há milhares de anos.”

Zoroastro; os *Purafias*, os *Vedas* e os *Chastros* dos índios; os *Kings* dos chins; os livros santos dos egípcios e do Tibete; os poemas e as histórias dos fenícios, dos gregos, dos romanos, dos druidas, e até o monstruoso Corão acham-se cheios de apotegmas ou sentenças e máximas, filhas da experiência de muitos séculos e da meditação de inumeráveis homens circunspetos.

“Cada uma das sentenças, que aqui apresento, pode aplicar-se tanto aos grandes como aos triviais negócios da sociedade, e por isso convém lembrar-vos de tempos como conselhos de bons mestres. Queira Deus que outras meninas brasileiras mostrem ao público o fruto dos seus estudos para darem princípio a uma palestra literária, que aproveitando e instruindo as pessoas do nosso sexo, de mais realce aos salões frequentados pela mais escolhida e virtuosa sociedade:”

Dentre as suas sentenças originais¹⁰ citarei as seguintes, como dignas de serem lidas e apreciadas pelas senhoras brasileiras:

Os prejuízos adquiridos na infância raras vezes se perdem.

Conduz os teus filhos pela estrada da virtude em os primeiros passos da vida, na certeza de que eles não se afastarão totalmente dela, ou que a buscarão na adversidade.

A mãe de família que entrega a educação de suas filhas a cuidados estranhos, não merece o título glorioso de mãe, e eu lhe dou, ainda com dificuldade, o de madrasta.

Se um estatuário exulta com prazer vendo concluída e perfeita a estátua de um herói ou de uma beldade, em cujo trabalho havia empenhado o seu talento, tempo e cuidados, qual não deve ser o brilhante triunfo de uma mãe, vendo completa a difícil obra da educação de sua filha? Ah! Este prazer é o mais puro que uma mãe pode gozar, e o mais lisonjeiro possível para uma mãe, e finalmente o prêmio de sacrifícios penosos e de vigilantes cuidados. Se todas as mulheres estivessem persuadidas destas verdades, a sociedade seria mais feliz.

As mães devem ser as melhores mestras de suas filhas, dando-lhes exemplos de virtude e educando-as debaixo de seus olhos, evitando a lei-

10 A autora da coleção de sentenças fez notar que as *Sentenças* firmadas com as letras iniciais do seu nome eram originais e lhe pertenciam.

tura de obras imorais, histórias de feiticeiras, duendes, encantamentos e obras de outro mundo; explicando-lhes o sentido de cantos fabulosos e das novelas recreativas, que debaixo de nomes supostos e aventuras impraticáveis, muito concorrem para a civilização da mocidade.

O colar mais precioso, com que se orna uma mãe, são os braços do seu filho.

Nas desavenças domésticas não figures de juiz, para não saíres intrigante.

As discórdias de famílias quase sempre se curam de portas adentro com o balsamo do amor dos filhos, objetos tenros aos olhos dos pais.

A primeira disputa que surge entre os casados é o pomo da discórdia, que lhes promete campo aberto a guerras contínuas.

A devoção é o anjo consolador das almas piedosas.

O horizonte mais extenso e o da esperança.

A esperança é necessária ao coração como o sol à existência das flores.

O homem, que perde a esperança, tocou o grau máximo do infortúnio.

A vida é um ponto entre duas eternidades.

Não confundas o hipócrita com o homem de coração, nem pretextes o receio de ser enganado para fechar os ouvidos à voz da humanidade e da religião, porque nesse caso serás tu o hipócrita.

Há certos homens que se gabam de irreligiosos, julgando que serão olhados como filósofos, porém nunca conseguem mais do que a compaixão das pessoas discretas.

A religião é tão necessária aos estados, como a harmonia aos corpos celestes.

O homem sem religião pode não ser temível no meio da prosperidade; mas fogem dele quando a desgraça lhe bater à porta.

As nossas aprovações e reprovações políticas nem por isso mostram convicção interior; os homens do grande mundo têm uma consciência política e outra religiosa; há casos em que, postas ambas na balança, pesa mais a última do que a primeira.

A riqueza dos homens serve de termômetro aos falsos amigos: pelo peso do dinheiro, determina-se a quantidade de consideração que se deve prestar nas sociedades.

Os homens, que nos fatigam com a relação de seus livros comerciais, são quase sempre os que ganham menos e devem mais.

Os homens zombam da ignorância das mulheres, sem se lembrarem de que as educam como as escravas, que só necessitam saber obedecer.

Há muitos homens que perdoam com mais dificuldade às mulheres o talento do que os vícios.

As mulheres devem enfeitar-se com virtudes e ciência, com asseio e decência.

A bisonhice de uma mulher é tão má como a sua desenvoltura. Uma mulher virtuosa, elegante e instruída é o mais completo ornamento da sociedade.

As mulheres de espírito nunca envelhecem.

A sorte das mulheres depende muitas vezes da educação moral que se lhes dá, ou da instrução científica que adquirem.

O toucador de uma senhora é tão necessário como os livros; estes ornaram a alma, e aquele enfeita o corpo.

Se uma senhora instruída não unir as graças artificiais às do espírito; se for um prodígio de ciência e um disparate em vestuário, presidirá a pequeno auditório como as sibilas quando proferiam oráculos no fundo das mais tenebrosas cavernas.

O uso dos vestidos decentes não ofende a Deus nem ao mundo; mas os nossos vestidos devem ser tais, que se não façam objetos de desgostos, nem de risadas.

A mais poderosa influência, que se tem conhecido nos negócios públicos, é a das mulheres.

Há pessoas que afirmam não ser tão forte a influência das mulheres nos governos constitucionais; a experiência mostra o contrário, e sirvam de exemplo uma Roland, uma Beauharnais, uma Stael, uma Récamier e muitas outras que tiveram tanto poder como as Estrées, as Maintenons, as Montespan, as Longuevilles, as Ursins, etc., todas elas instruídas e respeitadas pelas pessoas das mais altas sociedades, já pelas suas virtudes, já pelos seus vastíssimos talentos.

A moda no vestuário, nas mobílias e em outras cousas semelhantes acrescentam o luxo, desenvolvem a indústria e a civilização; mas estas vantagens pagam-se às vezes bem caro; muitas famílias arruinam-se completamente, esquecendo-se da indispensável economia, correm após da inconstante moda e não duvidam sacrificar os seus próprios bens, e ainda o futuro de seus próprios filhos.

Não há cousa mais difícil do que conhecer a opinião pública, pois que todos os partidos anunciam a sua como tal.

Muitos homens ganham a opinião pública praticando o mesmo que a faz perder aos outros.

O governo que abandonar a lei e esquecer a justiça, para correr após a opinião pública, atravessará uma eternidade sem encontrar o ponto que busca.

Um bom preceptor de rei é metal de preço sublimado: é a ele que as nações devem abençoar ou maldizer, porque são os que formam os corações de seus pupilos.

A humildade é uma das primeiras virtudes, quando emana do coração; mas há homens que afetando humildade com aqueles de quem dependem, esperam o momento de alcançarem o que desejam para se erguerem orgulhosos, como a víbora, que se oculta entre as flores, para tornar mais certo o seu golpe.

Aqueles que nos dizem que os homens devem ser iguais, falam dos outros e não de si; a igualdade desses políticos se limita às pessoas que lhe são superiores, e nunca às que ficam meia polegada abaixo da sua situação.

O válido raras vezes se retira com sentimentos dos homens de bem; muito poucos são os que no teatro de sua glória lembram que são pó, e que para o pó hão de tornar.

Não há honras que possam pagar ao soldado as fadigas da guerra.

O homem taciturno infunde melancolia nas pessoas da sua sociedade.

Raras vezes o homem ocioso deixa de ser vicioso.

Pouco sobreviveu a ilustre brasileira à publicação das suas *Sentenças*. Um ano, depois, a *Filosofinha* expirava nos braços de seu inconso-lável pai.

Ah! O sopro da morte desfolhou a ventura paternal.

“Este homem herói”, como diz um dos seus biógrafos, “este homem herói, que nunca sofrera na sua robusta compleição e influência de climas inóspitos; este bravo militar, que nunca empalidecera diante dos perigos da guerra, nem se atemorizara quando a morte esvoaçava em torno da sua cabeça; este homem, em suma, que parecia superior às vicissitudes da vida, ficou abatido e prostrado diante da tumba de uma jovem filha, a quem ainda na flor dos anos, o Arcanjo da Morte cobrira com suas asas fatais. Aquela filha que era a parte mais querida da sua alma, o bordão de sua velhice, a sua secretária íntima, o reflexo do seu espírito, deixou esse pai inconsolável, até que uma doença consumidora o riscou do livro da vida e o tombou nos fastos da morte.”

A sua morte foi geralmente sentida não só pelas pessoas, que a conheciam de perto, como ainda pelas pessoas que apenas ouviam falar dela com elogio, que a amavam pelas suas belas qualidades e virtudes e que a distinguiam pelos talentos e conhecimentos.

*

A vacina, cuja descoberta e propagação immortalizaram o gênio de Eduardo Jenner, era apenas conhecida e avaliada na Europa, e só muitos anos depois é que foi introduzida no Brasil; no entretanto a enfermidade, comumente designada pelo nome de bexigas, ostentava-se nas plagas brasileiras com todo o seu cortejo de horrores. Povoações inteiras caíram vítimas desse mal hediondo, de que, ainda em mal, serviram-se os conquistadores portugueses para levar a devastação e a morte ao seio das aldeias dos míseros selvagens.

Em 1792 declarou-se a terrível epidemia na província do Rio Grande do Sul; as povoações desapareciam dizimadas pela morte, e o terror lavrava por toda parte; muitas famílias desamparavam seu lar, e quando pensavam que se isentavam a tão funesta influência, iam contaminadas do mal propagá-lo nos lugares ainda não infeccionados. Na fazenda ou estância do Pontal de São José do Norte, o capitão-mor Joaquim Francisco da Cunha Sá e Meneses e sua mulher dona Maria de Paula e Cunha, velavam noite e dia junto ao barão de uma filha, que apenas contava 20 meses. Com os corações dilacerados, vendo as cenas de dor e de desolação, que se passa-

vam em todas as habitações vizinhas, pediam de joelhos e de mãos postas a Deus que preservasse da morte a sua inocente filhinha. Poupou-lhes a morte aquela existência, mas a terrível enfermidade não retirou a sua mão sem deixar o cunho de sua passagem sobre as faces da inocente menina, privando-a da vista e deixando-a mergulhada nas sombras da eterna noite!

A mísera e mesquinha tateando as trevas na maior força da luz do dia, estendia os bracinhos para seus pais e vinha-lhes pedir que guiassem os seus primeiros passos.

A alegria da infância com todos os seus risos e folguedos, com todos os seus brincos e inocentes desvarios, se lhe havia convertido na pesada tristeza da velhice com todas as suas dores e achaques. Oferece, porém a natureza humana entre os seus contrastes também suas compensações, e com o correr dos anos a perda da vista lhe foi compensada de alguma sorte com a luz da inspiração poética, com o talento e a facilidade de improvisar, como ela mesma o diz:

.....Eu vivo, pois não sinto
Tão vivas impressões dentro em minh'alma?
E na mente não tenho essa centelha,
Esse fogo divino, que me aquece?
Dentro em meu coração não sinto sempre
Esse foco de amor, que ao Céu me eleva?
Não envio a meu Deus os puros hinos,
Que por um mesmo impulso se originam?

E, pois essa menina tornou-se depois poetisa, e veio a ser conhecida sob o nome de Delfina Benigna da Cunha.¹¹

Ela nasceu em 17 de junho de 1791, e uma de suas primeiras composições foi o seguinte soneto, em que chorou a desgraça com que

11 A informação sobre esta senhora devo a seu ilustre irmão o Sr. Joaquim Francisco da Cunha Sá e Meneses, alferes reformado do corpo policial da província do Rio de Janeiro, então residente em Niterói; por isso difere esta biografia da que publiquei no *Despertador*, nº. 803 de 26 de outubro de 1840, sob o título: *As poetisas brasileiras*.

Mas de balde o meu estro te chama,
Os meus olhos jamais te verão!
A Primavera

ainda nas faixas infantis a ferira a enfermidade, e que é digno de ser lido pela melancolia que reina em seus harmoniosos versos:

Vinte vezes a Lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrível mal, que já sofria.
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a mágoa ímpia;
Desde então mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada!

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda o sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo;
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo!

Esse refrigério, porém, que deu a natureza com a inspiração e talento poético, era como que um prazer doce e amargo, pois ao passo que lhe suavizava as mágoas, lhe trazia novos pesares. A sua imaginação ardente e fantástica sentia, julgava e exagerava todo o peso da calamidade, que lhe sobreviera na aurora da existência. No meio de seus voos abatiam-se-lhe as asas, e o espírito assaltado pela ideia de sua desgraça, caía como que no mais profundo abatimento, à semelhança da ave, que fendendo os ares, tomba ferida pela seta despedida pelo índio caçador. Como inspirar-se das cenas maravilhosas, privada da vista? Como encarar os céus dos trópicos em toda a sua pompa e em toda sua majestade, abrilhantados pelas suas constelações, sem a necessária Lua para vê-los? Como gozar dessas florestas, império da primavera, com sua cúpula de ramagens e grinaldas, quando apenas lhe era dado palpar a robustez de seus frutos? Como percorrer suas campinas, recamadas de verdura, retalhadas pelos rios, que aí estão rolando as águas sobre areias de ouro e diamantes, ou vingar as suas serranias arrepiadas de rochedos, coroadas de bosques floridos, não tendo por guia senão o bastão de Homero?

Como admirar suas cascatas, que se despenham que se quebram, que espumam de penedia em penedia até se perderem em seus fundos vales, quando mal lhe era dado ouvir o sussurro de suas águas? Era como o cantor da primavera, que a invoca, que a chama, que lhe dedica seus hinos, porém que, sem esperança de vê-la, termina sempre pelo grito doloroso da alma, que se debate no meio das trevas, em que a retém a matéria, privada da luz:¹²

Mas que posso eu fazer? Fraca, nas trevas,
Sem gozar esse dom, que é quase a vida?
Sim, a vida o que é? É força, é gozo,
É a luz, que ilumina o espaço imenso...
Quem não goza a brilhante primavera,
Aquele, a quem diante dos seus olhos
Todas as flores têm a cor da noite,
Para quem tintos são, todos os frutos
Nessa cor tenebrosa, que me cerca,
Que não distingue as cores dessas aves,
Que os ares cruzam, que nos mares pousam;
Que as estrelas não vê que não avista
Do sempiterno esse cortejo imenso,
Milhões de mundos, que no espaço habitam;
Oh! Quem isso não vê, nada avalia;
Tem só da vida a parte que não presta...

Possuía, porém em si mesma o assunto para suas elegias; achava na angústia de sua alma uma corda afinada pelas cordas de sua lira, e a melancolia, abraçada com a cruz que lhe oferecia o anjo da resignação, lhe inspirava poesias, que lhe lucravam a geral simpatia e despertavam a compaixão dos corações generosos, e novos infortúnios e novas calamidades vinham por seu turno arrancar-lhe novos gemidos, que ela traduzia nessa linguagem divina, que Deus pusera em seus lábios:

12 Antônio Feliciano de Castilho:

Mas de balde o meu estro te chama,
Os meus olhos jamais te verão!
A Primavera.

Hoje, qual uma tábua no oceano,
Abandonada ao ímpeto das ondas
E perdida pra todos – tal me vejo!
Toda careço, porque a luz é tudo;
Dá-me a luz... dá-me a luz; em vão vos peço.
Pois bem, o braço ao menos, e segura
Meus passos levarei à sepultura.

Após a enfermidade, que com seus dedos mirrados lhe abotoara para sempre as pálpebras, veio à morte roubar-lhe a porção mais cara de alma; e seu pai desceu à sepultura em 1826; essa calamidade repetiu-se em 1833; sua mãe, tão virtuosa, tão meiga e sensível, esse anjo de bondade, – que a afagava sob as asas, – que se esmerava em sua educação, – que a consolava em sua desgraça, – que lhe adoçava o cálice de absinto e que lhe emprestava a luz de seus olhos para guiá-la pelo escabroso do caminho da virtude, pagou também o tributo à natureza. Pungida pela saudade motivada por tão sentidas catástrofes exalou tanta dor em contínuas endechas repassadas da mais doce melancolia:

Os olhos de meu pai, da mãe terníssima
Perspicazes velavam meu destino:
E assim meus débeis passos se afoitavam...
Seus desvelos, carícias, seus cuidados
Da minha ideia desviavam sempre

A extensão dessa perda, que eu sofria,
Cheguei a ser feliz, amar a vida...
Porém desse meu ser mesquinho e fraco
Os esteios caíram finalmente,
Horrrível mão da morte arrebatou-nos

Foi, perdendo-os, que eu vi, que nada via...
E assim, duas vezes de meus olhos
Vi sumir-se essa luz maravilhosa,
Essa luz, que procuro, e que não acho...

Já então se havia tornado improvisadora, como a famosa alemã Ana Luísa Karschim e atraía a atenção de seus compatriotas; bem depressa a imprensa divulgou-lhe as poesias, popularizou-lhe o nome. Naquele soneto que começa:

Quem te fala, senhor, quem te saúda
Não vê raiar de Febo a luz brilhante,

dirigiu-se a Dom Pedro I, que no meio da preocupação da fundação do Império, não se esquecia de seus poetas e mostrou desejos de conhecê-la, dona Delfina da Cunha deixando as terras do pátrio ninho atravessou os mares e veio submeter-se à proteção do herói do Ipiranga e

Beijar a divinal mão dadivosa,
Que a vida lhe tornou menos pesada,

e alcançou da munificência imperial uma pensão pelos serviços que prestara seu prol na carreira das armas. Voltou depois a sua província, publicou as poesias oferecidas às suas patrícias servindo de prólogo à modesta coleção o soneto:

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus danos;
Da primavera as galas e os verdores
Não foram para os meus primeiros anos.

Mesmo na infância, experimentei rigores
De meus fados cruéis sempre inumanos,
Que se me destinaram dissabores,
Meus males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxílio da luz, que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpe minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortais, adoço
A mágoa, que meu estro se resfria;
Se mérito lhe dais é todo vosso.

A guerra civil – que armou, pelo espaço de nove anos, as destros fraticidas com as espadas das dissensões políticas; – que alastrou de ruínas os campos rio-grandenses: – que derramou inutilmente o sangue brasileiro, a obrigou a procurar de novo um asilo na cidade do Rio de Janeiro. Veio sentar-se junto do lar dos fluminenses, lembrada do bom acolhimento que lhe haviam dado. Não achou, porém, a tranquilidade que buscava, e empreendeu ainda muitas viagens a sua província e à da Bahia. Aqui reimprimiu por duas vezes suas produções poéticas, contendo bonitas composições, – em que

celebra o triunfo da independência nacional, – em que canta os favores que recebeu de d. Pedro I, – em que celebra a maioria de seu augusto filho – e em que retribui os encômios que lhe teceram os poetas seus contemporâneos, entre os quais é para notar-se o cônego Januário Cunha Barbosa e o doutor José de Araújo, e ainda algumas poetisas como dona Maria Josefa da Fontoura Pinto, e dona Beatriz Francisca de Assis Brandão.

Mesclam-se a essas poesias os suspiros da alma martirizada pela saudade filial, e a desgraça proveniente de enfermidades infantis.

Os brasileiros, sempre generosos, nunca surdos à voz do infortúnio, lhe estenderam a mão benfazeja, lhe suavizaram os últimos anos tão cheios de dissabores. Já então a nevoa que lhe deixara a fatal enfermidade lhe dissipava, e começava a distinguir o dia da noite, mas era a aurora da eternidade!... O anjo adiantou-se e lhe apagou a última centelha de vida, rasgando a túnica corpórea que lhe envolvia a alma. Triunfante, livre das trevas, ela volveu a luz da imortalidade ao seio de Deus!

Assim terminou a existência no ano de 1857. Foi-lhe o último suspiro o remate de uma longa serie de desgostos; e o derradeiro sorriso que lhe ficara estampado nos lábios com uma expressão angélica; ler-se-ia nele o hino de sua alma desprendendo-se da Terra e remontando a sua origem divina.

Amortalhada com o véu nupcial, engrinaldada com as flores da virgindade, deitaram-na em seu tálamo de cetim e ouro, conduziram-na à sua última morada...

Então a poesia entoou não um epitalâmio, mas uma elegia!

.....

V

Poesia e amor

A CONJURAÇÃO MINEIRA – OS POETAS DE VILA RICA
– DONA MARIA DOROTEIA OU A MARÍLIA DE DIRCEU
– DONA BÁRBARA HELIODORA

V

ILA RICA! Que de reminiscências recorda este nome! Fundada por aventureiros paulistas, que foram em seus auríferos ribeirões apagar a sede ardente das riquezas, que os devorava, tornou-se depois a arena da cruzada dos paulistas contra os emboabas, o que lhe deu tal importância, que lhe valeu o ser elevada à categoria de vila, com o título de Vila Rica, em memória da abundância de ouro que se extraía das suas minas. E um século decorrera, e já Vila Rica havia perdido toda a sua importância, e com esta o seu próprio nome, para reivindicar o seu nome primitivo, menos fastoso, apesar do título de cidade imperial, com que buscaram enobrecê-la; no meio, porém, da sua progressiva decadência, conservou aquele aspecto fisionômico que apresentara no desgraçado ano de 1789, quando a perseguição contra os inconfidentes cobriu de luto as principais famílias do país, arrancou um brado de indignação, e veio, depois de suas cenas de sangue e deportações, ostentar-se num monumento execrável, em que a tirania procurara realçar a lembrança de suas duras lições.

Vila Rica foi por muito tempo a cidade favorita dos poetas; e a poesia a tinha tornado célebre por mais de um título; Cláudio Manuel da

Costa, a quem cabe o nome de *Metastásio brasileiro*, cantara a sua fundação; Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Vidal Barbosa, Santa Rita Durão, José Basílio da Gama, e seu irmão Antônio Caetano lhe pagaram o tributo a seu talento; e Tomás Antônio Gonzaga, que eternizou a história dos seus amores em suas liras, primando na suavidade das suas rimas, que depois foram publicadas com o título de *Marília de Dirceu*, e delineara em seus versos, com a arcádia dessas cenas campestres, de que se fez pastor, para poder falar uma linguagem menos ostensiva e mais própria da sua modéstia, tomando para si o nome pastoril de Dirceu, e dando a sua amante, a mulher que devia ser sua esposa, o de *Marília*, com que a imortalizou.

Entre esses montes cobertos de pinheirais, cortados por auríferos ribeirões, atravessados por algumas pontes, tão finamente descritos pelo ameno poeta, via-se uma casa situada fora das ruas, fechando pela parte superior do terreno um pequeno campo coberto de miúda grama.

Na manhã do dia 10 de fevereiro de 1853 a velha porta da rústica choupana rangeu seus enferrujados gonzos, para deixar passar um féretro, que foi levado por poucas pessoas, todas officiosas ou domésticas, à antiga capela de um dos fundadores de Vila Rica, o famigerado taubateno Antônio Dias.

A campa dos mortos levava os seus lúgubres e compassados sons aos extremos da cidade, e o modesto cortejo se aproximava; os sacerdotes se adiantam, tomam o féretro, e o colocam sobre a eça; abrem-no, e dentro estava o cadáver de uma mulher, trajando vestes nupciais, e coroada com as flores da virgindade.

Era dona Maria Joaquina Doroteia de Seixas,¹ conhecida por Marília de Dirceu, ou a noiva do poeta.

1 Nasceu em 8 de novembro de 1767, na capital de Vila Rica. Era filha legítima de Baltasar Joad Mayrink e dona Maria Doroteia Joaquina de Seixas. Serviram-lhe de padrinhos na pia batismal o vigário Antônio Correia Mayrink e o alferes Teotônio José de Moraes com procuração de dona Maria do Rosário, residente nesta corte. Faleceu na cidade de Ouro Preto, em 9 de fevereiro de 1853; contava então 86 anos. Assim, em 1789, quando Gonzaga se dispunha a casar-se com ela, tinha dona Maria Seixas 22 anos, e Gonzaga mais do dobro dessa idade. Devo estas importantes notícias às pesquisas do Ilmo. Sr. Rodrigo José Ferreira de Bretas, digno sócio correspondente do Instituto Histórico na província de Minas Gerais. Receba de aqui ainda uma vez os meus respeitosos agradecimentos.

“A rival da mãe de amor na beleza”, diz uma testemunha ocular, “a deidade mortal, que inspirara ao desditoso Gonzaga tantas líras imortais, a formosura peregrina, que lhe despertara o gênio pelos estímulos do amor, vinha agora povoar a morada dos mortos, habitar no asilo das lágrimas, cair na mudez do sepulcro, sumir-se enfim para sempre, no seio da eternidade.

“A mão da morte precipitou-a nesse abismo infinito, indefinido, e toda a ilusão deste mundo se dissipou ao aspecto da realidade do outro mundo; e enquanto seu corpo era tão singelamente conduzido ao jazigo dos mortos, seu espírito angélico voava ligeiro a unir-se, nas regiões celestes, a alma generosa de seu cantor e amante.”

Tomás Antônio Gonzaga, ouvidor de Vila Rica, onde se apaixonara pela mulher, que tão bela se lhe apresentara, estava despachado desembargador da relação da Bahia, e demorava-se ainda, tratando da sua união conjugal com aquela, que era a único assunto das suas tão decantadas líras, quando de repente se viu envolvido com muitos dos seus companheiros e colegas, nas complicações políticas, a que se deu o título de Inconfidência; arrancado de sua casa, foi carregado de ferros, e assim entrou pela cidade do Rio de Janeiro, onde foi sepultado numa das masmorras da ilha das Cobras.

Ali, sem papel nem tinta, aproveitava-se dos poucos recursos, que imaginava, para escrever seus versos. Servia-lhe de pena o pedúnculo de uma laranja, que lhe davam para sustento, de tinta o fumo da candeia, que o alumia; e de papel a enegrecida parede do seu cárcere. Ali ouviu ele ler a pena, a que o condenara a sentença da alçada criada para esse fim, degradando-o perpetuamente para as pedras de Angoche, e que foi depois comutada em dez anos de degredo para Moçambique. A 22 de maio de 1792, o navio *Princesa de Portugal* o conduzia para o lugar do seu exílio; ali no céu de bronze, um sol abrasador, o clima pestífero, que Deus destinara aos tigres e leões, a saudade das terras brasileiras, a lembrança dos seus parentes, tantas recordações enfim, lhe foram pouco a pouco gastando a existência. De quando em quando se exaltava, animava-se, dominado por uma febre intensa, que lhe queimava o cérebro, e caía outra vez num abandono estúpido. Ai, desgraçado, estava louco!...

E assim viveu até o ano de 1809.

Pôde dona Maria Joaquina Doroteia de Seixas sobreviver-lhe por tanto tempo, esquecida do mundo, e tão somente alimentada de saudades; mas a vida, que ao cabo tornou-se-lhe octogenária, assaz concorreu para que se visse cercada de admiração; traíram-na a publicação daquelas tão lidas e delicadas liras, de que foi tão condigno assunto. Proclamada bela e formosa, cantada por um poeta, que se tornara eminentemente célebre pelo infortúnio do seu exílio, ela viu todos esses louvores, que quase sempre têm um não sei que de exagerados, derramados às mãos cheias pelo seu tão afamado livro, traduzido nas principais línguas deste século, ganhou assim fama não vulgar pelos dotes, que lhe dera o Céu, e pela paixão, que soube inspirar ao mais terno dos poetas de nossa língua. Tornou-se, portanto o alvo da geral curiosidade; nacionais e estrangeiros, que chegavam às montanhas de Ouro Preto, que viam ainda os lugares descritos nas imortais liras do novo Petrarca, ficavam como que possuídos do mesmo desejo, que era ver a mulher, que por sua beleza viera acidentalmente figurar em uma das nossas malogradas revoluções. Mas a modesta filha das montanhas de Ouro Preto se afligia, e corava ainda mesmo nos seus últimos anos, quando lhe falavam nesse livro, quando lhe lembravam o nome do seu autor, ou lhe repetiam aqueles versos, que sem dúvida sabia ela melhor do que ninguém; negava-se a apresentar-se, escondia-se, furtava-se às vistas curiosas, que a buscavam ver e admirar, e apenas aparecia na cidade, para cumprir um dever religioso; era então, que podia ser vista, dirigindo-se à capela de S. Francisco, a ouvir missa.

“Vimo-la um dia”, diz um escritor nacional, “pela última vez, um ano antes da sua morte; vimo-la, e admiramos ainda nessa senhora, através das rugas, que lhe encrespavam o semblante, aquela regularidade de feições, mas, apenas, com um tipo osteotoico de beleza.

“A calosa mão da idade lhe roçava o rosto, seus negros olhos perderam o esmalte da juventude, que os fizeram tão brilhantes como poderosos; suas faces, outrora tão mimosas, murcharam como a flor da papoula, e a rosada cútis, que as acetinava, perdeu-se com as vivas cores tão celebradas nas harmônicas liras do seu amante.”

Ainda estamos bem longe dessa época de entusiasmo e de reminiscências gloriosas. Em qualquer outro país, que não o nosso, já os restos

mortais de Gonzaga estariam cuidadosamente recolhidos; seriam depositados em um túmulo e descansariam junto das cinzas de sua noiva. Então a mão do escultor gravaria sobre o mármore não aqueles tão conhecidos versos, que ele compôs para seu epitáfio:

Quem quiser ser feliz em seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes.

O que seria ainda uma ironia da sorte, que tão avessa lhes foi, mas simplesmente aqueles dois nomes tão sabidos: Dirceu e Marília.

“Ela nasceu”, diz o escritor já aqui por vezes citado, “para ser amada e foi adorada; sua beleza; seus encantos; seus atrativos foram decantados pelo mesmo melodioso poeta, que immortalizou seu nome. Perdeu sua beleza, seus encantos, seus atrativos, mas não perdeu seu nome; jaz hoje entre os mortos, mas sua formosura será sempre celebrada com essa mágoa doce, suave, e terna, que em corações sensíveis soube infundir o seu apaixonado cantor.”

*

A rica capitania de Minas Gerais achava-se sob a pressão do terror e das perseguições. Ah! que calamidade! Dir-se-ia que o anjo da agonia tinha estendido as asas enlutadas sobre Vila Rica, e que o hino da consternação ecoava de todos os lábios.

Por toda a parte a justiça sequestrava. Não exigia tão somente o ouro, as joias, os trastes, os escravos e os animais domésticos; sequestrava também a roupa do corpo, roubava também o teto, o lar e o pão, e a família isolada, malquista, aí ficava nua à face do céu, aí vivia sem habitação, aí morria sem alimento!

O medo precedia os infelizes atirados como náufragos da tempestade política a praias inóspitas. Eram os lázaros da Inconfidência, cujo contato se temia como se tísasse a mais pura e cândida reputação.

Ante eles se fechavam todas as portas, porque a piedade e a compaixão eram símbolos de cumplicidade no dicionário do governo colonial.

Ainda a sentença não havia impresso o ferrete da infâmia sobre os descendentes dos mártires da independência brasileira e já sobre eles pesava a mão negra e mirrada do destino acerbo que os aguardava!

Descendente das mais notáveis família da capitania de São Paulo, distinguia-se também dona Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira pela sua formosura e pelas suas prendas, e esses dotes, que lhe deram a natureza e a educação, atraíram a atenção, mereceram a simpatia, cativaram o amor do coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Era ele poeta como Tomás Antônio Gonzaga e, como o cantor da beleza de Vila Rica, celebrou a beleza da vila de São João d'el-Rei. Dotada de imaginação brilhante, sentindo o estro borbulhar-lhe no cérebro, a jovem donzela retribuía por afeição e folgava com poder pagar-lhe igualmente versos por versos, e o comércio das musas santificou e engrandeceu aquele amor em que mutuamente se abrasaram.

Bacharel formado em cânones na Universidade de Coimbra e despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, depois de ter servido de juiz de fora de Cintra em Portugal, Inácio José de Alvarenga,² abandonou a carreira que abraçara com tantos sacrifícios, que tão longas viagens, e tão aturados estudos lhe havia custado; esqueceu-se para sempre do seu ninho natal, esse majestoso Rio de Janeiro com seu céu esplêndido, com sua magnífica baía, suas soberbas montanhas, suas belas florestas, e estabeleceu-se no país cofre dos diamantes e de gemas de ouro.

Não era a sede desses tesouros, mas o amor pelas grandes empresas quem o chamava as novas lidas que seguia. Bem depressa se viu senhor das ricas fazendas dos Pinheiros na freguesia de São Antônio do Vale da Piedade e do engenho da Paraupeba de Vila Rica e das terras e águas minerais de Boavista, de Santa Rufina, de Espigões, de São Gonçalo Velho, de Manuel José de Castro, do Campo de Fogo, dos Espigões do Aterrado, do Ourofala, de Santa Luzia, e ainda outras, onde trabalhavam perto de duzentos escravos. E o poeta favorecido da fortuna ofereceu a sua mão, deu o seu nome à jovem que não possuía senão seus dotes naturais.³

2 Inácio José de Alvarenga nunca foi tratado de seus contemporâneos por Alvarenga Peixoto. Parece que hoje o chamamos assim para diferenciá-lo de Silva Alvarenga (Manuel Inácio e de Alvarenga) (Lucas José de).

3 Dos documentos oficiais que tenho à vista, colhe-se que seus pais eram pobres. No apenso nº 34 a devassa de Minas Gerais, que tem por título: “Estado das famílias dos réus sequestrados”, lê-se a fl.3:

Naquelas lidas, naqueles enganos da alma, passaram os dias felizes, e o Céu legitimou o consórcio destas duas almas com três filhos e uma filha, sendo que esta, que os precedeu, era a mais querida de seus pais, passava como um anjo da felicidade doméstica representava a alegria e o riso de toda a casa.

O coronel Inácio José de Alvarenga, alma afinada pela lira da poesia, jamais deixou de cultivar o talento com que Deus o distinguiu, porém sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãe, esqueceu-se dos versos e voltou-se de todo o coração a educação de sua filha Maria Ifigênia, tão formosa aos doze anos que lhe deram o nome de “Princesa do Brasil” e essa antonomásia tornou-se popular.

Apesar da falta de recursos que havia no lugar para uma educação acima da medíocre, d. Barbara Heliodora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou que viessem se estabelecer na sua vila, junto do seu domicílio, os melhores professores que existiam na capitania, e enquanto os filhos varões se entregavam aos brincos infantis, aos jogos

“Esta dona Bárbara não espera haver nada de seus pais ainda vivos, porque estes não têm que lhe deixar, e é o seu patrimônio a meação da casa de seu marido, a qual consiste em 6,789 r. 825, valor de outros tantos bens como os descritos na primeira certidão do número 2º desde fl. 1 até fl. 3 v., em 35,273 r. 300, a metade da importância dos que na mesma certidão decorrem desde fl. 6 v. até fl. 9.

“Há de ter também metade da fazenda da Paraupeba, de cujo valor haverá notícia na ouvidoria de Vila Rica, em cujo distrito é situada.

“São, porém, tantas as dívidas deste casal, que duvida bem que se reduzido ele a dinheiro, ainda pela melhor estimação, baste para pagamento daquelas em que não há dívidas. S. João d’el-Rei, 2 de março de 1791.” – *Luís Antônio Branco Bernardes de Carvalho*. No verso da mesma folha se declara o seguinte:

“A fazenda da Paraupeba indicada nesta informação, ainda que pareça ter sido comprada para Inácio José de Alvarenga Peixoto, contudo ela se acha rematada em nome de seu sogro José da Silveira e Sousa, que pela mesma está responsável a real fazenda.” No traslado do sequestro nº 10 consta que dona Bárbara Heliodora apresentara as joias que lhe foram dadas por seu pai, mas vê-se pela sua descrição que não constituíram mimo de notável riqueza.

No entanto os biógrafos de Inácio José de Alvarenga dizem que ele tivera por dote ricas fazenda e lavras.

pueris, pois eram ainda de tenra idade,⁴ a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não só na sua língua como estrangeiras e ainda nas belas-artes: a dança, a música, o desenho ilustravam-lhe o espírito e lhe serviam de agradável entretenimento. À maneira, porém, que a distinta e virtuosa mãe redobrava de esforços e se extremava pela educação de sua filha crescia-lhe o amor maternal, excedia-se em afeição, exagerava seus os carinhos. Já não a amava; adorava-a e exigia dos mestres não só toda a paciência como deferência para com aquela que, dizia ela, devia ser tratada como princesa.

Eram críticos os tempos. Sob a máscara da amizade penetrava a espionagem em todas as casas, ouvia todas as palestras, e depois delatava tudo com a mira nas recompensas políticas. Havia o coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto tomado ativa parte na conjuração mineira: a denúncia o envolvera na lista dos implicados, e o despotismo colonial viu nele um dos chefes mais ardentes da causa nacional, e interpretou no entusiasmo pelas cousas da pátria que nota-se nas suas poesias, a prova cabal de sua cumplicidade. Foi arrancado do seio de sua família, preso e conduzido ao Rio de Janeiro, onde o lançaram nas masmorras asquerosas e imundas da fortaleza da ilha das Cobras.

Uma portaria expedida pelo governador visconde de Barbacena em 9 de setembro de 1789 mandou sequestrar-lhe todos os bens, para o fisco e câmara real. No dia 13 de outubro de 1789 achava-se d. Bárbara Heliodora na sua casa do arraial de São Gonçalo, na freguesia de São Antônio do Vale da Piedade, termo da Vila de S. João d'el-Rei, abraçada com seus filhos, misturando suas lágrimas com os ais das tristes criancinhas, que em vão chamavam o desditoso pai, quando viu entrar o desembargador Luís Ferreira de Araújo e Azevedo, ouvidor-geral e corregedor da comarca do Rio das Mortes, com o escrivão de seu cargo, e o meirinho-mor, e exigir dela o juramento para que declarasse os bens que houvesse do seu casal, sob pena de perjúrio e das que incorrem os que subnegam bens a inventário, e para logo procedeu o sequestro e real apreensão.

Toda aquela grande Fortuna acumulada com o trabalho suado de tantos anos e que ainda não estava consolidada, pois havia dívidas a

4 Em 2 de março de 1791 José Eleutério tinha quatro anos de idade; João Damasceno (que depois se chamou João Evangelista de Alvarenga) três, Tristão dois, Maria Ifigênia doze. *Estado das famílias dos réus, já citado.*

solver, foi fazer parte do acervo amontoado pelo fisco na penhora dos bens dos implicados.

Dona Bárbara Heliadora submeteu-se ao despotismo colonial.

Entregou todos os bens de sua suntuosa casa, sua pesada baixela de prata, as joias que recebera de seus pais, e de seu marido, e até uma caixinha de rapé que tinha o seu retrato circulado de pedras preciosas.

Dois dias depois requeria ela que achava-se casada com a carta de metade, que de seu matrimônio existiam filhos e que sendo na forma das leis do Reino em todo e qualquer caso livre a meia ação da mulher, se procedesse antes do sequestro o inventário e partilha para se saber o que pertencia da meia ação a cada um, e na parte que tocasse a seu marido se procedesse o sequestro, ficando a parte dela livre e desembaraçada.

O seu requerimento foi atendido; procedeu-se na forma da lei, e assim pôde ela amparar a miséria de seus filhos e preparar-se um futuro menos acerbo.

Não foi, porém, bastante para a tranquilidade de sua alma. A justiça, que via fugir metade da mais importante parte do sequestro, achou na declaração dos vassalos fiéis o meio de envolver a ilustre mineira com os implicados, e seu nome veio a figurar nas duas famosas devassas que se procederam por esse tempo. Viu-se na antonomásia de Princesa do Brasil, pela qual era conhecida a jovem Maria Ifigênia, um crime de lesa-majestade, uma ideia de independência nacional; e o próprio professor de música de sua filha, José Manuel Xavier, foi por duas vezes chamado a depor em juízo; porém nada disse que a comprometesse, e o depoimento de outra testemunha caiu não só por falta de provas como por nimiamente insignificante.⁵

5 José Joaquim de Oliveira, homem solteiro de 32 anos de idade, natural da vila de Aldeia Galega (a pátria dos celebres pais que tanto deu que fazer à diplomacia) e que vivia de sua agência, depôs em 25 de junho e 1 de agosto de 1789 nas duas devassas do Rio de Janeiro e Minas Gerais que ouvira contar que dona Bárbara Heliadora dizia que sua filha devia ser tratada como princesa do Brasil, e era tão soberba que juntava que se o país viesse a ser governado por nacionais sem sujeição à Europa, só a sua filha, pela sua antiguidade e nobreza, pertencia o governo, por ser de uma das mais antigas e primeiras famílias paulistanas. A testemunha juntou que não dera peso a nada disto, mas que depois das prisões dos conjurados viu todo o alcance dessas expressões. *Devassa do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, fl. 69 v. em ambas.*

Aqui da sua prisão da ilha das Cobras, levava o coronel os olhos saudosíssimos pelas serranias da magnífica baía que o vira nascer; já penhascos horríveis e incultas brenhas cansavam-lhe a vista, que em vão procurava pelo ninho de sua desditosa prole; soltava então um brado de agonia e atirava-se sobre a barra dura que lhe servia de leito, e chorava. Pouco a pouco se resignava e a poesia do amor e da saudade vinha enfim com as suas asas de ouro afagá-lo, limpar-lhe o pranto e traduzir-lhe os gemidos em harmonias eróticas. Se a imagem da sua esposa lhe estava sempre presente como uma viva lembrança, aí também para seu martírio via nos braços maternos aquela filha, aquele anjo que aos doze anos era todo o seu encanto, toda a sua alegria e orgulho.

São dele estes belos versos, infelizmente tão pouco conhecidos:

Bárbara bela,
Do norte estrela,
Que o meu destino
Sabes guiar;
De ti ausente
Triste somente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De incultas brenhas
Cansa-me a vista
De te buscar,
Porém não vejo
Mais que o desejo
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre contigo
Poder passar,
Mas orgulhosa
Sorte invejosa
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu entre os braços
 Ternos abraços
 Da filha amada
 Podes gozar;
 Priva-me a estrela
 De ti e dela;
 Busca dois modos
 De me matar!

Por três anos existiu dona Bárbara Heliadora sobressaltada, aguardando a nova sentença de seu marido. Preparava-se para recolher o último suspiro do mártir da liberdade, condenado pela sentença de 19 de abril de 1792, quando felizmente a clemência da rainha dona Maria I veio em seu auxílio e no auxílio de tantas famílias desgraçadas.

O patíbulo contou uma vítima de menos, mas o exílio recebeu um proscrito de mais. Lá no presídio de Ambaca, nesses sertões adustos de Angola, de olhos voltados para a pátria, finou-se de saudade aquele coração que tão nobremente palpitara pelo seu país balbuciando o versículo de Virgílio:

Libertas que sera tamen!

A poesia que servira de suave e ligeiro passatempo a dona Bárbara Heliadora nos dias de sua infância; que emprestara uma linguagem divina à inocente expressão dos afetos nos felizes dias de seus amores; – a poesia que ficara esquecida durante as lidas domésticas da mulher-mãe, cuja felicidade cifrava-se unicamente no bem-estar de seus filhos, na contemplação de sua inocência, no ver de seus brincos e folguedos, na educação de suas inclinações, no cultivo de seu espírito, – a poesia veio de novo acordar-lhe na alma os acordes harmoniosos de sua lira, entornar-lhe nas chagas do coração lanhado e comprimido o bálsamo da consolação e da esperança, mitigar-lhe o ardor doce e amargo da saudade, e traduzir seus gemidos, verter seus suspiros em versos sentidos, que se lhe desprendiam dos lábios com o ecento pungente da melancolia.

Aquela tremenda provança, que mais tarde tornou Sílvio Pelico infiel à política e desdenhoso de suas seduções, como o grande amante ressentido da ofensa de sua amada, trouxe-lhe com a desgraça a experiência, cujos frutos são sempre amargos; daí esses conselhos nestas elegantes

sextilhas, com uma graça, com uma naturalidade difíceis de se imitarem, num estilo familiar, repletas de anexins, que estão nos mostrando o tipo dos delatores que tão sanguenta peripécia prepararam a esse drama chamado Conjuração Mineira:

Meninos, eu vou ditar
As regras de bem-viver;
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sábios é o pensar.

Neste tormentoso mar
De ondas de contradições
Ninguém soletre feições,
Que sempre se há de enganar
De caras a corações
Há muitas léguas que andar.

Aplicai a conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos
E também podem falar;
Há bichinhos escondidos
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhes a ocasião,
Que os males por si virão
Sem ninguém os procurar;
Antes que ronque o trovão
Manda a prudência ferrar.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem que ratos velhos
Não há modo de os caçar;
Não batais ferros vermelhos,
Deixai um pouco esfriar.

Se vos mandarem chamar
Para ver uma função,⁶
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim que entende o rifão:
Quem está bem, deixe-se estar.

Deveis vos acautelar
Em jogos de pau e topo,
Prontos em passar o copo
Das argolinhas do azar:
Tais as fábulas de Esopo
Que vós deveis estudar.

Quem fala escreve no ar,
Sem pôr vírgulas nem pontos,
E pode quem conta os contos
Mil pontos acrescentar
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer,
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Pode o resto adivinhar.

Pela sentença de 2 de maio de 1792, que condenou o coronel Inácio José de Alvarenga a degredo, foram seus filhos e netos declarados infames. Essa sentença desumana, que tanto retalhou o coração de dona Bárbara Heliadora, claudicou depois com a proclamação da independência nacional. Um de seus filhos, João Evangelista de Alvarenga, exerceu depois o magistério público como professor de latim na vila da Campanha

6 Alude aqui sem dúvida àquele bilhete escrito num quarto de papel almaço pelo vigário Carlos Correia de Toledo na casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, apenso depois à devassa de Minas Gerais, que diz assim: “Alvarenga. Estamos juntos e venha Vm. já, etc. – Amigo Toledo”. O coronel Inácio José de Alvarenga teve a indiscrição de guardar tal bilhete.

da Princesa;⁷ mas aquela linda menina tão amada, aquela bela e formosa Maria Ifigênia, aí mísera e mesquinha sucumbiu vítima da infâmia que os implacáveis juízes de seu pai lhe cuspiram na face em nome da lei! Finou-se de pudor como o lírio manchado por impura mão!

Dona Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira viveu como seu marido com a poesia nos lábios e a dor no coração. Acabaram, ele minado pela nostalgia e ela pela saudade.

Viam-na às vezes com os cabelos soltos, esparsos, desgrenhados; com os vestidos dilacerados, e rotos; com o olhar brilhante, mas espavorido, e falava eloquentemente; a sua razão em delírio exaltava-se; ouviam-na então pronunciar com animação os nomes queridos de seu esposo e de sua adorada filha, e depois derramar torrente de lágrimas...

E assim morreu!

7 Consta dos requerimentos apresentados na Secretaria do Império em que pedia uma pensão como juros do valor dos sequestros que sofrera seu pai, o qual, diz ele, foi degradado por amor do Brasil, perdendo sua mão o juízo. Este infeliz acabou também como sua mãe, completamente louco, nesta corte, pelos anos 184...(?)

.....

VI

Pátria e Independência

AS SENHORAS BAIANAS DURANTE A GUERRA

– JOANA ANGÉLICA, A FREIRA MÁRTIR

– DONA MARIA DE MEDEIROS, A GUERREIRA

– AS SENHORAS PAULISTANAS

FATOS sublimes e gloriosos apresenta a sagrada guerra da independência nacional, que é necessário não deixá-los nas trevas do olvido, embora se percam como sombras ou como acessórios do quadro grandioso da nossa emancipação política, para mais e mais realçar em toda a sua magnificência o vulto equestre e venerando do herói do Ipiranga, que com o braço hercúleo lança a sua espada na balança da nossa causa.

Que grupos heroicos o rodeiam!

Aqui são os vereadores do antigo senado da Câmara, que hasteiavam entre as suas brancas varas o seu estandarte, com aquela inscrição simples e magnânima: “Fico!” Ali são os seus primeiros ministros, almas ardentes, consciências puras, ilustrações perfeitas.

Aqui são os seus conselheiros, os legisladores do novo império, que trazem as suas tábuas fundamentais, o livro de sua liberdade.

Ali são os seus sábios com suas penas de diamantes; os seus poetas com suas líras de esmeralda, encordoadas de ouro; os seus pregadores

coroados com a chama da inspiração divina, trazendo nos lábios a voz dos profetas; os seus oradores políticos, abrasados do amor da pátria.

Aqui são os seus guerreiros enramados com os louros da vitória, com os seus estandartes rotos e enfumaçados, tendo inscritos pelo crivo das balas os nomes eternos de Pirajá, Itaparica, Caxias, Itapicurumirim; e ali, ao longe é o mar, são as velas da nova esquadra, sulcando as ondas e desprendendo pela primeira vez as brisas livres do oceano, a bandeira da primavera!

O grito do dom Pedro I despertou os ânimos, que ainda detinha a fria indiferença, e acordou o nobre patriotismo do primeiro ao último dos brasileiros. Gratos à voz do magnânimo príncipe, que os convoca a se constituírem em nação, enfileiram-se de entorno aos pendões auriverdes, para a guerra da independência, e as senhoras brasileiras acompanharam-nos em seus generosos movimentos. Elas provocaram os brios de seus consortes, incitando-os a combater contra os inimigos da liberdade pátria, armaram o braço ainda infantil de seus filhos em sua justa defesa, e comprazeram-se em embalar os recém-nascidos penhores de seu consórcio, recitando-lhe canções patrióticas.¹

Na Bahia, não falando em outras províncias do Norte, onde mais tenaz foi a luta onde o patriotismo redobrou de esforços ante a resistência armada, distinguiram-se as senhoras por mais de um modo.

*

A antiga capital do Brasil, que havia aderido à proclamação da constituição portuguesa agitava-se ainda, e patenteava na sua efervescência tendências mais ou menos pronunciadas para a emancipação nacional; as nuvens estavam cheias de eletricidade, quando o vento compelindo-as deu lugar ao choque e apareceu a explosão.

1 Que entusiasmo não houve por toda a parte e em todos os corações! As mães amamentando os seus filhinhos, os embalavam depois entoando canções patrióticas: A mais sabida e seguida era a que começava assim:

Acalenta-te, ó menino,
Dorme já para crescer,
O Brasil precisa filhos,
Independência ou morrer!

A rivalidade dos partidos dos generais Madeira e Manuel Pedro tocou o seu auge e correu às armas, quando chegou àquela cidade de designação vinda de Lisboa do general Madeira para comandante das armas, em prejuízo da causa nacional, que via no exercício daquele posto pelo general Manuel Pedro a expressão popular simbolizada pelo voto da junta provisória, que dirigia então os destinos da província.

A junta, pretextando a ilegalidade do título conferido ao general português, instalou um conselho militar para comandar as tropas; mas estas, compostas pela maior parte de soldados de além-mar, procuravam lisonjear o amor-próprio do seu general, levando-o a não ceder; os brasileiros reagiram e os dois partidos acharam-se em hostilidade aberta no meio das ruas da cidade, entre as habitações dos seus pacíficos moradores, que ficaram expostas a todas as calamitosas vexações da guerra civil.

O dia 19 de fevereiro foi um dia de luto para a cidade da Bahia; as tropas portuguesas, logo ao amanhecer, se derramaram pelas ruas e praças, e cometeram toda a casta de depredações; atacaram os quartéis onde se abrigavam as tropas liberais, e conseguindo entrá-los travaram braço a braço, peito a peito, uma luta feroz e encarniçada, uma luta de morte; e o saque foi geral, nem sequer pouparam as sagradas joias da capela da Senhora do Rosário, ricamente paramentada, que existia dentro do aquartelamento do extinto 1º Regimento de Linha.

Já não guerreavam com as armas belicosas; soldados grosseiros, estúpidos e desenfreados, armados de alavancas, como um bando de salteadores, faziam saltar as portas, penetravam nos santos templos, roubavam as sagradas joias, violavam as casas, profanavam o santuário sagrado de famílias inofensivas, e levavam o desacato ao seio das virgens. Tudo sacrificavam à sua brutalidade, à sua concupiscência, à sua avareza, e, bárbaros, assassinavam a mãe, que apertava ao peito o fruto de suas entranhas, cravavam o ferro tinto do sangue ainda fumante nos coraçõezinhos de seus filhos! As tripulações dos navios portugueses vinham também juntar-se à soldadesca e ajudá-la em suas crueldades.

Estas cenas de sangue aterraram a população pacífica, e o general Madeira, frio e impassível como Nero, contemplava-se com um sorriso satânico. Animados os seus soldados com a sua tácita aprovação, renovaram os horrores, redobram de atrocidades.

Entre tantas profanações restava intacto o asilo sagrado das esposas de Deus, das virgens votadas ao culto do Senhor, e o grito tremendo, horrível, sacrílego: “Aos conventos!”, partiu dentre eles, e seus olhos ávidos de ouro e de sangue se voltaram para o mosteiro da Lapa. Que silêncio, apenas interrompido pelo compassado ruído de seus passos, precede a bárbara tempestade!

A madre Joana Angélica, senhora baiana, digna, por suas virtudes, por seus conhecimentos e por suas qualidades, da estima pública, tinha merecido o acatamento e a veneração de suas irmãs, que a escolheram para dirigi-las. Toda a cidade da Bahia apontava para o mosteiro da Lapa, como o asilo de virgens sem nódoa, e falava com orgulho de sua madre abadessa.

Essas virgens votadas ao culto do Senhor estavam prostradas ante os altares, subiam suas preces ardentes e fervorosas, levavam seus rogos a nossa mãe comum, e pediam a sua intervenção na causa da pátria, que se pleiteava nas ruas da cidade, quando as portas estremeceram e caíram pedaços aos golpes dos machados. Os soldados entraram, mas detiveram-se ante o postigo, que dava entrada para o interior; parecia que a unção, que se respirava naquele recinto os havia contido, de repente abriu-se o postigo e se apresentou ante eles uma débil mulher, seu traje era respeitável, o hábito carmelitano cobria os cilícios, que apertavam as carnes, que haviam morrido para o mundo, e sua cabeça veneranda e sublime resplandecia com os cabelos, que lhes branquearam os anos e as macerações.

Era a madre abadessa, era a sóror Joana Angélica.

Que dissuasões não empregou ela, como não falou eloquentemente em nome de Deus, como não conjurou-os a que se retirassem, como não lhes mostrou a ignomínia, que lhes resultava de tanta covardia, a eles, os bravos da guerra peninsular, que, degenerados, se glorificavam com o triunfo dos salteadores, e se coroavam com os louros do saque!

E a turba, rugindo, como um leão, avançava compacta e ameaçadora.

– Detende-vos, bárbaros, bradou a madre abadessa com o acento nobre da indignação e da mais santa coragem, aquelas portas caíram aos vaivéns de vossas alavancas, aos golpes de vossos machados, mas esta

passagem está guardada pelo meu peito, e não passareis, senão por cima do cadáver de uma mulher!

E eles, avançando sempre, lhe atravessavam e peito com as baionetas. A madre abadessa cruzou os braços sobre o seio ensanguentado, como se apertasse contra ele a gloriosa palma do martírio, que recebia com a sua morte, alçou os olhos para o céu, e expirou com um sorriso nos lábios.

O capelão do convento, Daniel da Silva Lisboa, respeitável pelas suas virtudes e idade, acudiu ao conflito, entrou e contemplava cheio de horror o cadáver de uma santa no meio de tanta profanação, quando recebeu também a morte na ponta das baionetas!

Que pavor! O pavimento, tinto do sangue dos mártires, estremeceu, como a terra sacudida por suas comoções internas, e as abóbadas ecoaram os gritos da soldadesca, que se derramava pelos longos corredores, que profanava o asilo sagrado, onde reboavam há pouco, ao som da música grave e profunda dos santos profetas, as vozes puras das esposas do Céu, os hinos sagrados das filhas de Sião. As freiras, espavoridas fugiram, e buscaram no convento da Soledade uma guarida contra aqueles monstros, que ávidos das riquezas de seu claustro, se embriagavam no saque!

*

A Bahia corria às armas, os brasileiros deixaram a cidade, retiraram-se para o recôncavo e sitiavam os inimigos, tendo à sua frente o tenente-coronel Carvalho e Albuquerque depois visconde da Torre. Do arraial da Feira de Capuame, dirigia ele as suas proclamações chamando os baianos à guerra, e enviava emissários a todos os lugares, para angariar patriotas, que viessem voluntariamente engrossar as fileiras dos independentes.

As senhoras baianas por sua parte não se mostraram indiferentes ao grito da pátria. Escolheram um cidadão distinto para vir trazer ao trono da imperatriz Leopoldina, então princesa real, os votos de sua adesão à causa nacional e oferecer-lhe em seus nomes a suas jóias, caso fossem necessárias, para a manutenção da santa guerra da independência.

O cidadão M. J. Pires Camargo, incumbido de tão honrosa missão, exprimiu-se assim em nome das senhoras baianas interpretando tão nobremente os patrióticos sentimentos, que as animavam:

“Real senhora! Se a sensibilidade é a virtude, que gradua o entusiasmo daquelas ações, que tem por objeto a glória da pátria e o interesse de suas prosperidades, ninguém poderá disputar às ilustres baianas o direito de vir à presença de Vossa Alteza Real oferecer suas homenagens, na época em que o Brasil, sua pátria comum, principia a se elevar ao abatimento, em que enlanguesceu por séculos, com manifesta afronta dos grandes recursos, que ele oferecia, para poder entrar na jerarquia das nações mais famosas.

“Animadas por este mesmo espírito, por esta mesma energia de caráter, que sempre distinguiu os cidadãos da Bahia, elas não podiam deixar de mostrar sua indignação à vista das temerárias e insultadoras pretensões de alguns gênios facciosos, que pretendem erguer no seio daquela cidade os monumentos da antiga escravidão do despotismo colonial, quando todas as províncias suas irmãs levantavam debaixo da sagrada égide da constituição a grande árvore de sua liberdade política.

“A formidável perspectiva das baionetas já tintas no sangue de pessoas de seu sexo, bem longe de amortecer o seu patriotismo, só serviu para obrigá-las a correr mais depressa a se unirem à brilhante cadeia, que ligará todo o Brasil em roda do trono do incomparável príncipe regente, defensor perpétuo dos seus direitos. Roma se lisonjeou em outros séculos de achar em suas ilustres matronas os testemunhos do mais público interesse pela sorte de suas vitórias: elas salvaram a pátria ameaçada pelas lanças do inflexível Breno; ofereceram com o maior heroísmo todas as suas jóias depois da batalha, e quando sobre as ruínas de Veies o célebre Camilo deliberava sobre o modo de ajuntar a soma de ouro necessária para a oferta, que se devia enviar a Apolo, elas apareceram com uma generosidade sempre admirável, apresentando para desempenho do voto o ouro, que possuíam. A Bahia teria o prazer de ver renovado este espetáculo, se as circunstâncias chegassem a ponto de exigirem os mesmos sacrifícios, e as nações da Europa conheceriam que o gênio das senhoras baianas é em tudo igual ao dessas heroínas, que ainda vivem, e recebem louvores sobre as páginas da História, que nos transmite a lembrança de suas virtudes. O direito de viver na posteridade é o mais honroso e a maior recompensa, que as senhoras baianas procuram, vindo à augusta presença de Vossa Alteza Real oferecer os seus corações, como as mais belas oferendas, que a natureza pôs ao alcance de seu sexo.

“Na augusta linha das princesas do antigo hemisfério qual será mais digna desta homenagem, do que Vossa Alteza Real? Filha dos Césares, herdeira daquelas virtudes políticas, que sustentam há séculos a glória da augusta casa da Áustria, enriquecida dos conhecimentos literários, que na Alemanha sempre fizeram o ornamento de muitas senhoras respeitáveis, Vossa Alteza Real promete ao Brasil na sereníssima família das princesas e príncipes futuros os penhores mais infalíveis de sua glória à sombra da constituição, que cobrindo o trono, o fará mais respeitável, do que jamais foi. Nós acreditamos que as potências da Europa já nos contemplam com ciúme, porque somos possuidores de príncipes tão liberais, tão amigos dos povos, e tão afastados dessa antiga política, que fazia sempre inacessíveis as pessoas dos reais aos infelizes, quando eles os procuravam em suas aflições. Se o Brasil não tivesse esta fortuna na crise do desenvolvimento de suas forças físicas e morais, não poderia conceber esperanças de subir à altura, a que ele se propõe chegar. O império mais florente hoje no norte da Europa deve a sua rápida elevação ao gênio de um príncipe, que, voltando das cortes estrangeiras levou as artes e as ciências ligadas ao carro triunfal, em que entrou em seus estados, deve a sua legislação a uma princesa, que mandou aos sábios, que pesassem em uma balança imparcial os direitos de seus povos, para que nunca reclamassem contra a justiça. Nós deveremos nossa fortuna a um príncipe, que viajando pelas províncias do Brasil, desassusta os povos ainda receosos de que volte o antigo despotismo, e o convida a gozarem das vantagens da regeneração política, que lhes oferece, a um príncipe, que pondo em prática o exemplo de Luís XIV, inspirado pelo patriotismo do nosso Colbert brasileiro, chama de todas as partes do globo os sábios e os artistas para virem adentrar o gênio dos brasileiros e oferecer-lhes as riquezas da árvore da ciência, que nos fora defendida por uma política menos fundada, do que as do paraíso; deverão igualmente a Vossa Alteza Real a inviolabilidade dos nossos direitos, porque transmitirá aos nossos príncipes estes sentimentos do amor dos povos e da conservação das suas regalias, segundo os príncipes constitucionais.

Digne-se, portanto Vossa Alteza Real acolher com benignidade os protestos de respeito, de submissão e do particular amor, que as baianas consagram a Vossa Alteza Real, como o brasão de seu sexo na Europa, e no

Brasil, aceitando esta felicitação, que eu com infinito prazer, encarregado pelas mesmas ilustres baianas, ofereço a Vossa Alteza Real.”

*

Não se limitaram as senhoras baianas à simples manifestação de seus patrióticos sentimentos. Algumas dentre elas se distinguiram além do que se devia esperar de seu sexo: empunharam as armas, voaram ao campo da batalha!

Tanto pode o entusiasmo inspirado pelo amor da pátria!

Entre estas corajosas mulheres, de almas varonis, de corações guerreiros, tornou-se célebre dona Maria de Medeiros.

Tranquilo e indiferente à causa, que se pleiteava, achava-se no seu sítio do rio do Peixe, não longe da então vila da Cachoeira, o colono português Gonçalo de Medeiros, que vivia da criação de gado e cultura de algodão, quando um desses emissários veio bater-lhe à porta.

Recebeu-o Gonçalo de Medeiros com aquela hospitalidade brasileira, que tanto admiram os estrangeiros, apresentou-o à sua família, levou-o para sua mesa e ofereceu-lhe o seu jantar.

Sentou-se à mesa com o seu hóspede, tendo a seu lado a sua esposa e seus filhos, bem como dona Maria de Medeiros, filha de sua primeira mulher, que era senhora portuguesa. Rolou a conversa sobre os recentes acontecimentos, e sobre o que mais havia de interessante para se falar? O emissário demonstrou com as mais vivas cores o progresso e riqueza desta terra, que primeiro se chamou da Cruz, como um dos mais belos países do mundo, e quais seriam os benefícios, que resultariam para o seu engrandecimento e progresso, se se tornasse independente, formando com todas as suas províncias um dos maiores impérios. Expôs a degradante condição, a que o reino português queria de novo reduzir o Brasil, tornando-a simples colônia, para fazê-lo voltar à opressiva e humilhante tirania, que tanto impediria a sua marcha na senda da prosperidade e da civilização. Narrou com entusiasmo e eloquência a proclamação da emancipação política, que sem derramamento de sangue triunfava nas províncias do Sul, narrando os longos serviços, e mostrando a glória de dom Pedro I, como fundador da monarquia americana e exaltando as virtudes da jovem imperatriz, acabou por apelar para o amor da pátria e generosidade de seu hóspede.

As palavras, como mágicas expressões, acendem o entusiasmo no coração da jovem baiana, dona Maria de Medeiros. O colono porém, que se mostrara frio, insensível e indiferente, respondeu que estava velho, e que portanto não podia ir reunir-se ao Exército; que não tinha filho algum, que pudesse dar em seu lugar, e que um ou outro escravo dentre vinte e tantos, que possuía, que mandasse para as fileiras dos independentes, nenhum interesse teria em pelejar pela liberdade de país, que não era o seu, e terminou ajuntando, que aguardaria com paciência o resultado da guerra, e seria súdito pacífico do vencedor.

– É verdade que não tendes um filho, meu pai, lhe disse Maria, mas lembrai-vos que as baianas do Recôncavo manejam as armas de fogo, e o exercício da caça não é mais nobre, do que a causa da pátria. Tenho o coração abrasado; deixai-me ir disfarçada empunhar as armas em tão justa guerra.

– As mulheres, respondeu o velho, fiam, tecem e bordam, e não vão à guerra.

Maria de Medeiros calou-se, suspirando tristemente; o emissário admirando o contraste, que se dera entre o pai e a filha, louvou tanto patriotismo, elogiou tão nobre empenho e retirou-se.

A jovem dirigiu-se furtivamente à casa de sua irmã casada, que morava a pouca distância. As palavras do emissário ainda lhe retiniam nos ouvidos, e pois, com os olhos brilhantes de entusiasmo, relatou tudo a sua irmã, e terminou dizendo, que desejava ser homem, para poder ir reunir-se a seus compatriotas.

– Pois eu, respondeu a irmã, a não ser casada e ter filhos, era bastante ouvir metade do que me contas, para ir alistar-me nas fileiras do imperador.

Esta linguagem determinou o ânimo da jovem Maria, fazendo-a se decidir pela ideia, que a dominava; pediu à irmã alguma roupa de seu cunhado para seu próprio uso, e retirou-se. No dia seguinte Maria de Medeiros seguia de longe, sem ser vista, a seu pai, que se dirigia à vila da Cachoeira a vender seus algodões; aproveitava-se assim da companhia, sem que ele o soubesse, para que o seu socorro lhe fosse útil no caso de necessidade. Ao avistar a vila da Cachoeira, fez alto, apartou-se da estrada, perdeu-se de seu pai, vestiu os trajés varonis, que levava, e entrou na povo-

ação: dali a dois dias um soldado fazia a guarda do quartel do regimento de artilharia.

Era ela.

Conheceu, porém, que o serviço lhe pesava por demasiadamente impróprio à debilidade de seu corpo, à delicadeza de seu sexo, e passou-se para o batalhão de caçadores denominado dos voluntários do príncipe dom Pedro, organizado sob o comando do bravo major José Antônio da Silva Castro. Já então era conhecido o seu disfarce. Traiu-a o próprio pai quando, sabendo de seus desígnios, dirigiu-se ao quartel para reclamá-la; já era tarde; tinha prestado o juramento solene ante o altar da pátria, que reclamava o concurso de seus filhos, repetindo o brado sagrado do Ipiranga.

As fileiras do Exército da independência não tiveram simplesmente um defensor. Dona Maria de Medeiros mostrou-se guerreira corajosa e distinguiu-se por seus feitos d'armas. Quando os inimigos tentaram de novo apoderar-se de Itaparica e outros muitos pontos da costa, ela achou-se à frente de muitas senhoras baianas, e guiou-as à vitória. Repelida de Itaparica pelo bravo general J. J. de Lima e Silva, a esquadra inimiga aprofundou-se à foz do Paraguaçu. Nem a chuva de metralha, que varria a praia, despedida das bocas de fogo das embarcações, nem as ondas embravecidas as detiveram; investiram, protegidas pelo impávido e intrépido capitão Vítor José Topázio, com água até aos seios, e viram com glória o inimigo ceder de seu intento e afastar-se para longe de suas balas mortíferas.²

2 Ladislau dos Santos Titara não se esqueceu desse feito quando compôs o seu poema *Paraguaçu*. Os versos, que tratam do ataque tão bravamente repellido pelo capitão Vítor José Topázio, são os seguintes:

..... Por fim investem
A do Paraguaçu foz, em que o Vítor,
Valente defensor, vigia ativo
As tretas ab-rogar-lhes. Mas reteimam
Aqui as hostis proas; porém forte
Barreira opõem-lhes os patrícios peitos
E armígeras baianas, que terríveis

Do frágil sexo deslembrando-o mimo
Os aguardam na praia, iras nutrindo.

O brado do Ipiranga retumbou finalmente nos campos de Pirajá e nas praias de Itaparica! Os louros da vitória coroaram as armas brasileiras! O general Madeira, desanimado pelo aperto do cerco, sentindo os horrores da fome, embarcou-se com as suas tropas e fez-se de vela para o Reino.

Tu, destemida Pentestília heroica,
 Tinta de iras, rancor e toda fogo,
 Mais e mais n'alma delas sopras flamas
 E exemplar condutora a todas bradas:
 “– Jurai de coração, ó feliz sexo,
 “(Deus em vão não chameis!) jurai comigo
 “Justas penas tomar da raça iníqua,
 “Que o recinto da paz violar ousando,
 «À vil sanha imolarão vestal pia:
 “E, entre pilhar infame, à pátria ultraje,
 “Massacrando ferozes, roubar tentam
 “Jóias, que a vida de mais alta estima!
 “Como, oh como vereis dos brutos gumes
 “Pendente espernegar, morrer a prole;
 “Roto o peito, morrer o pai querido,
 “Morrer o esposo terno e o terno amante?
 “Como guerreiras? Ah! Voe-se às águas!...”
 Cessaste; mais que todas pressurosa
 Té nas ondas, que o seio alvo te afogam,
 Penetras guerreando, e dos pelouros
 Não te acurvam relâmpago e tempestade
 Oh férvida amazona, quem primeiro,
 Quem derradeiro ao Orco lançarias,
 Mil clavinaços disparando a frouxo?
 Já mastros mordem os rompidos lusos,
 Outros sumir-se, e as vidas vão no pego,
 E às baianas d'aqui realça a glória.
 Renegado o inimigo abrindo as velas
 Cedem a palma e o passo, e vão em giro
 Sítios outros tentando; mas em todos
 Caloroso chofra-os pátrio brio,
 Que em pátrio peito, liberdade, geras.”

* Dona Maria de Medeiros. – No canto épico a festa do Cruzeiro, procurei celebrar os feitos d'armas de tão distinta brasileira

Raiava então o 2 de julho, e o grande Exército pacificador entrava triunfantemente na capital da província e fazia tremular sobre as eminências a bandeira auriverde! O general Madeira ouviu ainda o estampido do canhão, saudando o pavilhão de um novo povo!

As freiras da Soledade tinham preparado brilhante recepção aos defensores da pátria, que tão nobre e corajosamente haviam vingado o martírio da sua irmã, a madre Joana Angélica. Um arco triunfal, enramado de folhas verdes, se elevava por onde tinha de desfilar o Exército em sua passagem. Enviado pela superiora madre Maria José do Coração de Bulcão, o padre vigário Antônio José Gonçalves de Figueiredo, então capelão interino das religiosas, veio em nome das mesmas saudar o general J. J. de Lima e Silva, dirigindo-lhe a seguinte alocução:

“A madre superiora e mais religiosas deste convento, inundadas do mais justo prazer e alegria pela plausível e triunfante entrada do Exército pacificador nesta cidade, tem a honra de oferecer a V. Exc. e aos srs. chefes e oficiais do valoroso Exército do seu comando, estas verdes e frondosas coroas de louro, para passar com elas neste arco triunfal.

“E como as mesmas religiosas, pela sua profissão, não podem pessoalmente adornar-lhes as frentes, digne-se V. Exc. receber das minhas mãos este público testemunho das grandes virtudes e patriotismo, de que se acha revestida toda esta ilustre comunidade.”

As portas do claustro estavam abertas em sinal de gozijo, e o general Lima e Silva foi com a sua oficialidade agradecer pessoalmente esta prova de estima, esta demonstração de amor da pátria. Acompanhava-o também a célebre guerreira d. Maria de Jesus. As religiosas, cheias de entusiasmo, espargiram-na de flores, coroaram-na de grinaldas entrançadas das folhas verdes e floridas do cafezeiro, e abraçando-a pediram-lhe que transmitisse esse abraço de gratidão aos bravos do Exército pacificador.

Assim as tropas do general Madeira se retiraram, levando as espadas nodoadas do sangue de mártir Joana Angélica, enquanto que as tropas do Exército pacificador entravam na capital, coroadas com as grinaldas tecidas pelas mãos das religiosas baianas.

Pacificada a Bahia, embarcou-se dona Maria de Medeiros e veio trazer a dom Pedro I a nova da feliz restauração. O imperador, que amava os bravos, que se entusiasmava com a glória das armas, tomando uma

insígnia de cavaleiro da sua Imperial Ordem do Cruzeiro, colocou-lhe no peito com a própria mão, dirigindo-lhe estas simples, mas sinceras palavras, que tanto a sensibilizaram: “Concedo-vos a permissão de usar esta insígnia como um distintivo, que assinale os serviços militares, que com denodo raro entre as mais do vosso sexo prestastes à causa da independência do império na porfiosa restauração da Bahia.”³

Dela faz Wanden honrosa menção na sua História do Império o Brasil.

A ilustre inglesa Maria Graham, que viajou pelo nosso país, e escreveu e publicou em Londres o jornal de sua viagem, ornou a sua obra com o retrato de dona Maria de Medeiros, deu algumas notícias biográficas, e teceu-lhe o seguinte e modesto elogio: “Dona Maria não é instruída, mas é hábil. Creio que com alguma educação poderia ter-se tornado notável. Pouco ou nada tem a sua aparência de varonil; suas maneiras são belas e agradáveis, pois não obstante viver entre soldados, não só não contraiu os seus hábitos grosseiros, bruscos e vulgares, como até nada se pode dizer contra a sua honra.”

Trajava o uniforme de seu batalhão, porém para mais recato adicionava-lhe um saiote; não era Joana d’Arc, mas um *highlander*.⁴

Da geração, que assistiu às peripécias do grande drama da independência, já pouco resta. Já quase que todos os heróis dormem no seu leito de glória entre os troféus, em que nascera o império americano.

3 Querendo conceder a dona Maria Quitéria de Jesus Medeiros um distintivo, que assinale os serviços militares, que com denodo, raro entre as mais de seu sexo, prestara à causa da independência deste império, na porfiosa restauração da Bahia: “Hei por bem permitir-lhe o uso da insígnia de cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Paço, em 20 de agosto de 1823, segundo da independência e do império. Com a rubrica de S. M. I. – João Inácio da Cunha.

4 Recebi hoje (29 de agosto de 1823) a visita de dona Maria de Jesus, jovem senhora, que ultimamente distinguiu-se na guerra do Recôncavo. Trajava o uniforme de um dos batalhões do imperador, com a adição de um saiote, que me disse a optara do figurino de um *highlander*, por lhe parecer mais conveniente a seu sexo. O que dirão os Gordon e Mac-Donald? O vestuário do antigo Gaul, escolhido como adorno mulheril! *Journal of a Voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, by Maria Graham. 1 v. In-4, Londres, 1824, p. 292.

Que a pátria reconhecida jamais se esqueça de seus nomes, e que ao repeti-los rememore também alguma vez o nome da mulher guerreira, que combateu pela liberdade, o nome de dona Maria de Medeiros. Por que não soarão também ele entre os hinos e as ovações de 2 de julho? Por que a nossa história, muda para ela, não lhe consagrará também uma de suas brilhantes páginas?

*

No princípio do século XVIII ergueram os paulistas o brado de guerra contra os filhos de além-mar. Da designação de Emboabas ou Forasteiros, que lhes davam, passaram infelizmente às agressões armadas, e começou a luta civil tão renhida como sanguenta. Era o prólogo do grande drama da independência que se representava então na capitania de Minas Gerais, e ainda hoje Capão da Traição guarda em seu nome a lembrança dos horrores e atrocidades de que foram vítimas os paulistas, vencidos pela mais negra das perfídias. Reduzidos a um pequeno Exército e perdida a esperança dos socorros que aguardavam do governador d. Fernando Martins Mascarenhas, retiraram para S. Paulo; mas seus compatriotas os receberam friamente. Correram aos braços de suas próprias mulheres, mas as paulistas lhes lançaram em rosto o haverem se ausentado das Minas como fugitivos, sem que procurassem pelo seu valor e coragem o desforço dos agravos, a vingança da derrota, a punição da traição, e estimulando-lhes os brios, conseguiram fazê-los retroceder.

“Este fogo”, diz o historiador Rocha Pita, “soprado por aquele sexo em que se acha mais pronto o furor vingativo, e em que mais ardem os corações dos homens, crescendo nos paulistas com a consideração do crédito, que deixaram ultrajado, e da fama, que tinham perdido (chama interior, que os não abrasava menos pelos seus naturais brios), os fez juntar um numeroso Exército de paisanos, para tornarem de novo à palestra com os seus contedores, e elegendo por seu general a Amador Bueno, pessoa entre eles de maior reputação no valor e na prática das armas, marcharam para as Minas”.

Cem anos depois aparecia de novo na nossa história o nome das nobres paulistas. Entusiasmadas com a independência brasileira, mostraram-se também interessadas pela causa sagrada da pátria. Uma de-

putação especial de senhoras paulistanas felicitou a augusta imperatriz Leopoldina, pela sua gloriosa aclamação, e nas seguintes palavras, cheias de sinceridade, inspiradas pelo amor da pátria e não eivadas de lisonja, lhe ergueram monumento de gratidão, que, como confessa o visconde de Cairu, honra o belo sexo da província de S. Paulo:

“Senhora! Se o amor da pátria, se a gratidão são as primeiras virtudes das grandes almas; se a natureza, formando o coração do homem, plantou nele esses germes preciosos, que se desenvolvem e se elevem à vista dos objetos dignos dele; se estes não foram atributos do sexo varonil, não é para admirar que as paulistanas, em cujos peitos se agasalharam sempre virtudes heroicas, dando desaforo aos sentimentos mais caros de seus corações, se animem a aparecer junto ao trono imperial a beijar a egrégia e liberal mão de vossa majestade imperial, e render-lhe os mais justos protestos de submissão, respeito e eterna gratidão, e dar na augusta presença de Vossa Majestade Imperial sinceros parabéns ao Brasil e à cara pátria, que fazer da justiça aos elevados merecimentos de Vossa Majestade Imperial, a quem tanto deve, os aclamou seus primeiros imperadores.

“Se nossas vozes não tiveram a ventura de chegar imediatamente aos pés do trono: se não nos coube a glória sem par de beijarmos as imperiais mãos de nossa protetora (glória, que tanto ambicionamos), seja ao menos este um testemunho de nosso amor de particular adesão à augusta pessoa de Vossa Majestade Imperial.

“Entretanto nós dirigimos ao Céu os mais ardentes votos pela conservação da preciosa vida de Vossa Majestade Imperial, de seu augusto consorte, nosso idolatrado imperador, e toda a família imperial; pela segurança e firmeza do trono brasileiro, por cuja estabilidade estamos prontas, transcendendo a debilidade do nosso sexo, a derramar até a última gota do nosso sangue.

“Tais são, augusta senhora, nossos votos; a gratidão e o patriotismo não têm outra linguagem.”

O orador encarregado de apresentar a felicitação à augusta imperatriz, José Arouche de Toledo Rendon, varão esclarecido e um dos ardentes colaboradores da independência, dirigiu-se respeitosamente à mesma augusta senhora nestas sublimes palavras, que são elogio de suas patrícias.

“Senhora! Se tenho a satisfação de haver presenciado nos altas campinas de Piratininga o primeiro brado, que os paulistas deram em de-

fesa da liberdade, e que fez abalar as abóbadas do Congresso lisbonense, onde se tramara e decretara escravidão eterna no Brasil; se então mesmo fui honrado pelos meus patrícios, para com mais dos ilustres deputados irmos em janeiro deste ano assistir, presenciar e coadjuvar os primeiros fundamentos do edifício imperial, que felizmente está levantado; se neste curto período de dez meses tenho adquirido nunca interrompido contentamento de ver que uma força incógnita, mas superior a tudo, tem feito germinar, vegetar e erguer com passos de gigante a árvore de nossa liberdade constitucional; agora, augusta senhora, o meu amor da glória parece ter enchido a seu vazio, quando as minhas patrícias, as fiéis heroínas de S. Paulo, me elegem para chegar à presença tão respeitável como amável de Vossa Majestade Imperial, e em seu nome com o mais profundo respeito beijar-lhe a augusta mão pela sua exaltação ao trono imperial, que como consorte, filha e neta de imperadores, em tudo grande, elas a conceituam como progenitora de uma nova série de Césares, que elevarão o nascente império do Brasil àquela grandeza que lhe marcam os germes que a natureza tem criado nele.

“As paulistas, senhora, ainda que nascidas e educadas longe da civilização das cortes, têm contudo a nobre ambição de circularem o trono de Vossa Majestade Imperial, e com seus cândidos peitos formarem nova muralha em defesa de sua augusta pessoa, mas não podendo realizar tão brioso projeto, elas protestam e juram à face do mundo todo não interromper o costume de educar seus filhos na moral santa, no amor ao soberano, e à pátria, na coragem e nas mais virtudes sociais; elas lhes irão desde a tenra idade fortificando os débeis braços com que um dia defenderam o augusto trono da casa de Bragança no império do Brasil.

“Algumas dentre elas com a justa vaidade de herdarem o sangue do imortal paulista Amador Bueno da Ribeira, conservam os virtuosos desejos de terem filhos de igual fidelidade ao augusto ramo da casa de Bragança, que vai ser o trono do império brasileiro.

“Outras, descendentes dos que primeiro vadeando os vastos sertões do Brasil, descobriram as riquezas com que se ensoberbeceu o Tejo, e se enriqueceu o mundo; e netas dos que à sua custa, no meio de mil privações e perigos tiveram a coragem e patriotismo de destruir e arrasar as cidades de Vila Rica, de Guaíra, e Real, erigidas pelos espanhóis nos nossos

campos de Guarapuava, obrigando os seus colonos a repassar a medonha catarata das Sete Quedas no rio Paraná, têm iguais estímulos de que a sua descendência faça iguais serviços à pátria, e ao augusto esposo de Vossa Majestade Imperial.

“Elas o cumpriram, excelsa senhora; e quem as conhece de mais perto será injusto, se não confessar que aquelas tenras e amorosas matronas, orvalhando de cristalinas lágrimas as rosadas faces, despedem de seus braços para o serviço do estado seus maridos, seus filhos, seus irmãos, recomendando-lhes, com semblante sereno, coragem e fidelidade. O Céu que tanto nos protege, guarde a Vossa Majestade Imperial para ver realizado o que eu pela minha idade apenas posso prognosticar.”

.....

Epílogo
Louvor e crítica

AS SENHORAS BRASILEIRAS, E OS VIAJANTES ESTRANGEIROS
- DOUTOR VALDEZ Y PALACIOS – MAX RADIGUET – EUGÈNE
DELESSERT – ARSÈNE ISABEL

“*E* M GERAL a brasileira não tem essa beleza que assombra ou que se admira, mas tem essa graça que entenece e que se ama.

Se ela não possui esses traços constantes que de uma beleza romana não fez senão uma beleza, tem essas graças fugitivas que de uma pessoa fazem mil. Contemplaríamos um dia inteiro essas belezas perfeitas, porém esses lindos olhos e rosadas faces não teriam mais do que um mesmo olhar e um mesmo sorriso, no entanto que nos lábios de uma brasileira se verão passar rapidamente um prazer e um pesar e suas feições pálidas serão ligeiramente sulcadas pelo movimento insensível de um sentimento terno ou de um pensamento delicado.

“As brasileiras são em extremo sensíveis e eis aí porque não se encontraram entre elas essas belezas perfeitas, de formas gregas, de contornos romanos e de cores de rosa e alabastro de que a brinda a Europa.

“A sensibilidade desfigura nelas, pelos seus movimentos as proporções da figura e os matizes da formosura, porém dá-lhes fisionomia em

lugar de beleza, dá-lhes essa fisionomia que fala ao coração e o faz palpitar de amor. Passa também rapidamente a beleza no Brasil, porque as mulheres, que em geral se mantêm retiradas, dentro de suas casas, estão sempre debaixo da sombra e a beleza, como as outras flores, carece dos raios vivificantes do sol.

“A brasileira é geralmente delgada e de estatura regular, mas por delicadas que sejam as suas formas, estas são sempre vivamente pronunciadas, suas extremidades são finas e delicadas como as de um menino, seu colo colocado com muita graça, dá a sua cabeça doces e ternos movimentos. Sua cintura naturalmente delgada guarda proporção com as mais partes de seu corpo, sem solicitar a beleza de uma desproporção exagerada que igualmente repelem a arte e a natureza.

“Os movimentos de uma brasileira cheia de certo abandono, seu andar lento e brando, sua voz doce e melancólica, seus jeitos melindrosos e sua expressão, se conformam justamente com o clima deleitor sob o qual vive, com ar suave que respira, e com a terra poética que habita.

“O ardor do clima priva as fluminenses daquela compaixão fresca e rosada das europeias, porém sua palidez é mais atrativa do que a alvura e o rosado de Vênus de Guido, e sua languidez tem um poder, tem um encanto que é impossível definir.”

(Dr. Valdez y Pallacios, 1846)

“As circunstâncias excepcionais podem desviar às senhoras brasileiras de seus hábitos caseiros; saem pouco, e não se mostram senão no teatro e na grade de suas janelas. Não são, geralmente falando, bonitas, mas reclinadas preguiçosamente em suas redes, durante as horas calmosas do dia, a sua fisionomia e atitudes têm um não sei quê dessa graciosa indolência e desse melancólico e pensativo que só possuem as americanas.”

(Max Radiguet, 1842)

“Leva-se a mal que os brasileiros exerçam um não sei quê tirano sobre as suas senhoras. Detêm-nas com efeito em uma espécie de gênio impenetrável que as priva de todos os olhares. Não admitem senão raramente pessoas estrangeiras em sua companhia, e não o fazem sem que primeira-

mente sondem a sua moralidade e costumes. Tal caráter sombrio e zeloso explica, sem que o justifique, o isolamento em que vivem as brasileiras que não frequentam a sociedade estrangeira. Existência assim contribui para que fiquem na ignorância dos usos sociais; elas não compreendem a vida da sociedade, que se lhes proíbe e daí um não sei de timidez que nelas se nota e que faz como que duvidar de sua aptidão intelectual. Tem a maior parte arrebatadora figura, aspecto encantador, olhos expressivos que anunciam, que dizem quanto não desejariam, como suas ditosas companheiras europeias, o entretenimento da palestra para se ensaiarem na doce conversação. A sociedade que aformoseariam com a sua agradável presença se fossem nela admitidas, teria por certo mais encanto, e elas acabariam por adquirir esse sentimento de nobre dignidade, de graciosa facilidade que lhes falece. Depende das mulheres a sociedade; e todos os povos que têm a infelicidade de isolá-las não passam de insociáveis. Assim o disse Voltaire.

“Faço votos para que os viajantes que me sucedam nestas terras do Brasil não vejam somente por entre as gelosias e vidraças ou as cortinas dos gradins das janelas esses grandes e negros olhos que tanto se estimaria poder admirar nos pitorescos passeios, nos graciosos salões, no seio das reuniões escolhidas onde o gozo as veria animar.”

(Eugène Delassert, 1890)

“O caráter sombrio e excessivamente ciumento dos brasileiros assaz contribui para o isolamento das brasileiras, que parecem ser condenadas a viver ainda algum tempo. Vi muitas dentre elas joviais, bonitas, amáveis e ainda graciosas que poderiam figurar nos passeios e na sociedade, que poderiam encantar e animar com a sua presença as reuniões formadas unicamente por homens, tão tristes e tão insípidas como insuportáveis. Porque as eloquentes respostas de Voltaire, de Legouve e da senhora de Stäel às sátiras tão injustas como mordazes dos juvenis e dos Boileaus, não são lidas por todas as brasileiras! Adquiririam pelo menos justo sentimento de amor-próprio, e nobre dignidade que lhes revelaria o que valem ou o que virão a valer; e seus lábios não se conservariam mudos quando os perados sofistas do gótico Portugal lhes pretendessem inculcar as máximas reprovadas pelo mundo civilizado.”

(Arsène Isabel, 1834)

.....
Índice onomástico

A

ABREU, Casimiro de – 106
AFONSOS (os) – 37
AHUMADE, Beatriz de – 82
AIRES, Antônio Rodrigues (padre) –
85
AIRES, José Rodrigues – 77
AIRES Sebastião Rodrigues – 79, 85
ALBUQUERQUE, Duarte de – 70
ALBUQUERQUE, Matias de – 70
ALEXANDRE – Ver GUSMÃO, Ale-
xandre de
ALEXANDRE VI (papa) – 31
ALPOIM (brigadeiro) – 79
ALVARENGA PEIXOTO – Ver PEI-
XOTO, Inácio José de Alvarenga
ALVARENGA, Inácio José de – Ver PEI-
XOTO, Inácio José de Alvarenga
ALVARENGA, João Evangelista de –
131, 136
ALVARENGA, Manuel Inácio de – 129
ÁLVARES, Diogo – Ver CARAMURU
ALVES, Catarina – Ver PARAGUAÇU,
Catarina Álvares
AMARAL, Ângela do – 105, 108, 109,
111
AMÉLIA (imperatriz) – 44
ANCHIETA (padre) – 28
ANDRADE, Francisco de Paula Freire
de (tenente-coronel) – 136
ANDREZON (sargento-mor) – 70
ANTÔNIO CAETANO – 125
ARANHA, Bento de Figueiredo Tenrei-
ro – 54

ARAÚJO, José de (Dr.) – 123
ARSÈNE ISABEL – 155, 157
AZEVEDO, Luís Ferreira de Araújo e –
106, 131

B

BAGNOLO (conde de) – 68
BARBACENA (visconde de) – 131
BÁRBARA HEILODORA – Ver SIL-
VEIRA, Bárbara Heliodora Gui-
lhermina da
BARBOSA MACHADO (abade) – 105
BARBOSA, Januário da Cunha (cône-
go) – 14, 123
BARROS – 32
BARTOLOMEU – Ver GUSMÃO,
Bartolomeu de Lourenço de
BEAUHARNAIS – 115
BENEDITO XIV (papa) – 86
BUENO, Amador – 32
BULCÃO, Maria José do Coração de
(madre) – 149
BOBADELA (conde de) – 83, 85, 86,
109
BRANCO, Francisco Luís Castelo – 71
BRANCO, José Joaquim Justiniano de
Mascarenhas Castelo (D.) – 87
BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis
– 123
BRENO – 143
BRETAS, Rodrigo José Ferreira de –
125
BRITO FREIRE – 71

BUENO, Amador (general) – Ver RIBEIRA, Amador Bueno da

C

CABRAL, Pedro Álvares – 24, 25, 26, 37, 38, 40, 43

CAIRU (visconde de) – 107, 152

CALDERÓN DE LA BARCA – 111

CALVINO – 31

CAMARÃO, Antônio Filipe (D.) – 68, 69

CAMARÃO, Clara – 47, 66, 68, 69

CAMARGO, M. J. Pires – 142

CAMARÕES (os) – 32

CAMILO – 143

CAMÕES – 15, 24, 32, 37, 53, 111

CARAMURU – 28, 47, 48, 49, 51, 52

CARDOSO, Baltasar do Coito – 74

CARLOS V – 83

CARLOS X – 42

CARRON DUVILLARD – 108

CARVALHO E ALBUQUERQUE (tenente-coronel) – Ver TORRE (visconde da)

CARVALHO, Antônio de Albuquerque Coelho de – 72

CARVALHO, Henrique Moreira de – 80

CARVALHO, José de Almeida e Vasconcelos Soberal e (governador e capitão-general) – 57

CARVALHO, Luís Antônio Branco Bernardes de – 130

CASTILHO, Antônio Feliciano de – 120

CASTRO, Caetano de Melo e (vice-rei) – 75

CASTRO, José Antônio da Silva (major) – 147

CELSO – 108

CERVANTES – 111

CÉSARES (os) – 144, 153

CÉSPEDA, Afonso de – 82

CLARA – Ver CAMARÃO, Clara

CLARA, Jacinta – 93

COITINHO, Francisco Pereira – 51, 52

COLBERT – 144

COLOMBO, Cristóvão – 24, 35

CORREIA, Diogo Álvares – Ver CARAMURU

COSTA, Cláudio Manuel da – 124-125

CRUZ, João da (frei) – 79, 80

CRUZ, Manuel Pereira da – 62, 64, 65

CUNHA MATOS – Ver MATOS, Raimundo José da Cunha

CUNHA, Damiana da – 47, 55, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64

CUNHA, Delfina Benigna da – 105, 118, 122

CUNHA, João Inácio da – 150

CUNHA, Manuel da – 63, 64-65

CUNHA, Maria de Paula e – 117

D

DAMIANA – Ver CUNHA, Damiana da D'ARC, Joana – 150

DAVIEL – 108

DELASSERT, Eugène – 155, 157

DENIS, Ferdinand – 105

DESTERRO, Antônio do (D., frei, bispo) – 82

DIAS, Antônio – 125

DIAS, Henrique – 32, 69

DUCLERC – 33

DUGUAY-TROUIN – 33, 107

DUPUYTREN – 108

DURÃO, José de Santa Rita – 49

DUTRA E MELO – 106

E

ESTÊVÃO – Ver VELHO, Estêvão
ESTRÉE – 115

F

FARIA, Francisco de (padre) – 109
FERNANDES, Mateus – 67
FIGUEIREDO, Antônio José Gonçalves
de (padre) – 149
FILIPE IV – 69
FILIPES (os) – 32
FONSECA, José Antônio da – 62
FRANCISCA – 77, 79, 80, 81
FRÓIS PERIM – Ver PERIM, Damião
de Fróis

G

GAMA, José Basílio da – 85, 125
GAMA, Vasco da – 24
GARCÍA DE TOLEDO (frei) – 83
GAUL – 150
GERMANA (irmã) – 76, 99, 100, 101,
102, 104
GÓIS, Ana de – 90
GÓIS, Cecília de – 90
GOMES FREIRE DE ANDRADA (go-
vernador) – Ver BOBADELA (conde
de)
GOMES, José (padre) – 83
GOMES, Manuel (padre) – 90
GOMIDE (Dr.) – 100, 102
GONÇALVES, José – 79, 80
GONZAGA, Tomás Antônio – 125,
126, 128, 129
GRAÇA, Inácio da (frei) – 28, 93, 94
GRÁCIA HERMELINDA – Ver MA-
TOS, Grácia Hermelinda da Cunha

GRAHAM, Maria – 150
GUSMÃO, Alexandre de – 88, 94
GUSMÃO, Bartolomeu de Lourenço de
– 88, 94
GUSMÃO, Joana de – 76, 88, 89, 91,
92, 92, 93, 94, 95

H

HEISTER – 108
HENRIQUE IV – 31
HOMERO – 119

I

IBÁÑEZ, Pedro (D.) – 83
INÁCIO – Ver GRAÇA, Inácio da

J

JABOATÃO – 66, 109
JACINTA – Ver SÃO JOSÉ, Jacinta de
JARDIM, José Rodrigues – 65
JENNER, Eduardo – 91, 117
JOANA – Ver GUSMÃO, Joana de
JOANA ANGÉLICA (madre) – 138,
141, 149
JOÃO – Ver MARIA, João Álvares de
Santa
JOÃO III (D.) – 27, 31, 51
JOÃO IV (D.) – 32
JOÃO V (D.) – 33, 75, 94
JOÃO VI (D.) – 36, 39, 42, 43
JOÃO DAMASCENO – Ver ALVA-
RENGA, João Evangelista de
JOSÉ [índio] – 62, 65, 78
JOSÉ I (D.) – 34, 86
JOSÉ EULETÉRIO – 131
JOSÉ, Antônio de S. (frei) – 83

JOSÉ, Jacinta de são (madre) – 77, 78,
79, 80, 81, 84, 85, 86, 88
JOSÉ, Josefa de são – 76
JOSUÉ – 36
JUNQUEIRA FREIRE – 106

K

KARSCHIM, Ana Luísa – 121

L

LA ROCHEFOUCAULD – 112
LAFAYE – 108
LAVRADIO (marquês de) – 85
LEÃO, Luís de (frei) – 83
LEGOUVE – 157
LEMONS, Gaspar de – 26
LENCASTRE, Maria Úrsula de Abreu –
74, 75
LEÔNIDAS – 67
LEOPOLDINA (imperatriz) – 142, 152
LICHARDT (almirante) – 67
LISBOA, Baltasar da Silva (conselheiro) –
81, 105, 107
LISBOA, Daniel da Silva – 142
LISBOA, José da Silva – Ver CAIRU (vis-
conde de)
LONGUEVILLE – 115
LOPE DE VEGA – 111
LORENA, Ana de – 85
LUCAS JOSÉ – 129
LUÍS – Ver MENESES, Luís da Cunha e
LUÍS XIV – 144
LUÍSA [índia] – 62, 65

M

MADEIRA (general) – 140, 148, 149
MAGALHÃES, D. J. G. de – 109, 112

MAINTENO – 115
MAIOR, Antônio da Cunha Souto (de-
sembargador) – 71
MANUEL (D.) – 25
MANUEL DE JESUS (frei) – 80
MANUEL FRANCISCO (padre) – 80
MANUEL PEDRO – 140
MARIA I – 15, 35, 83, 85, 87, 134
MARIA BÁRBARA – 47, 54
MARIA DA ENCARNAÇÃO (madre)
– 87
MARIA DA GLÓRIA (princesa) – 43
MARIA DE JESUS – Ver MEDEIROS,
Maria Quitéria de Jesus
MARIA DO ROSÁRIO – 125
MARIA DOROTEIA – Ver SEIXAS,
Maria Joaquina Doroteia de
MARIA IFIGÊNIA – 130, 131, 132, 137
MARIA ÚRSULA – 66
MARIA, João Álvares de Santa – 88, 94
MARICÁ (marquês de) – 111, 112
MARÍLIA DE DIRCEU – Ver SEIXAS,
Maria Joaquina Doroteia de
MARTIUS – 104
MASCARENHAS, Fernando Martins
(D., governador) – 151
MASCARENHAS, Inácio Manuel da
Costa (Dr.) – 80
MATOS, Grácia Hermelinda da Cunha –
105, 111, 112
MATOS, Gregório de – 105
MATOS, Raimundo José da Cunha (ge-
neral) – 55, 57, 58, 63
MAYRINK, Antônio Correia – 125
MAYRINK, Baltasar Joad – 125
MEDEIROS, Gonçalo de – 145
MEDEIROS, Maria Quitéria de Jesus –
138, 145, 146, 147, 148, 149, 150,
151

MELO, Afonso Teixeira Arrais de – 75
MENDONZA, Juan de Palafox y (D.) – 83
MENESES, João Manuel (D.) – 57
MENESES, Joaquim Francisco da Cunha Sá e (capitão-mor) – 117, 118
MENESES, Luís da Cunha e (governador) – 56
MESQUITA, Francisco de – 89
METASTÁSIO – 125
MOÇAMEDES – 57
MONTESPIAN – 115
MORAIS, Teotônio José de – 125
MORAIS, Miguel Lino de – 60, 61, 64
MORAIS, Miguel Luís (marechal) – 59
MOREIRA, Inácio Joaquim – 60
MULHER SANTA – Ver GUSMÃO, Joana de

N

NAPOLEÃO – 36
NASSAU, João Maurício de – 68
NEGREIROS (os) – 32
NEGREIROS, Gaspar dos Santos (capitão) – 72
NERO – 140
NÓBREGA, Manuel da (padre) – 28
NUNES, Agostinho (major) – 67
NUNES, Antônio (padre) – 80, 81, 85

O

OLIVAL, Pedro Luís (capitão) – 85
OLIVEIRA, Cristóvão da Costa de (padre) – 89
OLIVEIRA, João de Abreu e – 74
OLIVEIRA, José Joaquim de – 132
ORTIZ, Diego (D.) – 25

P

PARAGUAÇU, Catarina Álvares – 47, 48, 49, 51, 52
PAULO III (papa) – 28
PAULO V (papa) – 82
PEDRO I (D.) – 39, 42, 43, 122, 139, 145, 149
PEDRO II (D.) – 33, 38, 41, 44, 45
PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga (coronel) – 15, 125, 129, 130, 131, 136
PELICO, Sílvio – 134
PEREIRA, Maria Lemos – 77, 79
PERIM, Damião de Fróis – 69, 105
PETIT, J. L. – 108
PETRARCA – 127
PINTO, Manuel Camelo – 60, 63
PINTO, Maria Josefa da Fontoura – 123
PITÁGORAS – 40
PIZARRO (monsenhor) – 14, 71
POMBAL (marquês de) – 34
POTT – 108

R

RADIGUET, Max – 155, 156
RAMOS, Manuel Pereira – 79, 85, 86
RANGEL, Ângela do Amaral – 107
REBELOS (os) – 32
RÉCAMIER – 115
RENDON, José Arouche de Toledo – 152
RIBEIRA, Amador Bueno da – 151, 153
RIBEIRA, Francisco da (D., padre) – 82
RIBEIRO, F. Bernardino – 106
RICHTER – 108
ROCHA PITA – 109, 151
RODRIGUES, Inácio – 88
ROLAND – 115

ROSA – Ver SIQUEIRA, Rosa Maria de
 ROSA, André Vieira da – 92
 ROSA DE JESUS MARIA – 81
 ROUSSEAU, João-Jacques – 46
 ROUX – 108

S

SÁ, Estácio de – 38, 107
 SÁ, Manuel Tavares de Siqueira e (Dr.) –
 109, 111
 SAINT-HILAIRE Auguste de – 55, 57,
 58, 59, 60, 101
 SALDANHA, José da Natividade – 69
 SAMPAIO, F. L. Bittencourt – 96
 SANSON – 108
 SANTA RITA DURÃO – 125
 SANTA TERESA – Ver JESUS, Teresa de
 SANTOS, André Gonçalves dos – 79
 SCARPA – 108
 SEBASTIÃO (D.) – 31
 SEIXAS BRANDÃO – 112
 SEIXAS, Maria Joaquina Doroteia de –
 124, 125, 127
 SERRANO, Jorge [pai] – 90
 SERRANO, Jorge [filho] – 90
 SILVA ALVARENGA – 129
 SILVA E SOUSA – 55, 57
 SILVA, Baltasar da (conselheiro) – 71
 SILVA, Filipe Néri da – 60
 SILVA, J. J. de Lima e (general) – 147, 149
 SILVA, José Bonifácio de Andrada e – 41
 SILVA, Manuel Quintão da – 100
 SILVEIRA ALVARENGA – 125
 SILVEIRA, Bárbara Heliadora Guilher-
 mina da – 14-15, 124, 129, 130, 131,
 132, 134, 136, 137
 SIQUEIRA, Isabel da Costa e – 71
 SIQUEIRA, Rosa Maria de – 66, 71, 72,
 73, 74

SOUSA, Antônio Pedro de – 100
 SOUSA, José da Silveira e – 130
 SOUSA, Manuel da Cunha de Andrade e
 (Dr.) – 109
 SOUSA, Maria de – 66, 70
 SOUSA, Rita Joana de – 105, 106
 SOUSA, Tomé de – 27, 28, 52
 SPIX – 104
 STÄEL – 115, 157

T

TALES – 40
 TERESA DE JESUS – 81, 82, 83, 85
 TIRADENTES – 36
 TITARA, Ladislau dos Santos – 147
 TOLEDO, Carlos Correia de – 136
 TOPÁZIO, Vítor José (capitão) – 147
 TORRE (visconde da) – 142
 TRINDADE, Cipriano da Santíssima
 (D., padre) – 101
 TRISTÃO – 131

U

URSIN – 115

V

VALDEZ Y PALACIOS (Dr.) – 155, 156
 VASCONCELOS, Luís de (D.) – 43
 VELHO, Estêvão – 70, 71
 VIDAL BARBOSA – 125
 VIEIRA (padre) – 28, 32
 VIRGÍLIO – 134
 VOLTAIRE – 157

W

WANDEN – 150

WASHINGTON – 35

WENZEL – 108

X

XAVIER, Joaquim José da Silva – Ver
TIRADENTES

XAVIER, José Cardoso – 57

XAVIER, José Manuel – 132

Z

ZOROASTRO – 113

ZUMBI – 33

Brasileiras célebres, de Joaquim Noberto de Sousa Silva,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em
papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da Secretaria de Editoração
e Publicações do Senado Federal – SEGRAF, em Brasília. Acabou-se
de imprimir em janeiro de 2017, de acordo com o programa
editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial
do Senado Federal.

O livro *Memórias secretas de Carlota Joaquina* – editado pelo Conselho Editorial do Senado Federal, escrito pelo secretário particular de Carlota Joaquina, o espanhol José Presas, expõe as correspondências da esposa de D. João VI, sua vida privada, suas ambições políticas e outras de caráter íntimo. Publicado a primeira vez em Bordeaux, em 1830, na casa impressora Carlos Lawalle.

Acredita-se que a obra foi escrita com intuítos escusos por parte do seu secretário. Seja como for, o livro serviu de fonte a inúmeros historiadores que dele fazem referência.

O volume, cheio de intriga, malícia e revelações palacianas, na opinião de R. Magalhães Junior, “é um dos livros mais pitorescos e mais ricamente informativos que se escreveram sobre o período regencial do Brasil”.

Um livro que também revela o caráter político e humano de uma das mais controversas personalidades da História do Brasil e de Portugal.

